



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS– PROFLETRAS**



ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

**LEITURA E BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE
LEVAR A LER EM “LUGARES DISTANTES”**

**SANTARÉM-PA
2019**

ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

**LEITURA E BIBLIOTECA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE
LEVAR A LER EM “LUGARES DISTANTES”**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca de defesa do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, Turma 2017, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – para a obtenção do grau de Mestre.

Linha de pesquisa: Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

**SANTARÉM - PA
2019**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado Bibliotecas – SIBI/UFOPA

M582l Mesquita, Alessandra Maria de
Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em “lugares
distantes” / Alessandra Maria de Mesquita. – Santarém, 2019.
147 f.: il.

Orientador: Zair Henrique Santos.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto
de Ciências da Educação, Programa de Mestrado Profissional em Letras.

1. Bibliotecas e professores. 2. Crianças - Livros e leitura - Estudo de
casos. 3. Literatura. 4. Incentivo à leitura. I. Santos, Zair Henrique, *orient.* II.
Título.

CDD: 23 ed. 028.9



Universidade Federal do Oeste do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica
Instituto de Ciências da Educação
Programa De Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação
Mestrado Profissional em Letras



Ata da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado Profissional

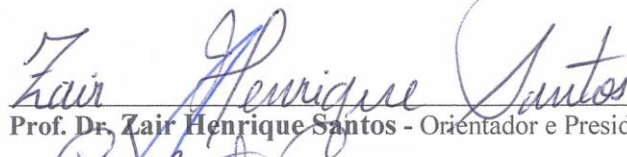
Aos quatro dias do mês de dezembro do ano de 2018, às 08:15 horas na Sala R3 do Instituto de Ciências da Educação (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), reuniram-se os membros da Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as) Drs(as). **Prof. Dr. Zair Henrique Santos** (orientador e presidente), **Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto** (membro interno) e **Profa. Dra. Fabiola Ribeiro Farias** (membro externo) a fim de arguirem a mestranda **ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA**, com a dissertação intitulada **Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em "lugares distantes"**. Aberta a sessão pelo presidente, coube à candidata, na forma regimental, expor o tema de sua dissertação, dentro do tempo regulamentar, em seguida a banca fez as arguições, a candidata respondeu e, após as deliberações na sessão secreta foi:

- Aprovada, fazendo jus ao título de **Mestra em Letras**.
 Reprovada

Recomendações da Banca:

Não houve recomendações da banca quanto a estrutura do trabalho. Nem tampouco aos aspectos conceituais.

Santarém, 04 de dezembro de 2018


Prof. Dr. Zair Henrique Santos - Orientador e Presidente/Profletras - Ufopa


Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto - Membro Interno/Profletras - Ufopa


Profa. Dra. Fabiola Ribeiro Farias - Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus por me conceder a vida e a oportunidade de continuar essa caminhada de estudo ora tão árdua, porém, gratificante. Descobri nesse curso a minha realização pessoal em estar sempre lendo, estudando e aprendendo.

Agradeço imensamente a minha família, minha fortaleza. Minha mãe pelas orações, meu pai pela preocupação, minhas irmãs pelas palavras de incentivo, meu esposo pela compreensão da minha ausência em nosso lar, minha sobrinha pela estadia em Santarém.

A minha filha, minhas desculpas pelos momentos que não pude dar atenção, fazer dormir, pelos dias que não a acompanhei à escola, nas tarefas de casa... No entanto, tenho a certeza que foi a partir do curso que pude revelar ainda mais a ela o belíssimo mundo da literatura.

Meus agradecimentos à Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa – por nos propiciar essa formação como instituição associada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras –Profletras.

À coordenação e professores do programa com os quais muito aprendemos. Deste grupo, destaco o professor Dr. Zair Henrique Santos pelo profissionalismo, pela paciência comigo, pelo respeito, pela amizade que construímos nesses percursos de orientação e pelas descobertas tanto para mim como mestranda como para ele por ser um dos primeiros trabalhos de mestrado que orienta. Meus agradecimentos ao professor Dr. Luiz Percival Leme Brito por acompanhar minha pesquisa e aos membros das bancas de qualificação e defesa pelas contribuições ao meu trabalho.

Agradeço aos colegas da Turma 2017 pelo companheirismo, cumplicidade e amizade construída. Quantos momentos difíceis! Quanta aflição! Mas, superamos e vencemos!

A minha amiga Márcia Alessandra pela companhia das diversas viagens entre Monte Alegre e Santarém e pelas edificantes conversas sobre as temáticas do curso e nosso cotidiano em sala de aula.

À comunidade escolar da Escola Rosália Simões por permitir que eu adentrasse a sua rotina e realizasse a intervenção com a instituição da biblioteca e as ações de levar a ler.

Agradeço ainda, ao meu grupo de estudo Lelit pelos momentos de compartilhamento das pesquisas, pelas discussões, pelos encontros prazerosos e de grande importância para o estudo que estávamos desenvolvendo.

RESUMO

Este trabalho tem como tema: Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”. Está vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras, ao Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e juvenil na Escola – Lelit, da Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa– e segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor. O objetivo deste é investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre-PA. A metodologia adotada consiste em pesquisa de intervenção com a organização de uma biblioteca na escola e o desenvolvimento de atividades de leitura. O estudo iniciou no primeiro semestre de 2017 e se estendeu até outubro de 2018, mas pretendo continuar observando se a escola dará continuidade às ações de levar a ler. A base teórica é: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) e Saviani e Duarte (2010). Os resultados apontam que houve um entusiasmo da escola em utilizar a biblioteca escolar organizada e realizar atividades de leitura com os alunos. Contudo, não alcançou uma proposta mais sólida de todo o corpo docente. Algumas ações desenvolvidas foram contínuas, mas não coletivas.

Palavras chave: Leitura; Literatura; Formação do leitor; Biblioteca escolar.

ABSTRACT

This work has as its theme: Reading and school library: a proposal to take reading in "distant places". It is linked to the Professional Master's Program in Literature - Profile, the Study Group Reading and Intervention in Children and Youth Literature in school - Lelit, Federal University of West of Pará - Ufopa - and follows the research line Children's Literature, literature and education, reader training. The purpose of this study is to investigate the conditions and possibilities of establishing a place to read at the Rosália Simões Barbosa Municipal School of Elementary Education in Monte Alegre-PA. The adopted methodology consists of intervention research with the organization of a library in the school and the development of reading activities. The study began in the first semester of 2017 and lasted until 2018, but I intend to continue to observe whether the school will give continuity to the actions of reading. The theoretical basis is: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) and Saviani and Duarte (2010). The results indicate that there was an enthusiasm of the school to use the organized school library and to carry out activities of reading with the students. However, it did not reach a more solid proposal of the entire faculty. Some actions were continuous, but not collective.

Keywords: Reading; Literature; Formation of the reader; School library.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Atividades do Projeto de Intervenção.....	48
Figura 1 – Escola Professora Rosália Simões Barbosa.....	53
Quadro 2 – Relação de turmas da escola.....	53
Figura 2 – Planta baixa da biblioteca	55
Figura 3 – Armário com livros que estavam na sala da gestão.....	56
Figura 4 – Biblioteca.....	57
Figura 5 – Armário com livros na sala dos professores.....	57
Quadro 3 – Catalogação por cores.....	58
Figura 6 – Disposição das prateleiras.....	59
Figura 7 – Cantinho da leitura.....	59

LISTA DE SIGLAS

- AEE – Atendimento Educacional Especializado.
- CANP – Colônia Agrícola Nacional do Pará.
- COLE – Congresso de Leitura.
- EJA - Educação de Jovens e Adultos
- FAE – Fundação de Assistência ao Estudante.
- FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.
- FNLIJ– Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil.
- IDEB– Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação.
- Lelit – Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e Juvenil na Escola.
- MEC – Ministério da Educação.
- Parfor – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais.
- Pnaic– Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.
- PNBE – Programa Nacional de Biblioteca Escolar.
- PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.
- PNLL – Programa Nacional do Livro e da Leitura.
- PNSL – Programa Nacional Sala de Leitura.
- PPP – Projeto Político Pedagógico.
- Proler– Programa Nacional de Incentivo à Leitura.
- SEB/MEC – Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.
- Semec – Secretaria de Educação.
- Ufopa– Universidade Federal do Oeste do Pará.
- Unesco– Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LEITURA	12
2.1 FALANDO EM LEITURA	12
2.1.1 Da cultura oral à cultura escrita.....	12
2.1.2 Leitura: conceito, tipos e funções	13
2.1.3 A leitura literária: um caminho para a formação de leitores.....	18
2.1.3.1 Arte: a busca da plenitude	18
2.1.3.2 A promoção da leitura pela literatura	20
2.1.3.3 A literatura como direito	23
2.1.3.4 Afinal, qual o lugar da leitura de literatura na escola?.....	27
2.2 AÇÕES DE LEVAR A LER EM LUGARES DISTANTES	29
2.2.1 Alguns limites de promover a leitura em lugares distantes.....	35
2.3 BIBLIOTECA ESCOLAR: LUGAR DE LEVAR A LER.....	37
2.4 PROMOTOR DE LEITURA LITERÁRIA: UM AGENTE CULTURAL NA ESCOLA	40
3 O CAMINHO PERCORRIDO.....	43
3.1 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	43
3.2 PRODUÇÃO DE DADOS.....	45
3.3 OS CICLOS DA PESQUISA.....	47
3.3.1 Fase exploratória da pesquisa	47
3.3.1.1 Projeto de Intervenção: Porque a literatura humaniza	48
3.3.2 Trabalho de campo	50
3.3.2.1 A escolha do local da pesquisa.....	50
3.3.2.2 Caracterização do local da pesquisa	52
3.3.2.3 O espaço físico e mobiliário da biblioteca	55
3.3.2.4 A organização do acervo	55
3.3.2.5 Inauguração da biblioteca.....	58
3.3.2.6 Atividades de leitura.....	60
3.3.3 Tratamento do material.....	65
4 REFLEXÕES DE UMA PROPOSTA DE LEVAR A LER EM LUGARES DISTANTES	66
4.1 RUÍNAS DE UMA BIBLIOTECA.....	66
4.1.1 Vestígios de ações planejadas: uma biblioteca adormecida.....	69
4.1.2 Armário trancado e livros guardados: o fetichismo da leitura	71
4.2 A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR.....	72
4.3 DINÂMICA DA ESCOLA A PARTIR DA INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA	82
4.4 VIVÊNCIA NA BIBLIOTECA	85
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	103

INTRODUÇÃO

Há um consenso com relação à leitura ser elemento importante para o ser humano. Porém, o lugar dos livros, que constitui ponto fulcral para a formação de leitores, não está presente em todas as escolas. Muitas campanhas e projetos têm sido propostos a fim de incentivar o interesse pelos livros. Contudo, as ações não conseguem se fixar. Por isso, propus-me a desenvolver a pesquisa intitulada *Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em “lugares distantes”* com o intuito de investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do estado do Pará.

Para aprofundar a investigação faço uma análise sobre a importância do lugar de levar a ler na escola como espaço de construção do conhecimento, discuto sobre o acesso à literatura no ensino fundamental e as suas implicações na educação, reflito sobre a formação de leitores e a relevância da leitura na escola, bem como acerca da importância do promotor de leitura literária para o espaço de ler. A problemática consiste em investigar quais as dimensões e os limites de um espaço funcionar como um centro de irradiação da cultura escrita em um lugar distante dos centros culturais formais?

Esse estudo tem vínculo com uma linha de pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), através do Grupo de Estudos Leitura e Intervenção em Literatura Infantil e Juvenil na Escola¹(Lelit) que tem tratado do assunto desde 2013, na região Oeste do Pará. Uma vertente desses trabalhos busca instituir espaços de “levar a ler” em “lugares distantes”. Ambos os conceitos em destaque são categorias utilizados por Santos (2016). A primeira se reporta a ações que ultrapassam a promoção e o incentivo à leitura, consiste num valor de cunho interventivo caracterizado por aspectos pedagógicos, político e cultural. A segunda categoria está relacionada a locais sem acesso aos bens culturais como galerias, livrarias, teatros, museus. Esses lugares tanto podem ser geograficamente distantes das metrópoles como estarem às suas margens. Considero como fator relevante o *lócus* da pesquisa estar no interior da Amazônia, região periférica física e culturalmente.

A discussão, portanto, engloba como elementos principais: leitura, acesso ao livro, biblioteca escolar e formação de leitor na perspectiva do direito à leitura, da humanização, da leitura como prática social e da difusão da cultura. Para tanto, trago como base teórica Britto

¹ O grupo reúne professores e estudantes de letras e pedagogia da Ufopa, de graduação e pós-graduação e professores de ensino básico da Santarém, para atividades de estudos, formação e intervenção pedagógica em literatura, alfabetização e biblioteca. O lema do grupo é ler literatura, viver e aprender.

(2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) e Saviani e Duarte (2010). Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo que adotou a metodologia da pesquisa de intervenção subsidiada em Minayo (2001) e desenvolvida em três fases: exploratória, trabalho de campo e tratamento do material.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro é composto pela base conceitual referente à leitura, no qual faço um breve percurso histórico acerca da passagem da cultural oral à escrita, apresento conceitos e tipos de leitura, algumas de suas funções, abordo mais especificamente sobre a leitura literária e a sua promoção, a literatura como direito e o lugar da literatura na escola. Discorro sobre ações de levar a ler em lugares distantes como atividades afins à esta pesquisa, alguns limites dessas ações em lugares distantes, discuto acerca da biblioteca escolar e o promotor de leitura literária.

O segundo capítulo é constituído pela metodologia da pesquisa, o caminho percorrido. Inicia com os aspectos teóricos e metodológicos da investigação, trata da produção de dados e expõe os três ciclos da pesquisa, desde o planejamento, à aplicação do projeto de intervenção, descrevendo as atividades de leitura desenvolvidas.

O terceiro capítulo consiste na análise e discussão dos dados produzidos por meio de reflexões de práticas de leitura. São exibidas as quatro categorias de análise: ruínas de uma biblioteca, a participação da comunidade escolar, dinâmica da escola a partir da inauguração da biblioteca e vivência na biblioteca. Essas categorias são retratadas em consonância com o aporte teórico que subsidia o estudo.

O trabalho com leitura na escola se constitui como uma ação que exige a atenção do poder público no sentido de organizar e manter a biblioteca, detentora do acervo; empenho dos professores, coordenação e gestão para a realização das ações de levar a ler; colaboração dos pais e responsáveis no incentivo à leitura e o envolvimento dos alunos nas atividades propostas. Pensar a leitura pressupõe o desenvolvimento de várias funções: a educativa voltada à formação integral do indivíduo; a cultural e social por meio de diferentes materiais, convivências e relações interpessoais; e a recreativa educativa por meio de atividades variadas. Utilizar a leitura e a biblioteca escolar consiste em proporcionar a democratização do livro, garantir o direito de acesso à cultura escrita e formar cidadãos para a vida.

2 LEITURA

2.1 FALANDO EM LEITURA

A leitura constitui temática antiga nas discussões sobre educação, seja pelas inadequações de práticas pedagógicas, pela falta de práticas leitoras na escola, seja pela importância da leitura no processo de ensino e aprendizagem, bem como pela relevância dessa para a vida. Assim, para entender as mudanças contemporâneas com relação à leitura, é preciso verificar como a cultura escrita foi inserida em nossa sociedade.

2.1.1 Da cultura oral à cultura escrita

A invenção da escrita representou relevantes transformações no desenvolvimento humano. Nas sociedades orais, a comunicação era síncrona, a mensagem enviada era recebida no tempo e espaço em que se emitia. O conhecimento era propriedade de poucos e o repasse se fazia oralmente.

De acordo com Santos (2003, p. 17), a gênese da Era da Escrita marca 5 mil anos atrás com os chineses, maias, sumérios e egípcios, os quais desenvolveram esse tipo de comunicação coincidentemente em épocas similares em lugares distintos do mundo. A origem da técnica pautava-se nas necessidades da agricultura – atividade de grande relevância para a sociedade daquele período. No Egito, inicialmente, predominou a escrita ideogramática², na qual símbolos representavam ideias; apenas os escribas detinham o conhecimento para ler e escrever. Em meados de 1700 a.C., os sumérios desenvolveram os sistemas fonéticos – escrita cuneiforme³. A escrita alfabética é de origem europeia e data de 700 a.C., sendo o primeiro alfabeto organizado pelo povo grego em 500 a.C. Não obstante, a aparição da escrita impressa na história da humanidade só acontece há quase 2 mil anos após o surgimento do alfabeto.

Com o advento da prensa por Gutenberg no século XV, a possibilidade da impressão em série de um texto se tornou realidade. “A ampliação do número de leitores e a produção de um número maior de livros foram um marco para a comunicação de massa. Até então, os poucos exemplares de uma obra eram manuscritos e demoravam muito tempo para ficar prontos” (SANTOS, 2003, p. 47). Dessa forma, quantidade maior de exemplares poderia ser im-

² Escrita de origem egípcia referente aos hieróglifos.

³ “Gravada em artefatos de cerâmica, na qual cada símbolo representava um som, uma sílaba” (SANTOS, 2003, p. 17).

pressa e acessível a mais pessoas. Isso proporcionou ao ser humano, conforme Bértolo(2014), o surgimento de uma atitude leitora rigorosamente díspare da realidade anterior à da era Gutenberg.

O contexto histórico da época era marcado por raras oportunidades de acesso à educação, normalmente apenas os filhos de nobres e membros do clero sabiam ler e escrever. Além disso, os livros “feitos a mão” demoravam a ficar prontos e apresentavam poucas informações. Com o impresso houve uma difusão de conhecimentos, tanto de textos religiosos quanto das diversas áreas de estudo dando espaço à leitura e à exploração do saber. O jornal foi o setor mais beneficiado com as técnicas de impressão.

No século XVIII, com a revolução industrial, o jornal passou a meio de comunicação de massa, divulgando cada vez mais informações. A educação torna-se obrigatória, pois os trabalhadores precisavam saber ler, escrever e calcular para se adequar à sociedade industrial. A partir de então, a leitura e a escrita deixavam de ser exclusivas da minoria da população para se expandir, conforme as necessidades do mundo industrializado.

2.1.2 Leitura: conceito, tipos e funções

Feito esse breve percurso histórico da gênese da escrita e, conseqüentemente, da leitura, é preciso pensar a leitura numa perspectiva etimológica. *Leituravem* do latim *lectura*, que significa eleição, escolha, leitura.

O vocábulo *Leitura* corresponde, em seu sentido básico, à decifração e à interpretação de signos gráficos que representam a linguagem oral, estando as duas ações básicas de ler enunciadas nessa definição – decifrar e entender – de tal modo interligadas que uma implica a outra. (BRITTO, 2015a, p.25).

Nesse contexto, ler ultrapassa a simples decodificação de signos, não nega a decifração, mas vai além, pressupondo o entendimento daquilo que se lê, daquilo que se decodifica. A leitura apresenta caráter histórico, constituindo um produto que se difere a cada época por conta dos fatores que compõem a sociedade. Além disso, para Britto (2003, p. 100), a leitura é um ato político, um modo de se colocar no mundo e entender o homem.

Koch e Elias (2006) versam sobre três concepções de leitura: foco no autor, foco no texto e foco na interação autor-texto-leitor. Cada vertente assume uma posição de língua, de texto e de sujeito com configurações diferentes acerca da leitura. A concepção foco no autor admite a língua como representação do pensamento, o sujeito é dono de sua vontade e o texto é concebido como produto do pensamento do autor. Nessa perspectiva, o leitor tem a função

de “captar” o pensamento do autor: a leitura consiste de uma “atividade de captação das ideias do autor” (KOCH & ELIAS, 2006, p.9-10).

Quando o foco está no texto o sujeito é determinado pelo sistema, o texto é produzido a ser decodificado e o leitor precisa reconhecer os sentidos desse construto. A leitura exige que o leitor se detenha ao texto, porque “tudo está dito no dito” (KOCH & ELIAS, 2006, p. 10).

A terceira concepção, foco na interação autor-texto-leitor, pressupõe aversão dialógica da língua com sujeito ativo na interação com o texto a fim de construir sentidos. Dessa forma, a leitura “é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos” (p. 11). É nessa perspectiva da interação autor-texto-leitor que pretendo encaminhar as ações de levar a ler na intervenção.

No que corresponde a práticas de leitura, João Wanderley Geraldi (1984) sistematizou proposta de ensino de língua fundamentada em três eixos: Prática de produção de texto, Prática de leitura de texto e Prática de análise linguística. O autor admite a leitura como “processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto” (p.26) e exprime possíveis posturas ante o texto tendo como referência quatro posicionamentos: a leitura busca de informações, a leitura estudo do texto, a leitura do texto-pretexito e a leitura fruição do texto.

Na busca de informações, o objetivo da leitura é, *ipsis litteris*, extrair informações do texto. Em atividades nesses moldes, salienta-se a simulação da leitura, em razão de ler para responder a determinadas questões, tornando-se tarefa imposta pela escola, podendo seguir dois procedimentos: busca de informações com roteiro elaborado previamente para responder questões estabelecidas; e busca de informações sem roteiro, no sentido de averiguar informes do texto. Em níveis de profundidade, é exequível extrair informações superficiais ou mais aprofundadas conforme a relação estabelecida com o texto em estudo e com outros textos.

Na leitura estudo do texto, o autor profere a necessidade de especificar a tese, os argumentos e contra-argumentos apresentados e a coerência entre tese e argumentos. Essa orientação não se restringe ao texto dissertativo, desvelando-se como uma das práticas mais corriqueiras nas diferentes disciplinas.

A leitura do texto-pretexito equivale à utilização de determinados textos para executar outra atividade, com finalidades que excede à leitura, a qual é vista como meio para chegar a outros fins, por exemplo disciplinar o aluno, demonstrar regras gramaticais, trabalhar valores, produção escrita, dramatização ou qualquer forma “criativa” de expressar o que o texto diz. Geraldi (1984) não se mostra contrário a esse posicionamento ante o texto, pois prefere pensar na utilização desse procedimento como aporte de dessacralização da leitura.

A leitura fruição do texto se refere ao ler por ler sem a preocupação da praticar a leitura para fazer fichas, ou responder questões. Nesse tipo de postura ante o texto, o autor recupera da vivência leitora três princípios: *o caminho do leitor* (como a pessoa se faz leitora por meio das suas leituras) leitor de um livro; *o circuito do livro* (livros indicados ou escolhidos para a leitura a partir de diferentes relações de recomendação seja pelo colega, visto em redes sociais, propagandas, na escola...); e, *não há leitura qualitativa no leitor de um livro só*, ou seja, quanto mais a pessoa lê, mais subsídios terá de aprofundar o entendimento de suas leituras.

É importante frisar o posicionamento do sistema capitalista voltado à produtividade das ações educativas. Isso porque se trata de um modo de produção econômico que visa o pragmatismo. Dessa maneira, a leitura de fruição não tem espaço na escola porque não consiste em tarefa rendosa para o sistema. É indispensável refletir no papel da instituição de ensino público enquanto *locus* de produção do conhecimento e deveria ser promotora da emancipação do povo, todavia, age para a perpetuação da alienação.

A leitura fruição aduz ao ler por ler, para conhecer a produção intelectual da humanidade, para se emocionar, experimentar fatos não vividos, pelo prazer gratuito de ler. A intenção da minha pesquisa é que a escola possa desenvolver práticas de leitura que levem em consideração essa postura da fruição do texto em suas atividades.

Para Ezequiel Theodoro da Silva (1984), nas sociedades letradas, a leitura é componente básico de todos os níveis de ensino. Isso ocorre por constituir um dos veículos que comporta o registro verbal, sendo instrumento de acesso aos bens culturais. Silva (2009) elucida três posturas do leitor perante o texto: ler as linhas, ler nas entrelinhas e ler para além das linhas. O cerne da discussão está, no entanto, na terceira postura, que caracteriza o leitor crítico com o intuito de “compreender as circunstâncias, as razões e os desafios sociais permitidos ou não pelo texto” (p. 34).

O autor discorre ainda sobre cinco funções da leitura.

Primeiro, a leitura é acesso à herança cultural humana arquivada através da escrita, possibilitando adentrar em todas as áreas de conhecimento, interagir e situar-se no mundo. A segunda se relaciona ao sucesso na formação acadêmica do homem, na qual assume a posição de instrumento de aprendizagem nas disciplinas. A terceira se refere à leitura como meio de conscientização, no qual o livro é fator preponderante no repasse da ciência e da cultura. A quarta função concerne ao combate à massificação exorbitante alastrada pelo sistema capitalista, em que a leitura pode ser suporte à emancipação. A última se reporta à leitura enquanto

difusora do conhecimento, alargadora de experiências e responsável por proporcionar a aquisição de pontos de vista diferenciados.

Para Vincent Jouve (2002), a leitura é atividade multifacetada composta por cinco dimensões. É um processo neurofisiológico, por se tratar de “operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos” (p.17). Perpassa por um processo cognitivo, no qual, após perceber e decifrar os signos ocorre a significação pela conversão das palavras. Uma terceira dimensão está relacionada ao processo afetivo, correspondendo à identificação e às emoções que o texto provoca. Há ainda o processo argumentativo, em que os elementos do texto são organizados de uma forma que expressa a visão de mundo do autor e sua intenção ilocutória⁴. A quinta dimensão corresponde ao processo simbólico que concebe a leitura como “parte interessada de uma cultura” (p.22), agindo, portanto, no imaginário coletivo conforme a época.

O crítico francês, ao tratar da fruição do imaginário, recorre a Sartre para falar que a leitura é uma experiência que liberta e preenche. Para Sartre (*apud* Jouve 2002), a consciência imaginante conduz à dupla sensação: liberdade *versus* criatividade, na qual concomitantemente ocorre a aniquilação do mundo que se afasta e a criação de um novo mundo. Assim, de acordo com Jouve (2002), a leitura desprende das imposições da vida real e renova a percepção de mundo.

Outro autor importante para essa discussão é Constantino Bértolo (2014), para quem a leitura motiva intenso movimento de saída para o exterior e apresenta quatro níveis do processo mental do indivíduo diante do texto narrativo. O primeiro, o textual, refere-se à decifração do código linguístico e os significados dos signos na busca do sentido do texto. O autobiográfico concerne à gama de conhecimentos que a pessoa detém capaz de proporcionar-lhe o entendimento dos textos através de seu repertório biográfico histórico – adquirido no relacionamento social – e pessoal – conforme as configurações semânticas das palavras de forma individual. O terceiro, o metaliterário, reporta-se ao conhecimento acerca da história da literatura e a história leitora de cada leitor. Por fim, o último nível, o ideológico, está voltado ao modo como o leitor vê e interpreta o mundo.

Bértolo (2014, p. 70) acredita ser possível desenvolver cinco tipos de leitura do texto literário; para ele, “o texto é uno. As leituras podem ser muitas”. A leitura adolescente com sobrecarga do fator autobiográfico, a leitura inocente sem questionar os sentidos do texto, a

⁴ “Vontade de agir sobre o destinatário, de modificar seu comportamento” (JOUVE, 2002, p. 21).

leitura sectária supervalorizando o aspecto ideológico, a leitura letraferida⁵ minimiza o elemento metaliterário assumindo a literatura como meio à verdade transcendental, e a leitura do crítico que se relaciona a ler-se, observar-se, vigiar-se, pois, diferentemente do leitor comum, o crítico tem a responsabilidade de levar a público seu discurso diante dos textos.

A partir da produção intelectual contemporânea, Santos (2016) resenha acerca da leitura e a formação de leitor sobre cinco eixos. Ao tratar de leitura e criticidade, aponta a formação de um sujeito emancipado, protagonista de sua história individual e preocupado com o social, capaz de realizar ações autônomas e conscientes para viver em sociedade, pensar e agir no mundo. No eixo leitura e experiência discorre sobre as experiências leitoras particulares incorporadas à existência do leitor com a ampliação de seu repertório cultural. Em leitura e subjetividade, sobressai o trato com o texto literário e sua plurissignificação, tipo de leitura voltado ao leitor e os significados que surgirão a partir de suas experiências. Através do eixo leitura e liberdade, há a possibilidade do leitor de exercitar o ato de ser livre por meio da leitura literária perpassando pelo compromisso social e político com a própria condição humana. E, na linha leitura e conhecimento, recorre aos quatro níveis propostos por Bértolo (2014) anteriormente mencionados admitindo a leitura como uma atividade extremamente complexa.

Diante da discussão acerca da leitura e formação de leitor é importante salientar o resultado do exame de 71 projetos analisados pela Fundação Nacional de Literatura Infantil e Juvenil (FNLIJ) entre 2014 e 2015 que fora apresentado na 20ª edição do Concurso da FNLIJ sobre Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens de todo o Brasil. No estudo, Serra, Britto e Camasmie (2015) abordam acerca de seis linhas de força de promoção da leitura, no intuito de destacar as percepções de leitura, subjetividade e identidade que os programas investigados apresentam.

Dentre essas linhas estão: Leitura e Ludismo se pauta na promoção de atividades lúdicas voltadas ao lazer relacionadas a práticas prazerosas de leitura. Perpassa pelo fato de que, apesar de rápido, o prazer oriundo do lúdico tem cunho formador, pois estimula a fantasia, a imaginação e a fabulação; Leitura e cidadania concerne à dimensão civilizatória humana e à inserção social através da afirmação de direitos e os aspectos da vida em sociedade; Leitura e ilustração envolve o estímulo à leitura enquanto meio de construir conhecimento, adquirir erudição, assim, ser ilustrado corresponde a ser bem formado; Leitura e utilitarismo referente à alfabetização e letramento, é de cunho pragmático tendo em vista ler para fazer algo; Leitura

⁵Leitura letraferida: “Chamaremos de leitura ‘letraferida’ aquela caracterizada por uma hipertrofia do elemento metaliterário no processo de leitura, o que origina que o leitor ou leitora acentue sua atenção naquilo que a narração textual coloca em relação com seu conhecimento e entendimento do literário” (BÉRTOLO (2014, p. 79).

e experiência/formação concerne à formação crítica do leitor, à questão estética, à experiência e à produção de sentidos do texto; e, Leitura e subjetivismo consiste na reconstrução das histórias pessoais, na qual a leitura é vista como afirmação singular e o sujeito protagonista de sua aprendizagem.

São essas ideias que me subsidiaram para perceber a leitura como prática social, meio de transformação do mundo, admitindo, enquanto ato político e maneira de compreender o mundo. Dessa forma, é visível que a leitura assume posição bastante relevante, no entanto, nem sempre é desenvolvida com afinco. Pretendo, portanto, encaminhar as ações de intervenção de promoção da leitura na perspectiva de formação do homem total, na busca de práticas leitoras baseadas na fruição do texto, na relação interativa do leitor e o texto, com vistas a uma formação mais abrangente do homem que não se detenha ao pragmatismo nem ao desenvolvimento de habilidades puramente técnicas para a subserviência ao sistema capitalista de produção. Diante dos conceitos, funções e tipos de leitura expressos nesse capítulo, discorro no tópico a seguir acerca de um dos tipos de leitura que considero de imensa relevância.

2.1.3 A leitura literária: um caminho para a formação de leitores

A leitura literária se refere à leitura de textos de literatura, conhecida como a arte da palavra, o “lugar onde se pensam as palavras” (BÉRTOLO, 2014, p. 127) e onde se constroem seus sentidos e significados. Mas, diante da nossa realidade, do pragmatismo das relações e do domínio capitalista em todos os setores da vida humana, qual a importância da arte? E, por conseguinte, como a leitura de literatura está presente na escola e nas nossas vidas?

2.1.3.1 Arte: a busca da plenitude

A arte existe desde os primórdios da humanidade. Originalmente mamífero, o ser humano tornou-se diferente dos demais seres por meio da experiência em utilizar a natureza. Para Ernest Fischer (1983), a mão foi o instrumento “que libertou a razão humana e produziu a consciência do homem” (p. 23), pois, com o passar do tempo, o homem foi descobrindo usos primitivos que aperfeiçoados o levaram ao domínio da natureza e ao desenvolvimento do trabalho e da linguagem.

O trabalho constitui a atividade vital do gênero homem, é o elemento que o caracteriza enquanto ser genérico (SAVIANI; DUARTE, 2010). A partir do trabalho, o homem traz de maneira universalizada a natureza ao âmbito social: os recursos naturais deixam de ser vistos

como necessários à sobrevivência e passam a ser necessidade social. Com o manuseio de instrumentos, a confecção de ferramentas e a capacidade de trabalhar, o homem desenvolveu a linguagem. “Na medida em que as mãos se tornavam mais finamente articuladas, o mesmo ia ocorrendo com os órgãos vocais” (FISCHER, 1983, p. 36). A linguagem e a gesticulação são elementos intrinsecamente ligados, a fala se desenvolveu ao passo que o homem foi produzindo esforços musculares no manuseio dos instrumentos.

É claro que o homem anseia ser mais do que apenas ele mesmo. Quer ser um homem *total*. Não lhe basta ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, anseia uma “plenitude” que sente e tenta alcançar, uma plenitude de vida que lhe é fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orienta quando busca um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que *tenha significado* (...); anseia por unir na arte o seu “eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar *social* a sua individualidade (FISCHER, 1983, p.12-13).

A arte é umas das formas encontrada pelo homem para desenvolver suas potencialidades, encontrar-se no mundo e viver plenamente. Inicialmente, no entanto, a função da arte consistia em conferir poder ao homem, instrumentalizando-o na luta pela sobrevivência. Com o percurso histórico e a criação das danças tribais, rituais, pinturas, a magia foi se diferenciando em ciência, religião e arte. Dessa maneira, segundo Fischer (1983, p. 19), a função da arte se relaciona sempre ao “homem total, capacita o ‘eu’ a identificar-se com a vida de outros, capacita-o a incorporar a si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser”.

Saviani e Duarte (2010), que tratam da perspectiva histórico-ontológica da formação humana, apoiados nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, de Karl Marx, afirmam que a criação das condições de humanização se dá a partir das relações sociais alienadas. Assim, é preciso superar a alienação, ultrapassar a unilateralidade imposta pela sociedade do capital para chegar ao homem omnilateral⁶, aquele que “se apropria de sua essência universal de forma universal, quer dizer, como homem total” (MARX *apud* SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 428).

Considerando que a educação é o meio pelo qual o ser humano tem acesso às manifestações artísticas, culturais, históricas e políticas, é ela uma das principais fontes de acesso ao

⁶Omnilateral: “é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa ‘todos os lados ou dimensões’. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza” (FRIGOTTO, 2012, p. 265).

patrimônio cultural constituído que precisa ser assimilado, segundo Saviani e Duarte (2010), pelas novas gerações como elemento de sua plena humanização.

Para Britto (2012, p. 51;53), a arte, em suas diversas expressões – literatura, música, pintura, dança, cinema – “supõe a intenção inventiva deliberada no processo de construção narrativa, que nos afasta da reprodução mimética do real”; a arte consiste na “expressão de um desejo de construir e viver mundos e vidas outras”. Diante disso, a arte volta-se para si e questiona a própria condição humana diante da vida e da morte.

Nesse contexto, a arte assume posição de grande relevância, permitindo o homem experimentar realidades através do irreal e de se colocar no lugar do outro. Através da arte, o homem busca sua realização enquanto ser, contemplando sua incompletude. E, diante do mundo alienante que nos encontramos, a arte pode desnudar as artimanhas do sistema e conduzir o homem a agir pela razão em busca da transformação do estado real das coisas sem perder de vista o belo.

Nessa conjuntura, tomando como referência a literatura, uma das expressões da arte, acredito ser de grande importância o seu ensino do âmbito escolar para desmistificar as forças opressoras de um sistema focado no homem como um ser mecânico e não pensante. Assim, na perspectiva de formação do homem omnilateral, da construção do ser humano em suas diversas dimensões e na utilização da arte, mais especificamente, a arte literária, é que encaminho as minhas discussões e busco embasamento para as práticas de incentivo à leitura.

2.1.3.2 A promoção da leitura pela literatura

Diante das tentativas de promoção dessa prática, algumas concepções chegam às escolas e perpassam os debates. Contudo, é preciso cautela quanto à implementação dessas políticas no sentido de indagar que concepções são essas e de ter consciência de o que se promove quando se fala em formação do leitor literário?

Para Britto (2003), o desenvolvimento da leitura literária está relacionado à formação de valores⁷:

Promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários

⁷Valor: “tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daqueles componentes essenciais; e pode-se considerar desvalor tudo o que direta ou indiretamente rebaixe ou inverta o nível alcançado no desenvolvimento de um determinado componente essencial. *O valor, portanto, é uma categoria ontológico-social*; como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural e sim objetividade social” (HELLER, 2000, p. 4-5).

para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística. Estão expressos e fundamentados no texto e na arte literária (BRITTO, 2003, p.112).

Pensar educação é pensar politicamente formação consistente, que dê ao indivíduo subsídios para a práxis. Nessa perspectiva, educação e literatura se constituem como grandes aliadas para o ser humano no que tange a sua formação, tendo em vista o valor imensurável da literatura para a condução da vida humana, e, se apossar dos conhecimentos construídos através da literatura é um bem necessário. A produção literária tem forte característica humanizadora: “quando lemos, nos humanizamos” (BRITTO, 2015a, p.34). Ler textos literários traz significativas contribuições na estruturação da personalidade individual, mexendo com os aspectos cognitivos da pessoa de forma a propiciar a incorporação de comportamentos adequados à vivência social, bem como motiva a organização do pensamento e a assimilação de conteúdos novos por parte de quem lê.

No que concerne à questão da humanização⁸, Candido (2011, p. 175) afirma que “aliteratura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”. Nessa lógica, vê a literatura com amplitude que ultrapassa os mais diversos gêneros textuais e abrange diferentes dimensões da arte, bem como da essência humana nas suas variadas culturas. Assim, literatura não é apenas fruição estética, configurando-se como visão social, uma forma do homem pensar e ver o mundo.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional e dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p.174).

Na concepção de Candido (2011), a literatura é considerada em um âmbito universal de forma a ser um elemento próprio do ser humano independentemente da cultura de que faz parte, da etnia a que pertence ou do lugar que habita. Para o autor, sendo criação humana, sua produção é encontrada onde há seres dessa espécie, das classes mais baixas às mais elevadas da população. Por isso, não se pode pensar a literatura como algo mágico, voltada ao imaginário ou romantizada. Já dizia Agnes Heller (2000) que a arte e a ciência são as formas de elevação da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras, de forma que a arte faz isso devido proporcionar a autoconsciência e a memória da humanidade.

⁸ “O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2011, p. 180).

Assim, é de grande relevância que o indivíduo tenha contato com textos dessa natureza desde tenra idade, como indica Ana Maria Machado (2001). Lendo desde cedo, a pessoa incorpora bagagem cultural que levará para o resto da vida como forma de ver o mundo e agir nele. Logo, é de extrema necessidade a escola discutir o que entende por leitura literária e seu efeito no desenvolvimento humano e como ocorre a leitura literária no âmbito familiar e na escola.

A literatura é, entre outras coisas, o lugar onde se pensam as palavras; as palavras coletivas e, portanto, e também, as palavras privadas. A literatura é o lugar onde se constrói o sentido e o significado das palavras e é, por isso mesmo, o lugar onde se constrói o sentido e o significado da existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade (BÉRTOLO, 2014, p.127).

Pensar a leitura literária é concordar com a maneira pela qual Ana Maria Machado (2001) a apresenta enquanto resistência à padronização, abrindo os horizontes do ser humano e desvelando as estratégias de dominação da indústria do ócio e do entretenimento. Segundo a autora, a ação alienante do sistema capitalista impede que a grande massa chegue ao conhecimento historicamente construído pela humanidade. Ler é descobrir o desconhecido, é conhecer o mundo, é decifrá-lo num jogo de sedução e ampliação da vida. Isso significa aceitar com profundo sentido e valor a leitura literária conforme Silvia Castrillón (2011), sem a considerar como lazer passivo.

É nessa perspectiva que Britto (2015b) considera a leitura, especialmente a literária, “um valor que implica também recusar qualquer acordo com o pragmatismo, o subjetivismo e o relativismo” (p.14). Não se trata de ler para fins específicos e determinados, com os chavões de que serve para alcançar melhor posição social, para ter emprego, mas ler para ser mais humano. O caminho que se trilha, portanto, não cabe ter receitas prontas para a leitura literária porque essa prática não serve para o imediatismo, nem ao pragmático, lê-se para a vida.

Nesse sentido, Vincent Jouve (2002) recorre a Michel Picard para tratar de três funções essenciais da leitura literária. A *subversão na conformidade* é apreendida pela admissão do duplo interesse pela leitura literária, permitindo contestar dada situação e assumir novos posicionamentos. A *eleição do sentido na polissemia* relaciona-se com a pluralidade de significações do texto literário, marcada pela subjetividade que leva à imaginação e interpretações do texto. *Ea modelização por uma experiência de realidade fictícia* dá ao leitor a oportunidade de vivenciar fatos do mundo real por meio de realidades fictícias, experimentando situações.

Umberto Eco (2001) também chama atenção para uma série de funções que a literatura tem na vida individual e social do ser humano. Uma das funções é a manutenção da língua, outra é a língua ser patrimônio coletivo, mas a grande função é que as histórias “já feitas” ensinam também a morrer, a “educação para o fado e para a morte” (ECO, 2001).

A promoção da leitura pela literatura deveria ser um dos principais aspectos a serem contemplados na educação em função da influência que esse tipo de leitura é capaz de proporcionar ao ser humano em todos os aspectos da vida. O trabalho com a literatura subsidia a formação do homem total, propicia o desmascaramento de ações mecânicas que o sistema insiste em manter nas escolas e possibilita o despertar dos sentimentos humanos, das emoções no ato de ler, da contemplação do belo, do ler por ler, não com fim determinado para execução de tarefas, mas para a formação do caráter, para humanizar, para experimentar situações da vida através dos livros. Isso justifica o uso da literatura na escola e revela a necessidade da presença dos livros e a sua utilização em sala de aula. Tais aspectos vêm embasando a discussão da literatura como um direito do ser humano, essa temática, portanto, constitui o foco principal do próximo tópico.

2.1.3.3 A literatura como direito

A leitura tem sido um tema frequente nas discussões sobre educação nas últimas décadas. Diversas campanhas de incentivo à leitura vêm à voga com planos e projetos em nível nacional, inclusive. Discursos de convencimento da necessidade da leitura na vida humana perpassam essa realidade. Diante desse panorama, emerge a questão da literatura como um direito, no sentido de atentar para as ações políticas, sociais e ideológicas que circundam as falas sobre a promoção da leitura e o acesso à literatura.

Conforme Castrillón (2011), a leitura tem assumido historicamente a posição de instrumento de poder e de exclusão. Inicialmente com o poderio da igreja, a qual ditava as regras para a sociedade e tinha o controle dos textos sagrados, subjugando aqueles que se destoassem do que era compreendido como divino, considerando-os hereges. A verdade era a palavra da igreja e ninguém mais tinha acesso a essa palavra.

Com os governos aristocráticos surge uma nova forma de exclusão. Preocupada em manter suas riquezas, a nobreza estava interessada em adquirir cada vez mais poder político e relegava ao povo o papel de custear seus privilégios por meio dos impostos abusivos. O direito de ler estava nas mãos dos que possuíam recursos para financiar os estudos.

Atualmente, a questão da leitura ultrapassa os interesses econômicos. Trata-se de uma discussão muito mais profunda. Contudo, na maioria das vezes é promovida como uma forma de melhorar de vida economicamente, e assim, um discurso alienante vai sendo repassado à população. Este discurso tem por detrás do incentivo à leitura, a promoção de um produto da indústria cultural. Enquanto isso, a arte literária se reserva aos que tem poder aquisitivo para adquirir um produto ao alcance de poucos.

Por que a leitura e a literatura não estão ao alcance de todos? Se, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, Art. 205, “a educação é um direito de todos”, subjaz que nesse direito esteja inclusa a leitura. “Ter acesso à leitura não garante de maneira absoluta a democracia, mas não tê-lo definitivamente a impede ou, pelo menos, a retarda” (CASTRILLÓN, 2011, p. 62). Porém, isso não acontece, pela precariedade do sistema educacional, formação docente, política de incentivo à carreira docente, poucos investimentos na educação e falta de iniciativa do povo em cobrar o que lhe é assegurado pela carta magna.

No que tange especificamente à questão da literatura, Candido (2011) faz reflexão importante, caracteriza a nossa época como um momento de profunda barbárie, mesmo sendo dita civilizada. Trata-se de um tempo marcado por grandes avanços tecnológicos, mas intensamente atingido pela atroz divisão de classes, com desigualdade, injustiças e miséria. Nesse contexto, sobressai a temática dos direitos humanos, que traz como pressuposto a necessidade de “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2011, p.172).

Vale destacar a discussão que Candido (2011) faz ao tomar como referência Louis-Joseph Lebreton para tratar de bens compressíveis e incompressíveis⁹, referindo-se àqueles que são dispensáveis e os que são indispensáveis à vida. No primeiro rol, é possível citar materiais de beleza e acessórios, no segundo, estão alimentação, moradia, saúde e, também, a arte e a literatura. A justificativa para tanto é que a literatura é um bem necessário à humanização, por organizar o homem e o mundo. A questão se insere, segundo Candido (2011), em considerar que os bens incompressíveis não podem se referir apenas a aspectos da sobrevivência física, mas também ao bem-estar espiritual.

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento

⁹ “Louis-Joseph Lebreton: bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém. Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas” (CANDIDO, 2011, p. 173).

consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 2011, p.186).

Candido (2011) apresenta dois níveis da literatura estritamente ligados à situação dos direitos humanos. O primeiro corresponde à literatura como necessidade universal de cunho humanizador, através da qual é possível formatar sentimentos, emoções, enfim, tem a capacidade de nos organizar. Num segundo nível, a literatura é capaz de desvelar as injustiças do mundo, desmascarar as atrocidades da vida, desmistificar as normalidades impostas pelo sistema. Nesse caso, com a literatura se tem a possibilidade de organizar o mundo ou no mínimo dar subsídios para que o homem o faça.

A luta pelos direitos, pela condição de ser humano, pelo direito à vida digna, justa e livre, eis o caminho que precisamos traçar na escola. Nessa perspectiva, a literatura nos oferece possibilidades ampliadas de compreender o tempo, o espaço e as relações que vivemos e isso nos permite lutar menos ingenuamente. “A luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura” (CANDIDO, 2011, p. 191).

Diante desse posicionamento, evidencia-se o impacto da negação da literatura como direito quando o autor trata da mutilação da personalidade e, por conseguinte, a mutilação da humanidade. A discussão perpassa uma questão de cunho sócio econômico, no qual as classes dominadas não têm acesso aos diferentes níveis de cultura por terem baixo poder aquisitivo.

Após décadas de luta em prol de uma política do livro e da leitura no sentido de considerá-los direitos do cidadão, esse ano finalmente foi promulgada a lei 13.696, de 12 de julho de 2018 que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita com os seguintes objetivos:

- I - democratizar o acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura por meio de bibliotecas de acesso público, entre outros espaços de incentivo à leitura, de forma a ampliar os acervos físicos e digitais e as condições de acessibilidade;
- II - fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais;
- III - valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas;
- IV - desenvolver a economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao fortalecimento da economia nacional, por meio de ações de incentivo ao mercado editorial e livreiro, às feiras de livros, aos eventos literários e à aquisição de acervos físicos e digitais para bibliotecas de acesso público;
- V - promover a literatura, as humanidades e o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e acadêmico em

território nacional e no exterior, para autores e escritores, por meio de prêmios, intercâmbios e bolsas, entre outros mecanismos;

VI - fortalecer institucionalmente as bibliotecas de acesso público, com qualificação de espaços, acervos, mobiliários, equipamentos, programação cultural, atividades pedagógicas, extensão comunitária, incentivo à leitura, capacitação de pessoal, digitalização de acervos, empréstimos digitais, entre outras ações;

VII - incentivar pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, com vistas a fomentar a produção de conhecimento e de estatísticas como instrumentos de avaliação e qualificação das políticas públicas do setor;

VIII - promover a formação profissional no âmbito das cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura, por meio de ações de qualificação e capacitação sistemáticas e contínuas;

IX - incentivar a criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro e da leitura, em fortalecimento ao SNC;

X - incentivar a expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora, por meio do fortalecimento de ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos (BRASIL, 2018).

Espera-se a partir dessa publicação que um novo cenário seja configurado no país porque a problemática do acesso à literatura enquanto direito se insere na falta de oportunidade demilhares de pessoas, aí incluídos os alunos oriundos de lugares distantes, à margem de certos bens da cultura produzida, que não tem sequer sala de aula decente e infraestrutura para se considerar local de ensino, que não dispõem de merenda e tampouco de educação de qualidade. Se não é oferecido o mínimo necessário para estudar, vai se ter acesso à literatura?

Apesar de toda essa discussão em torno do direito à literatura e as artimanhas do sistema capitalista, muitos estão de olhos fechados, alienados a viver como se não houvesse saída. Mesmo com a desastrosa realidade, é preciso ser crítico e consciente de sua condição nessa sociedade injusta, sem perder a sensibilidade e a utopia de dias melhores. Nesse dilema, a educação tem grande relevância, por ser, segundo Saviani e Duarte (2010), o processo pelo qual cada indivíduo constitui “a universalidade própria do gênero humano” (p.431). E, nesse âmbito, insere-se a literatura em função de seu caráter formador no que tange à construção da condição humana.

Assumindo tal percurso, educação e literatura caminham juntas, visando “o processo de formação humana, como o contínuo movimento de apropriação das objetivações humanas produzidas ao longo da história” (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 432). As produções realizadas no decurso histórico da humanidade precisam estar acessíveis a todos, porque é dessa maneira que se chega ao ponto humanizador, participando da vida em sociedade, compartilhando conhecimento e se fazendo presente na e pela cultura.

É da natureza humana fantasiar, independentemente da classe social, cultura ou civilização. Imaginar é a única faculdade humana plena de liberdade individual criadora e, por isso, é direito de todos o acesso a esse bem, porque a literatura é um elemento essencial da cultura e, tendo caráter extremamente civilizatório, humanizador, possibilita às pessoas maiores e fundamentais condições de participação na ordem da vida, da dimensão fundamental da existência de forma ampla (SANTOS, 2016,p.23).

Além da questão humanizadora, a literatura permite a organização do ser humano e a organização do mundo, sendo condição *sinequa non* para o cidadão viver em sociedade de forma abrangente. “Já não lemos para nos refugiarmos do mundo, mas para nos indignarmos com a ausência de reflexão” (BRITTO, 2012, p.133). A literatura, erudita ou popular, apresenta forma motriz de caráter humanizador que ultrapassa fronteiras e se apresenta como meio de denunciar a negação dos direitos do cidadão e da sua própria condição enquanto direito reconhecidamente aceito.

2.1.3.4 Afinal, qual o lugar da leitura de literatura na escola?

Como a literatura é trabalhada na escola? De que maneira chega aos alunos? Que lugar ocupa na escola? Pensando por essa perspectiva, Cosson(2016) reflete acerca do lugar da literatura na educação básica, tratando do seu valor e sua função social. Fala da linguagem enquanto mantenedora da palavra que dá sentido ao fazer humano e ao mundo.

A escrita assume importante papel para a humanidade pela possibilidade de armazenar os saberes historicamente construídos; ela contém “saberes sobre o homem e o mundo” (COSSON, 2016, p.16), permite conhecer a vida por meio da experiência do outro e tem a função de tornar o mundo compreensível.

De acordo com Zilberman (2008), no período entre as décadas de 1970 -80, época de abertura política e as expectativas de redemocratização, as discussões acerca da leitura na escola e o papel da literatura se intensificaram. Movimentos como o I Congresso de Leitura (COLE), em 1978, o engajamento de professores e pesquisadores nos problemas da escola e políticas públicas proporcionaram a valorização da literatura no âmbito escolar.

Conforme a autora, entre esse período de abertura política e o início do século XXI, muitas mudanças ocorreram. Políticas públicas são implementadas, a tecnologia transforma os meios de comunicação e, no setor econômico, se intensifica a dinâmica capitalista, com a globalização e o neoliberalismo. Diante desse panorama, o destaque à literatura emerge com a mercantilização da leitura. O que era esperança da escola para solução de seus problemas é

tomado como possibilidade de ampliação de mercado por meio da indústria cultural. “Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola” (ZILBERMAN, 2008, p.14).

A expansão da escola aliada à industrialização levou aos bancos escolares pessoas do campo e da cidade. A tarefa de educar aumentou com a demanda populacional, as condições de trabalho ficaram cada vez mais precárias e o sistema educacional não conseguiu se adequar à realidade para superar as dificuldades. É perceptível que a escolarização da literatura não tem se mostrado de forma adequada no ensino.

Com efeito, é o recurso à literatura que pode desencadear com eficiência um novo pacto entre as crianças ou jovens e o texto, assim como entre o aluno e o professor. Pois, no primeiro caso, trata-se de estimular uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades precípuas ou cobranças ulteriores. Já que a leitura é necessariamente uma descoberta de mundo, procedida segundo a imaginação e a experiência individual, cumpre deixar tão somente que este processo se viabilize na sua plenitude. Além disto, sendo toda a interpretação em princípio válida, porque oriunda da revelação do universo representado na obra, ela impede a fixação de uma verdade anterior e acabada, o que ratifica a expressão do aluno e desautoriza a certeza do professor. Com isto, desaparece a hierarquia rígida sobre a qual se apoia o sistema educativo, o que repercute em uma nova aliança, mais democrática, entre o professor e o estudante. E com consequências relevantes, já que o aluno se torna coparticipante, e o professor menos sobrecarregado e mais flexível para o diálogo (ZILBERMAN, 1988, p. 20).

Se a literatura nos chega por meio da leitura, é justamente lendo os livros de literatura que podemos conhecê-la. Isso pressupõe um formato para as aulas em que o trabalho com o texto é modificado se for adotada estratégia diferenciada com o texto literário. A hierarquização do ensino abre espaço a uma relação dialógica em que o aluno tem um contato mais livre com o livro.

A leitura precisa se dar de maneira emancipada, desprovida da obrigatoriedade de ler para fazer atividades. Ler para descobrir, ler para desvelar, ler para se encontrar no mundo. Por que trabalhar a história da literatura e não dispensar tempo para conhecer de forma mais intensa os livros? Pensar o ensino da literatura por essa ótica do ensino implica considerar o leitor elemento fulcral dos estudos literários e descartar o modelo classificatório e historiográfico.

Uma das evidências na educação que contribui para o formato de educação voltada ao pragmatismo é destacada por Britto (2012, p. 55), ao tratar da cultura escolar estabelecida com traços disciplinadores baseada em conteúdos fixos. Essa dinâmica é, conforme o autor, “um dos aspectos que mais dificulta o avanço da reflexão pedagógica na educação”.

Zilberman (2008) acrescenta que a competência do ensino de literatura atualmente é a formação do leitor e não mais a transmissão de um patrimônio consagrado. Enfatizando a

aprendizagem da literatura, é possível destacar a contribuição da leitura literária no ensino não só de Língua Portuguesa, mas da educação de modo geral, perpassando a construção de valores, comportamentos, atitudes e construção de conhecimento.

É válido contemplar as palavras de Lajolo (2004) quanto à influência da literatura no que concerne às suas vantagens ao ensino e ao ser humano. Diz a autora que a literatura atua

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem (LAJOLO, 2004, p.26-27).

Assim, reforça-se a importância da literatura na construção de caráter, na formação de sentimentos, enfim, nos diversos aspectos da essência humana. Ela pode influenciar e se sobressair como elemento relevante a ser posto em prática diariamente na vida escolar.

2.2 Ações de levar a ler em lugares distantes

Após tratar de leitura, arte, leitura literária e o direito à literatura, é possível adentrarmos no conceito de levar a ler em lugares distantes. A expressão levar a ler é utilizada por Santos (2016). Segundo o autor, trata-se de um termo mais abrangente e apropriado que promoção e estímulo à leitura; “levar a ler é um valor e, portanto, algo que justifica a intervenção político-pedagógica e cultural” (p. 55). As ações de levar a ler aqui descritas, inclusive a proposta de intervenção dessa pesquisa, são práticas que ultrapassam o incentivo à leitura, configuram-se como proposições no sentido de instituir lugares de ler com projetos de intervenção, com pesquisas que assumem diferentes metodologias como a pesquisa-ação e pesquisa participante de intervenção. Ações também preocupadas com a irradiação da cultura às pessoas que não têm a oportunidade de acesso a esses bens. Levar a ler apresenta, ainda, um caráter político de alertar a população acerca de seus direitos à leitura, à arte e à literatura. Foram baseados nesses aspectos que muitos projetos foram desenvolvidos na região oeste do Pará, por intermédio da Ufopa. Trata-se, portanto, da linha de pesquisa em que estou inserida e que orienta o estudo ora apresentado.

No que concerne a lugares distantes, a expressão também é usada por Santos (2016) e se refere tanto a locais que se encontram geograficamente longe ou próximo às grandes metrópoles, não tem acesso aos bens culturais, como teatros, museus, livrarias, galerias. Assim, esses lugares distantes também podem ser encontrados fora da nossa região, pois o acesso à

cultura não se constitui como um direito de todos, na sociedade desigual em que nos encontramos, esse acesso é exclusivo de uma pequena camada da população. Até mesmo nos grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, cidades que tem bibliotecas, livrarias, centros culturais, exposições, grandes eventos relacionados à leitura e literatura, também há pessoas distantes desses bens. Contudo, vou me deter a falar em lugares distantes localizados no Oeste do Pará, onde se encontra o meu local de pesquisa e por isso descrevo neste tópico estudos afins realizados nessa região.

Em se tratando de ações de levar a ler no âmbito escolar, o lugar mais propício para a realização de práticas de leitura consiste na biblioteca ou salas de leitura.

As bibliotecas são o lugar do livro e da leitura. Têm uma tradição milenar e, ainda hoje, aparecem como um dos símbolos mais significativos de cultura e conhecimento. Há, por assim dizer, uma identidade de todas as bibliotecas: aguarda e a organização do texto escrito e a oferta da leitura. (BRITTO, 2015a, p. 40)

Apesar da visível importância dos espaços de leitura e bibliotecas, segundo as notas estatísticas do Censo Escolar 2017¹⁰, apenas 54,3% das escolas de ensino fundamental no Brasil têm biblioteca e/ou sala de leitura. Os dados apontam que essa situação se agrava principalmente nas regiões norte e nordeste, nas quais a disponibilidade de biblioteca ou sala de leitura na educação básica está abaixo de 40%. E a maior carência de biblioteca e sala de leitura (regiões norte e nordeste) se concentra em lugares distantes do Distrito Federal, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, onde mais de 72% das escolas dispõem desse tão valioso recurso.

Assim, longe de centros irradiadores de cultura, muitos municípios da região amazônica vivem situação alarmante, mesmo com a institucionalização da lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a obrigatoriedade das bibliotecas nas escolas do país.

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (BRASIL, 2017).

Muito precisa ser feito para que os alunos tenham realmente acesso aos livros, materiais videográficos e documentos, como rege a lei.

¹⁰http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_Censo_Escolar_2017.pdf

Trabalhos de conclusão de curso vêm seguindo linha de pesquisa coordenada pelos professores Luiz Percival Leme Britto e Zair Henrique Santos, desde 2013 nos municípios de Santarém, Belterra, Itaituba, Alenquer, Monte Alegre e Prainha, no Oeste do Estado do Pará.

Dentre esses trabalhos, está o *Cantão da Leitura*, projeto realizado em 2014 pelas professoras Eliana Nascimento de Moraes e Maria Rita Alexandre de Lima Teles¹¹, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Dátis Lima de Oliva, na comunidade de CANP¹², área rural do município de Monte Alegre, no Oeste do Pará. As acadêmicas desenvolveram atividades de leitura durante seis meses. No início ocorreu duas vezes na semana com uma turma de 6º ano no horário do intervalo das aulas. Depois, passou-se à leitura silenciosa e, com isso, os demais alunos foram tendo interesse quanto aos livros e começaram a pedir para levar para casa para lerem. As atividades também contagiaram funcionários da escola com relação ao empréstimo dos materiais. Após quatro meses de projeto, houve socialização das práticas de leituras que passaram a ser desenvolvidas nas turmas a partir da implantação do projeto. Depoimentos de professores demonstraram mudança na rotina da escola a partir do *Cantão da leitura*.

No ano subsequente à realização da intervenção, a única das acadêmicas que era lotada na escola foi realocada para outra comunidade e muitos dos professores que acompanharam as atividades também foram para outros educandários. A direção da escola foi substituída e os livros voltaram para um espaço chamado de biblioteca, porém utilizado como depósito junto a livros didáticos, instrumentos musicais, materiais de limpeza, eletrônicos e didáticos. Ficou evidente que não houve continuidade, a escola não incorporou o espaço de leitura como um bem de formação de leitores e que seria de sua responsabilidade mantê-lo em funcionamento.

Em 2017 o mestrando Edivandro Vasconcelos resolve retomar o projeto de leitura na escola. Baseando-se nas análises de Santos (2016), o pesquisador investiu em uma construção coletiva da biblioteca e das atividades de levar a ler na tentativa de solidificar a biblioteca na escola. A retomada do estudo nessa comunidade escolar mostra a perspectiva de investigação do nosso grupo de estudo, o Lelit, quanto ao acompanhamento das pesquisas e o retorno aos locais pesquisados no sentido de manter os lugares de ler estabelecidos.

Outra iniciativa de levar a ler em lugares distantes foi o projeto que deu origem à monografia *Espaço Isanildes Silva das Neves: Formando leitores na várzea*, por Jonadabe Gar-

¹¹ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

¹² Colônia Agrícola Nacional do Pará.

cia e Alzenora Carvalho¹³. O trabalho foi realizado na Escola de Ipanema, área ribeirinha da cidade de Prainha, no Oeste do Pará. As atividades ocorreram de março a novembro de 2014 com alunos do 8º ano sendo escolhas de livros, empréstimos, leituras, produção textual, saraus e exposição de resumos sobre livros lidos. A adesão da comunidade escolar a esta iniciativa foi tão positiva que os pais e a escola se uniram para mandar um grupo de quinze alunos para o IV Seminário de Ler Literatura: aprender e viver, em Santarém, quando os acadêmicos fizeram exposição oral do projeto e os alunos apresentaram suas produções textuais.

No entanto, assim como no trabalho anteriormente referido, apenas uma das pesquisadoras era lotada na escola. A diferença no caso do espaço de levar a ler do Ipanema é que essa acadêmica é da comunidade e continuou sua jornada profissional no local. No ano seguinte, o acervo foi ampliado, um funcionário da escola ficou responsável pelo espaço num turno e no outro, porém, o lugar serviu de sala de aula para uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse ponto, observa-se recaída da esplêndida experiência de 2014, pois funcionando como sala de aula, diminuiu o tempo para os alunos terem acesso aos livros. A pessoa lotada continua desenvolvendo seus serviços nesse espaço até hoje e neste ano o lugar é reservado apenas à leitura, não funciona mais como sala de aula, foi determinado um horário por semana para cada turma das séries iniciais fazerem suas atividades de leitura no local.

Um terceiro exemplo de criação de espaço de levar a ler em lugares distantes consiste do Trabalho de Conclusão de Curso *Criando um espaço para promover a formação de leitores* na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11, em Monte Alegre, Oeste do Pará, de Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles¹⁴. Este, em função da falta de espaço na escola, sua realização se restringiu ao Armário de leitura. As atividades se concentraram numa turma de 6º ano, porém o acesso aos livros foi livre a quem tivesse vontade de ler. O projeto foi aplicado na turma, às quintas-feiras na aula de Língua Portuguesa e se estenderam de março a outubro de 2014, com leitura de livros de literatura e escrita sobre o que mais os alunos gostaram quanto à leitura do livro, depoimento de adulto leitor sobre suas experiências de leitura e leitura pública de alunos na área da escola. Numa segunda fase do projeto, ainda naquele ano, houve leituras em voz alta de livros de literatura pelas professoras e pelos alunos, o empréstimo aumentou, alunos de outras turmas se envolveram também. As atividades de práticas de leitura se espalharam pelo barracão próximo à escola, refeitório e sala de informática.

¹³ Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

¹⁴ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

Dentre as três propostas apresentadas, a do Km 11 foi a que mais prosperou como formação de leitor, pois até hoje permanece o projeto e conta com a adesão de outros professores e da comunidade, os quais já, inclusive, adquiriram terreno para a construção de uma biblioteca.

Além destes é preciso destacar a tese de doutorado de Zair Henrique Santos (2016) que utilizou os três trabalhos supracitados como objeto de estudo. A investigação buscou entender as possibilidades e os limites de levar a ler em lugares distantes. O estudo contemplou a prática do professor-pesquisador e a sua formação como leitor em um lugar longe, utilizando pesquisa-ação e tendo como recursos as narrativas dos Trabalhos de Conclusão de Curso dos acadêmicos, entrevista semi-estruturadas, visita aos lugares de ler organizados durante os trabalhos e anotações de campo.

Dos projetos de intervenção realizados pelos acadêmicos, apenas um, não se mantém em atividade. Dentre as considerações a que se chegou, aponta-se a formação aligeirada dos professores e falta de formação continuada como dificuldade para desenvolver ações consistentes de formação de leitor, falta de acesso a livros tanto por parte do professor como do aluno, baixo poder aquisitivo de grande parcela da população, desvalorização da carreira docente, com baixa remuneração, que obriga professores a assumir mais carga horária, não dispondo de tempo para se dedicar à leitura e à sua qualificação.

Outros trabalhos de graduação orientados por Luiz Percival Britto detiveram-se no estudo de bibliotecas escolares. Juçara dos Santos Cardoso (2013), em *A biblioteca na formação escolar*, expõe que um dos fatores que têm contribuído para o fechamento ou o abandono de bibliotecas escolares consiste no fato de que, mesmo com altos investimentos em campanhas e livros, falta investimento em profissionais para atuar nesses espaços pedagógicos; aponta que o problema está na forma como vem sendo utilizada a biblioteca, “ora como espaço de pesquisa escolar, ora como lugar de lazer e entretenimento, ora como depósito de livros” (p.10).

Valdiani Costa Andrade (2014) levou em consideração o espaço físico, acervo, dinâmica de funcionamento, ações, projetos e atividades de uma biblioteca escolar. A autora chegou a alguns pontos de debate respondendo ao questionamento *Por que é tão difícil se ter uma boa biblioteca?* Dentre as respostas estão: a educação é vista como algo rotineiro, a biblioteca é considerada com “olhar técnico” e não como espaço de promoção do conhecimento, a leitura não é vista como comprometimento político e social, as formações aligeiradas não tem favorecido a formação de professores leitores, há indisponibilidade do tempo dos professores devido a intensa carga horária que se comprometem para ter condições de sobreviver, desmotiva-

ção e o compromisso docente, falta investimentos na educação e não há profissional qualificado nas bibliotecas.

Trabalhos de revitalização de bibliotecas também foram foco de estudos do grupo de pesquisa. Um que se desenvolveu na Escola Madre Imaculada, por Geane Rocha Nogueira e Rosania da Cruz Pessoa. A escola dispunha de espaço adequado, acervo, porém, o local se encontrava abandonado. Apesar de ter uma pessoa lotada para aquele espaço pedagógico, as atividades desenvolvidas por ela não colaboraram com o projeto de revitalização, demonstrando falta de conhecimento quanto ao papel de um mediador de leitura.

É necessário destacar as contribuições quanto a ações de levar a ler realizadas no município de Belterra. Exemplo marcante é o *Resgate histórico da biblioteca pública Henry Ford*, de Simone Inez Correa Carmo (2014), que investigou a origem, a existência e o declínio dessa biblioteca. Falta de uma política mais consistente voltada à promoção da leitura e pouco compromisso com um monumento cultural tão importante foram os motivos principais que levaram à decadência dessa biblioteca.

Ainda em Belterra foi foco de investigação a biblioteca comunitária "*Ler é preciso*" Chardival Moura Pantoja, por meio do trabalho *Biblioteca e formação: uma análise de caso*, de Lourivânia da Silva Evaristo (2014). A finalidade do estudo foi entender o processo desde a sua instalação até a decadência e revitalização daquele bem cultural. Criada pela fundação Ecofuturo, a biblioteca comunitária era um modelo quanto à organização e acervo, contudo, o projeto desmoronou em pouco mais de quatro anos. Entre os pontos fortes para o declínio estão a transposição da biblioteca do lugar original ocasionando dispersão dos usuários, depois a incorporação de um acervo estranho ao acervo comunitário, mudanças na equipe capacitada para aquele serviço, perda de contato com os parceiros, dificuldades na manutenção da biblioteca de modo geral. Ademais, como se tratava de uma ação nomeada comunitária, deveria ser criada e mantida pela sociedade local, mas isso não aconteceu.

De acordo com Britto (2015b), o maior desafio à formação do leitor consiste "em produzir um ambiente e um movimento em que, confrontando-se com objetos estranhos ou estranhando os objetos conhecidos, possamos progressivamente ampliar a crítica, a liberdade e a criatividade em nossas ações" (p.50). O autor adverte que a leitura está "interditada" para grande parte da população e, portanto, o fato das pessoas não lerem não é apenas questão de interesse ou gosto, e sim de condição, pois o homem excluído da leitura é aquele excluído da sociedade.

Portanto, nos últimos anos é possível perceber um movimento no sentido de organizar bibliotecas ou mesmo pesquisar acerca desses lugares de ler e suas condições de funciona-

mento na nossa região. Além disso, é perceptível a necessidade de estudos mais aprofundados no intuito de compreender o que impede o enraizamento das ações de levar a ler nas escolas. É válido atentar para essa linha de pesquisa que vem se configurando na região Oeste do Pará tomando municípios diferentes, comunidades distantes, com culturas diferenciadas, ações diversas de levar a ler, enfrentando dificuldades ora comuns ora díspares.

Contudo, todas vêm trabalhando no intuito de proporcionar condições de levar a leitura às pessoas que não detém o acesso ao livro. E esse é o ponto de confluência entre essas diversas pesquisas apresentadas e o estudo que ora me proponho a dissertar. Monte Alegre está distante de Santarém aproximadamente 84 km e de Belém, 623 km, onde se encontram universidades e um movimento em torno da disseminação da cultura escrita. No próprio município de Monte Alegre, os locais que a universidade instituiu lugares de ler por meio do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) são distantes uns dos outros. A CANP fica a aproximadamente 18km da sede da cidade e o Km 11, cerca de 80 km. São comunidades que não mantêm nenhum tipo de vínculo. Levar a ler em lugares distantes também constitui uma forma de diminuir as distâncias não apenas físicas, mas de acesso aos bens culturais por meio do livro.

É necessário, pois, que mais pessoas sejam atraídas a continuar esses trabalhos de instituir bibliotecas, preocupadas não somente em entregar lugares de ler às comunidades, mas acompanhar para que não desapareçam, o que compõe um dos grandes desafios ao grupo de pesquisa, assim como descobrir os aspectos que contribuem para a adesão ou não das escolas aos projetos implementados. Os trabalhos realizados demonstram que as atividades devem seguir novos rumos, saindo do trivial, do pragmatismo. Além disso, a presença da universidade, a instituição de espaços de ler fundamentados teoricamente, a demora do pesquisador no local de pesquisa, o entendimento dos professores de que a leitura é um bem tem dado resultados positivos aos estudos desenvolvidos.

2.2.1 Alguns limites de promover a leitura em lugares distantes

A leitura é uma prática extremamente necessária na educação, por prover a aquisição de experiências e a construção do conhecimento. O simples fato de dizer que a leitura é importante se tornou um discurso banal porque é uma evidência. Todos sabem da importância, porém, muito falta ser feito para que a leitura ocorra nas escolas com eficiência e eficácia.

Essencial a todas as disciplinas do currículo escolar, a leitura se configura como responsabilidade de todos os professores exigindo abordagens diferenciadas em cada componente curricular com vistas à compreensão dos significados dos textos.

A escola que não proporciona aos alunos o contato com a leitura, não ensina a ler. Mas é bom lembrar que este deve ser um compromisso de todos que trabalham na escola. Uma grande força-tarefa deve ser formada para transformar a biblioteca em um espaço ativo para melhorar os índices de leitura (PIMENTEL, 2007, p. 24).

Um fator importante a ser considerado nessa discussão consiste nas mudanças do sistema de ensino brasileiro, particularmente após a ditadura militar, com a ampliação da oferta de ensino e da faixa de escolaridade aumentando a demanda de alunos e, conseqüentemente, de professores para suprir o atendimento. Desde então, um ponto decisivo se desvela: a formação do professor. “Aspectos teóricos e práticas da leitura, pelo papel que exercem na formação geral e específica do indivíduo, deveriam ser indistintamente tratados em qualquer curso de preparação de professor” (SILVA, 1984, p.35). Contudo, geralmente, a preocupação está nos cursos de pedagogia e de letras como se para formar leitores bastasse o aluno saber ler.

Além disso, a possibilidade de formar leitores advém de professores leitores. Nesse caso, a formação do professor nem sempre tem como uma de suas políticas principais essa formação. Precipuamente a partir da corrida pela diplomação em cursos superiores com a exigência da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei nº 9394/96, para atuar na educação, muitas instituições de ensino superior passaram a ofertar licenciaturas aligeiradas, o que influencia significativamente nessa necessidade de formação do professor leitor.

No tocante às ações de levar a ler abordadas no tópico anterior, as dificuldades encontradas estão em despertar a atenção das administrações públicas acerca da necessidade da manutenção das bibliotecas escolares em cumprimento à lei 12.244/2010, organização desses ambientes pedagógicos nas escolas que ainda não o tem, lotação de profissional qualificado para a função nesses espaços, adesão das escolas aos projetos de leitura, rotatividade de professores e gestores das escolas inviabilizando a continuidade de práticas leitores e projetos nas escolas.

Na maratona diária a que se encontra submetido, dadas as condições de trabalho tão adversas (e não somente do ponto de vista salarial), o professor raramente tem tempo para a autoeducação, para a própria atualização e, muito menos, para pensar de forma produtiva um trabalho pedagógico envolvendo a biblioteca escolar (SILVA, 1999, p. 22).

Soma-se a isso, a falta de reconhecimento da biblioteca como um bem pela comunidade escolar que constitui via de acesso ao patrimônio cultural da humanidade principalmente nos lugares distantes, onde é rara a circulação das manifestações artístico-culturais.

De nada adiantará aumentar o acervo, pintar o lugar de ler, criar as melhores condições físicas, se a leitura não for entendida pelos promotores como um bem cultural que pode transformar a capacidade reflexiva de todos. É necessário que aumente o acervo de livros, mas, acima de tudo, é de fundamental importância que a quantidade de pessoas lendo com qualidade também se multipliquem, e isso será realidade quando a ideia de leitura se ampliar e deixar de ser vista como um ato mecânico, pragmático, de simples entretenimento, tornando-se uma necessidade e direito de todos de se apropriar desse bem cultural produzido pelos homens (SANTOS, 2016, p. 135).

A formação de leitores, portanto, não se limita a disponibilizar livros aos alunos na escola nem tão somente criar bibliotecas; é basilar que a leitura seja promovida como difusora cultural, no sentido de mexer com as pessoas, transformá-las. Se apenas os livros bastassem, os índices seriam outros no que concerne à leitura tendo em vista os programas de distribuição de livros do governo federal.

Não basta ter biblioteca, é preciso todo um movimento em torno desse ambiente capaz de disseminar a leitura na escola, sensibilizar as pessoas do real papel dessa prática tão importante ao ser humano. Enquanto educadores, é essencial pensar e agir em busca de novos rumos quanto às atividades desenvolvidas na escola voltadas à leitura como forma de executar tarefas práticas, de maneira pragmática.

2.3 Biblioteca escolar: lugar de levar a ler

A biblioteca escolar constitui um dos tipos de biblioteca passíveis de ser encontradas na sociedade (apesar de ínfimas, se comparadas à população atual) como a pública, infantil, universitária, nacional e comunitária. A lei nº 12.244/2010, art. 2º, define biblioteca escolar como “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura”.

Silva (1999) assinalou na última década do século passado um “silêncio” no que concerne às medidas governamentais relacionadas ao funcionamento das bibliotecas escolares, os recursos humanos e materiais, espaço físico e a falta de atenção dos administradores públicos, da própria gestão das escolas e até da produção científica na área. A intenção do autor era denunciar a situação de abandono, não obstante consistia também incitar à ação.

Quais as questões que devemos propor, então, para analisar a biblioteca escolar? Em primeiro lugar, que escola queremos e, nela, qual o lugar da biblioteca escolar? Que formação do professor queremos e, nela, qual o espaço a ser destinado à teoria e à prática da biblioteca escolar? Que profissionais queremos para assumir as bibliotecas escolares e que formação lhes devemos oferecer? Enfim, qual o papel da biblioteca escolar e dos seus profissionais na escola pública gratuita, democrática e de qualidade que temos lutado para construir? (SILVA, 1999, p. 29).

Com as políticas públicas para o livro, a leitura e a biblioteca organizadas a partir da denominada Política Nacional do Livro – Lei 10.753/2003 – programas federais foram organizados, dentre eles o Pró-leitura, Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), Fome do Livro e Vivaleitura, Programa Nacional de Biblioteca Escolar (PNBE), Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) e Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL).

Neste ínterim, com o percurso histórico o lugar dos livros vem sendo remodelado (nem que seja nas discussões acerca da temática), assim como sua dinâmica de funcionamento e de uso no desígnio de ser segundo Silva (1999) agência disseminadora do saber e promotora da leitura. A ação se envereda no sentido de a biblioteca assumir a posição de lugar de informação, leitura e conhecimento ao invés de depósito dos livros e demais objetos inutilizados nas escolas.

Nesse sentido, a biblioteca escolar não deve ser só um espaço de ação pedagógica, servindo como apoio à construção do conhecimento e de suporte a pesquisas. Deve ser, sim, um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam utilizá-la como uma fonte de experiência, exercício da cidadania e formação para toda a vida (PIMENTEL, 2007, p. 25).

Em consonância com o manifesto da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) sobre biblioteca escolar (1999, p. 3), os objetivos desse ambiente pedagógico são:

- Apoiar e promover os objetivos educativos delineados de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- Proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento;
- Apoiar os estudantes na aprendizagem e prática de capacidades de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza, suporte ou meio, usando de sensibilidade relativamente aos modos de comunicação de cada comunidade;
- Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- Organizar atividades que favoreçam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade;
- Trabalhar com os estudantes, professores, administradores e pais de modo a alcançar as finalidades da escola;

- Defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efetiva e responsável e à participação na democracia;
- Promover a leitura e os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e do meio.

Não obstante, ao longo da história da educação brasileira, é visível uma política voltada à manutenção da elite dominante na apropriação dos bens materiais e culturais. Trata-se de estratégia do sistema de produção para manter a ordem econômica. Nesse contexto, a escola pública, e por conseguinte, o ensino público é tomado como aparelho de exclusão social por ser classificatório, por manter o caráter de imobilidade social, não dar direito de acesso aos bens culturais à grande parte da população, por selecionar os mais dotados nos processos seletivos para ingresso no ensino superior. Assim, a instituição escolar tem realizado com maestria a elitização da leitura por negar ao aluno o direito de acesso ao livro através da inexistência de bibliotecas em grande parte das instituições de ensino de educação básica.

Segundo Campello (2012), outro documento oficial que descreve os papéis da biblioteca na formação são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Primeiro, trata esse espaço como lugar que influencia o gosto pela leitura e sugere à escola incitar nos alunos o desejo de frequentá-lo. Também o reconhece como lugar de aprendizagem permanente no qual o aluno tem possibilidade de abstrair informações, construir e ampliar conhecimento. É vista como estoque de conhecimentos por conta do acervo que a compõe e exige que o aluno tenha noção da estrutura organizacional do local, a fim de que faça uso de forma mais adequada dos recursos. A biblioteca suscita o conceito de espaço público e pode despertar nos alunos atitudes de cidadania, respeito e zelo aos bens coletivos. Por fim, o documento aponta enquanto meio para a valorização e preservação da cultura assim como museus, teatros, galerias de arte, dentre outros, sendo, portanto, condição *sine qua non* para o aluno conhecer, frequentar e utilizar como um bem da humanidade.

Hillesheim e Fachin (1999) expõem três funções da biblioteca escolar apresentadas por Stumpf (1987) e Oliveira (1987): 1) a educativa se refere à formação integral do ser humano, à construção do conhecimento e melhoria do processo de ensino e aprendizagem; 2) a cultural e social se reporta aos diferentes produtos culturais que a biblioteca pode dispor aos alunos como recursos multimídias além dos impressos seja livros, revistas, periódicos. E o social engloba as convivências que o espaço possibilita assim como as relações interpessoais dela decorrentes; 3) a recreativa educativa diz respeito às variadas atividades que a biblioteca é capaz de proporcionar a fim de utilizar os diversos recursos que a compõe.

Portanto, a biblioteca escolar consiste numa extensão pedagógica de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem em virtude de constituir-se como meio de acesso ao livro e pelas funções que desempenha enquanto difusora cultural. Ademais, é um local de imensa relevância para a prática da leitura e a formação de leitores.

2.4 Promotor de leitura literária: um agente cultural na escola

O trabalho com a leitura e a formação de leitores vislumbra o formador de leitura enquanto elemento essencial nesse processo de interação entre o aluno e o livro. Na escola essa função pode ser exercida por diferentes profissionais como o bibliotecário e o professor.

Se o que se busca é promover a leitura como valor, é imperativo encontrar estratégias mais densas e mais fundamentadas de estimular a leitura, reconhecendo que ler, em muitas situações, é difícil e que a satisfação que daí se pode retirar é de natureza muito distinta da que oferece o entretenimento cotidiano (BRITTO, 2015b, p. 31).

É preciso reconhecer que a leitura não consiste apenas em algo prazeroso e satisfatório. Ler exige esforço e dedicação. Bértolo (2014) descreve emblematicamente o ato de ler ao abordar os níveis de leitura, os quais citei no tópico 1.1.2.

Ler um texto não é tarefa fácil, requer competência. Requer atenção, memória, concentração, capacidade de relação e associação, visão espacial, certo domínio do léxico e sintático da língua, conhecimento dos códigos narrativos, paciência, imaginação, pensamento lógico, capacidade para formular hipóteses e construir expectativas, tempo e trabalho. Um texto é um *construto* que é preciso desconstruir e reconstruir e isso exige esforço, embora não signifique que seja isento de prazer (p. 48).

Nesse contexto, o formador de leitura deve ter algumas características fundamentais para o adequado trabalho de incentivo à leitura e à formação de leitores.

Tomando como referência o bibliotecário enquanto formador de leitura, é relevante refletir sobre esta categoria vista por muito tempo como um profissional responsável somente pelo empréstimo de livros e organização das prateleiras das bibliotecas, porém na atual conjuntura esse servidor, além do conhecimento técnico, necessita ser um exímio leitor para que seja capaz de formar outros leitores. Assim, a atuação do bibliotecário abrange dimensões técnicas, políticas, estéticas e éticas. Segundo Silva (1999), é função do profissional da biblioteca escolar “torná-la objeto de reflexão e espaço de participação para todos os segmentos da escola e da comunidade na qual ela se insere” (p. 77). Entre as suas principais atribuições de cunho educativo estão a orientação do aluno quanto à utilização da biblioteca, a promoção da leitura, a difusão da informação, a participação no planejamento didático do professor e conhecer os usuários.

(...) o trabalho do bibliotecário não se desvincula de determinados objetivos sociais e de determinados valores humanos e que, por isso mesmo, é um trabalho de cunho político. Essa reviravolta, por abalar as bases tecnoburocráticas da biblioteconomia, vai colocar a prática do bibliotecário na categoria mais abrangente das práticas educativas que, devido a sua natureza específica, devem ser conscientizadoras, transformadoras e criadoras.

A difusão da informação, que antes era tomada como uma atividade estritamente técnica, ganha uma outra dimensão – a dimensão da qualidade –, permeada por novos interesses e novas estratégias de ação. A proposta de Luis Augusto Milanesi parece exemplificar o que estou dizendo: na transformação das bibliotecas em Centros de Informação e de Convivência Cultural há toda uma tentativa de se quebrar a crosta de passividade em que estava encerrado o trabalho biblioteconômico, dinamizando-o e tornando-o mais ativo e influente no seio da comunidade (SILVA, 1993, p. 72).

Assim, o profissional da biblioteca tem uma responsabilidade grandiosa na formação do leitor, ultrapassando a mera organização do espaço para orientar e indicar a leitura. “Sendo um mecanismo específico de conscientização, a leitura se constitui numa forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural, cujo resultado é um *situar-se constante* frente aos dados dessa realidade, expressos e interpretados através da linguagem” (SILVA, 1993, p. 20). Logo, pela função que precisa desempenhar, o bibliotecário constitui um agente cultural na escola desde que atenda aos moldes atuais que a biblioteconomia propõe afim de que seja possível se desprender das amarras tradicionais dessa profissão e se inserir num paradigma atual que busca a dinamicidade e a formação omnilateral. Trata-se, pois, do desafio ético e político do bibliotecário visando um trabalho contra a exclusão social e a favor da universalização do acesso ao livro e aos bens culturais.

Para Moraes (1983), esse servidor deve se preocupar principalmente em saber o conteúdo dos livros com os quais trabalha diariamente e tornar-se um guia intelectual para o aluno. Formar e informar são aspectos muito relevantes a essa função a fim de que a biblioteca se transforme em um centro promotor de cultura.

Outro agente de leitura deve ser o professor.

Muitas vezes ocorre que nem mesmo o professor apresenta competência para o enfrentamento crítico dos diferentes tipos de texto e, por isso, torna-se incapaz de dar o seu testemunho de leitor a fim de viabilizar algum tipo de caminho para orientar os seus alunos (SILVA, 2003, p. 29).

Entre as dificuldades na formação do leitor na escola está o fato de muitos professores não serem leitores. Como orientar um caminho que não se conhece? Como formar leitor sem ser leitor? Cabe ao professor promover atividades na escola que estimulem a leitura, isso exige, portanto, dedicação e preparo docente.

A literatura permite “ser outro sem deixar de ser o mesmo”, uma experiência que, como a do jogo, oferece o mistério de permitir ser e não ser – ou ser mais de uma coisa – ao mesmo tempo. É através dessa experiência tão particular de sonhar-se a si mesmo que se dá ao leitor um instrumento poderoso de construção pessoal e uma completa dimensão educativa sobre os sentimentos e ações humanas (COLOMER, 2007, p. 61).

A autora aponta a literatura como um instrumento importante na constituição humana. Desse modo, é necessário que o formador seja capaz de utilizar esse tipo de leitura com fins a auxiliar a interação do indivíduo com o texto impresso. Tarefa árdua, pois segundo Britto (2015), uma das ideias implícitas quando se fala em formação do leitor é justamente quem forma o leitor. Deduz-se, portanto, que deve ser alguém com capacidade suficiente para exercer tão grandiosa função, porém, poucos são os preparados e todos são os escolhidos. Nesse contexto, é válido destacar que dentre as atribuições do professor enquanto formador de leitura é relevante atentar para os usos que faz dos métodos para promover a leitura. É mister que as ações sejam coletivas e contínuas para o aluno incorporar o ato de ler como um bem necessário e uma atividade diária.

Portanto, fazer um trabalho desse porte exige transformação do formador de leitura em um ser crítico e disposto a mudanças no cenário escolar e social, não reproduzir mecanicamente atividades que nada acrescentam de humanidade ao aluno fazendo dele apenas um ser alienado, é preciso explorar o potencial humano existente em cada ser, levar à dúvida para que possa ver além do que está posto, enxergar a arte como trabalho criador e expressivo e não como mercadoria de entretenimento, defender a educação para a humanização desprezando o conformismo das massas e a centralização na preparação utilitarista para o mercado de trabalho.

3 O CAMINHO PERCORRIDO

3.2 ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Falar em pesquisa em educação pressupõe refletir primeiramente sobre educação. Para Freire (1996) “se a educação não pode tudo, alguma coisa de fundamental a educação pode” (p. 126). Segundo o autor, se a educação não constitui fator principal das transformações sociais, tampouco é merareprodutora da ideologia dominante. O estudioso diz que não dá para mudar o país a partir do curso ou uma pesquisa, porém, dá para demonstrar que mudança é possível.

Tozoni-Reis (2010) ao tratar das concepções de pesquisa em educação apresenta as duas formas de ver a educação, supramencionadas, como antagônicas. De um lado se tem a educação como instrumento de reprodução da sociedade com o objetivo de adaptar o sujeito à sociedade que prima pela desigualdade. De outro lado, há a educação como instrumento de transformação da sociedade, visando a prática social crítica e transformadora do sujeito.

Com os avanços dos estudos em educação, as investigações passaram a receber maior influência das ciências humanas e sociais ao passo que também deixava para trás a neutralidade nas pesquisas expressa pela separação entre sujeito da pesquisa, pesquisador e seu objeto de estudo. No que concerne à área de letras, até a década de oitenta as pesquisas em sala de aula se limitavam, na maioria das vezes, em testar produtos elaborados por pesquisadores. Nos anos noventa, as transformações advindas das discussões linguísticas levaram à compreensão de que a concepção de linguagem adotada pelo professor orientava a sua prática pedagógica do ensino de língua. Junto à mudança de entendimento subjaz a postura do professor enquanto pesquisador de seu cotidiano em sala de aula a fim de encontrar meios para a realização de um trabalho adequado ao desenvolvimento do aluno e no ensino de língua. “O professor pesquisador não se vê apenas como usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46).

Diante desse contexto, é imprescindível pensar que “a construção da ciência é um fenômeno social por excelência” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 2). Nesse sentido, para realizar uma pesquisa é necessário confrontar dados, evidências, e o conhecimento teórico acumulado sobre um tema. Na educação os fenômenos investigados são abordados dentro de um contexto social, imersos numa realidade histórica. No tocante ao ensino de língua, o conhecimento da realidade é primordial na compreensão das relações de uso. Diante disso, dentre os desafios

atuais da pesquisa em educação, um dos que se destacam é “tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objeto de estudo, em sua realidade histórica” (p. 5).

Para tanto, a metodologia de pesquisa constitui ponto fulcral numa investigação. Segundo Minayo (2001), a metodologia consiste no caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, incluindo as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas com o instrumental a ser adotado e o potencial criativo do investigador.

Portanto, o estudo em processo é resultado de uma pesquisa que tem como foco estudar a intervenção de uma proposta de levar a ler em um lugar distante dos grandes centros irradiadores de cultura. O projeto de pesquisa que orienta o estudo tem como objetivo principal investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do estado do Pará a partir da criação de um espaço de leitura¹⁵ na escola. Dessa forma, o procedimento metodológico adotado consiste numa pesquisa de intervenção, a qual se aproxima de que David Tripp (2005) considera de pesquisa-ação.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (TRIPP, 2005, p. 445-446).

Assim, a intenção é que haja mudança da realidade local, apesar de a pesquisadora não pertencer ao quadro de funcionários da escola na qual o estudo se realiza. Trata-se, portanto, de pesquisa de intervenção, tipo de investigação bastante utilizado em Educação e que implica uma interferência. A intervenção caracteriza o tipo de pesquisa educacional que usa práticas de ensino inovadoras planejadas, implementadas e avaliadas com o objetivo de maximizar as aprendizagens dos alunos.

Nessa perspectiva, este estudo teve como estratégia principal investigar o desenvolvimento da aplicação do projeto de intervenção de modo a utilizar a leitura como meio para aprimorar o ensino e a aprendizagem. Assim, o trabalho se caracteriza como pesquisa aplicada com abordagem qualitativa: “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 11). Conforme Tozoni-Reis (2010), na pesquisa qualitativa, além de descrever e explicar a

¹⁵ Com o desenvolvimento do estudo, o que vinha sendo chamado de espaço de leitura de livros infantojuvenis desde o projeto de pesquisa foi se configurando como biblioteca escolar em função dos variados livros encontrados na escola, inclusive com resquícios de catalogação e oriundos de diferentes programas e projetos de leitura.

produção de conhecimentos sobre os fenômenos humanos e sociais, a preocupação está em compreender e interpretar seus conteúdos.

Um dos fatores primordiais a se considerar quanto à metodologia são as atitudes éticas, sociais, políticas e humanas presentes na pesquisa, de forma a buscar a produção do conhecimento mesmo perpassando por conflitos de ideias, dúvidas, certezas momentâneas e impasses. O importante nesse processo é perceber o quão valiosa é a busca pelo conhecimento da realidade num contínuo movimento de compreensão dos fatores que a compõe.

3.3 PRODUÇÃO DE DADOS

Na investigação realizada utilizou-se a estratégia de pesquisa de intervenção por adentrar o universo de uma escola na qual eu não sou funcionária. Caracteriza-se como estudo analítico. Conforme Silva (2009), as escolas têm carência de suportes que visem a dinamização da construção do saber principalmente no que tange a bibliotecas escolares.

Mais do que esperar infinitamente por ações governamentais, é importante que o coletivo escolar com a comunidade de pais conquistem e instalem, no prédio da escola, um serviço organizado que sirva de apoio ao enriquecimento das atividades de ensino-aprendizagem, chame-o de biblioteca, sala de leitura, centro de informações, ou laboratório de pesquisa e estudo etc. (p. 45).

As fontes de informações utilizadas na investigação que serviram como instrumentos de produção de dados (modelos em anexo) foram: observação do cotidiano escolar, registro das observações com caderno de campo, entrevistas com a gestão e professores, conversas informais, vivência no espaço de leitura, observação da utilização do espaço de leitura, da participação da comunidade escolar nesse espaço e a dinâmica da escola a partir da implantação da biblioteca.

A observação do cotidiano escolar tem como base um roteiro em que abordo a localização da escola, público que atende, estrutura das turmas (número de alunos, adequação da sala de aula), estrutura do prédio, se já tinha sala destinada à biblioteca antes da implantação do projeto, o acervo que a escola possuía, onde estava, se era usado e como era utilizado, enfim, pude por meio desse instrumento conhecer o funcionamento da escola, os recursos (projektor de imagem, mapas, aparelhos de TV, vídeos, computadores, entre outros), Projeto Político Pedagógico (PPP), conselho de classe e reuniões pedagógicas, projetos desenvolvidos pela escola no decorrer do ano e as atividades de leitura desenvolvidas na escola.

O registro foi descrito no caderno de campo. Os fatos mais marcantes e observações que julgava relevantes eram descritos no caderno quando me encontrava na escola. Ao chegar

em casa descrevia com calma o sucedido e já tecia algumas análises que fizeram parte do corpo deste texto.

No decorrer do período de produção de dados, fiz entrevistas com a gestão e os professores no intuito de adquirir informações necessárias à análise e discussão da temática. As entrevistas foram estruturadas com perguntas abertas e em conversas informais pude compreender o cotidiano escolar através dos depoimentos desses profissionais e a observação do dia-a-dia da escola. Apesar de ter submetido a pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa e ter o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido optei por não revelar a identidade dos professores na análise. Utilizo, portanto, professor/a seguido de numeração (exemplo: professora 1).

Outro material usado na pesquisa foi a vivência no espaço de leitura. Por meio do roteiro organizado detectei que a escola não tinha projeto de leitura em funcionamento. Constatando ações relacionadas como sarau, porém a única colocada em prática de forma coletiva em 2017 e que se aproxima da leitura foi o Concurso de Paródia e Poemas realizado no dia 08 de novembro daquele ano. Na ocasião, os alunos disputaram a melhor paródia e melhor poema que tivesse como temática o Festival do Caju, evento muito aguardado pela escola em que ocorre a apresentação de danças e venda de diversas guloseimas da fruta.

Abro um parêntese para tecer uma reflexão acerca da realização de festivais em Monte Alegre como uma prática comum à maioria das escolas. Observo um exagerado número de eventos que as escolas organizam no decorrer do ano letivo para os quais os bimestres ocorrem em função dessas programações, inclusive com pontuação para a participação do aluno. O que realmente esses festivais trazem de educativo tendo em vista que nem sempre são culminância de atividades de sala de aula? E o tempo que se perde ensaiando apresentações, confeccionando ornamentações, organizando esses eventos? É preciso focar no que realmente é essencial para a formação humana até como um meio de realmente garantir o direito à educação.

Retomando ao roteiro da vivência na biblioteca, através desse instrumento busco descrever ações propostas quanto à leitura na biblioteca, organização da sala (planta baixa, fotografias mostrando a forma de organização, posição do mobiliário), conforto (descrição da temperatura, ventilação, iluminação, adequação do espaço à quantidade de alunos que frequentam o local e para as atividades desenvolvidas com as turmas no espaço), se os professores usam a biblioteca, para quê, como e quais professores, mobiliário (quantidade dos móveis, adequação ao tamanho dos alunos e ao tipo de atividades propostas no espaço), conservação e limpeza (situação de manutenção da sala), se o conhecimento é trabalhado na escola por atividades de forma globalizada ou por meio de disciplinas de modo fragmentado, materiais didáticos dis-

poníveis na sala (cartazes, livros, revistas), organização do tempo (como é a rotina da biblioteca, como os professores dividem o tempo para as atividades, quando fica disponível para visita e retirada de livros) e regras de convívio e comportamento no espaço.

Quanto à observação do cotidiano da escola, o roteiro se deteve nas questões estruturais, pois a intenção desse material era auxiliar na caracterização da instituição. O último foi a observação do espaço de leitura a partir da implantação com destaque para a atuação das professoras lotadas na biblioteca, usuários, consulta, retiradas e devoluções de livros, uso do local pelo corpo docente, práticas de leitura desenvolvidas, dificuldades e satisfações como este local interferiu no cotidiano da escola. Esses instrumentos subsidiaram a obtenção de conteúdos que serão analisados em categorias no capítulo 3. Vale destacar, no entanto, que os roteiros elaborados forneceram conteúdos que são abordados conforme as discussões tecidas e não seguem as sequências apresentadas nos anexos. No tópico seguinte, passo a descrever, portanto, os ciclos que a pesquisa percorreu.

3.4 OS CICLOS DA PESQUISA

O trabalho de pesquisa perpassou por três fases, chamadas por Minayo (2001) de ciclos da pesquisa, “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (p. 26). Os ciclos foram: fase exploratória da pesquisa, trabalho de campo e tratamento do material.

3.3.1 Fase exploratória da pesquisa

Um fator muito importante para o desenvolvimento deste trabalho consiste na orientação. Logo após a divulgação dos orientadores/orientandos pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) ocorreu o contato com o orientador que fez a indicação das leituras a serem realizadas. Em orientações em grupo fui sendo engajada no grupo de estudo Lelit e vivenciei uma orientação diferenciada quando cada um apresenta a sua experiência ao expor aos demais orientandos o resumo, o problema, os objetivos da pesquisa e as discussões teóricas no intuito de contribuir e como meio de fortalecer a pesquisa em grupo. A orientação conjunta é bastante produtiva por proporcionar o compartilhamento de conhecimento, de avanços e entraves das pesquisas, além de ser uma oportunidade de conhecermos o que os demais investigam, em que aspectos as pesquisas se aproximam e se distanciam.

ATIVIDADES	2017					2018									
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Ago	Set	Out	Nov
Empréstimo de livros			X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	
Oficina: Conhecendo o autor									X	X		X	X	X	
Bolsão de Indicação Literária									X	X	X	X	X	X	
Mural Propaganda da leitura										X	X	X	X	X	
Vídeo de autores									X	X		X	X	X	
Carta de Recomendação Literária												X	X		
Visita a Bibliotecas de outras escolas										X		X		X	
Sarau Literário															X
Perfil da biblioteca em rede social										X	X	X	X	X	X
Intercâmbio de projetos de leitura com outras escolas do município													X		

É preciso esclarecer que as algumas atividades planejadas sofreram alterações em função da realidade encontrada. A palestra do mês de agosto não aconteceu. A escola estava envolvida com o desfile da independência e não teve espaço no calendário para a realização desse momento. A terceira visita à biblioteca de outra escola não ocorreu porque na segunda a Secretaria de Educação (Semec) disponibilizou o transporte para a condução dos alunos e a escola não tinha condições para fretar um ônibus para a realização da atividade. Não descrevo o sarau literário porque a escola decidiu realizar no dia da consciência negra, em 20 de novembro, nessa data o texto da dissertação já deveria estar entregue à banca de defesa. O intercâmbio de projetos de leitura com outras escolas também foi impossibilitado pela dificuldade em conduzir os alunos a outros locais.

A aplicação do projeto de intervenção iniciou no 2º semestre 2017 e perpassou o ano letivo de 2018. As atividades de intervenção foram desenvolvidas até 15 de outubro porque eu precisava analisar e concluir o texto da dissertação para apresentar à banca de defesa. Contudo, continuei frequentando a escola e acompanhando as atividades de leitura desenvolvidas pela biblioteca e os professores, porém, com menos frequência. A observação mesmo após o período de intervenção é uma proposta do nosso grupo de estudo que vem se firmando nas pesquisas relacionadas a levar a ler em lugares distantes a fim de verificar se a escola deu continuidade, se a biblioteca foi assumida como um bem da comunidade. Pretendo permanecer acompanhando no ano seguinte para que o espaço instituído não seja visto como algo momentâneo nem apenas base para o meu estudo, mas como local imprescindível ao ambiente de ensino. Espero com essa proposta, que práticas leitoras sejam incorporadas pela escola visando o incentivo à leitura.

3.3.2 Trabalho de campo

3.3.2.1 A escolha do local da pesquisa

A escolha do local da pesquisa se deu após breve investigação acerca das bibliotecas ou espaços de leitura das escolas de grande porte de ensino fundamental da área urbana do município de Monte Alegre, Oeste do Pará. A cidade de Monte Alegre está situada à margem esquerda do rio Amazonas, tem limites territoriais com Santarém, Almeirim, Prainha e Alenquer e está a 623 km da capital do estado em linha reta. Estima-se que cerca de 57.900 habitantes compõem a população desse município economicamente pautado na agricultura, pecuária e serviços.

Retomando à questão da educação, somam cinco instituições, mantidas pelo município que atendem alunos até o 9º ano na área urbana. Descrevo sinteticamente a seguir como estas escolas estão organizadas quanto ao espaço de ler.

A primeira observada foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Carim-Melém. Em sua arquitetura, constava uma biblioteca organizada, tinha acervo e inclusive professores lotados no espaço, apesar de serem readaptados de função, motivo pelo qual era a única escola que contava com lotação em biblioteca no município. O educandário teve 1276 alunos matriculados em 2017, de 6º a 9º ano. A escola não foi escolhida porque tem certa organização quanto à biblioteca e seria campo de pesquisa da professora Francileide Rodrigues¹⁶ sobre contos da literatura de expressão amazônica.

O segundo estabelecimento de ensino que verifiquei foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Pereira de Araujo. A escola não tem biblioteca nem sala de leitura, mas dispõe de acervo guardado em dois armários na sala dos professores. Em 2017, contou com 520 alunos matriculados de 6º a 9º ano. A inviabilidade de realizar a pesquisa nessa instituição se deu por não ter espaço para organizar os livros.

A terceira foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental Afrânio Arroxelas de Almeida Lins. Em 2017, teve 483 alunos matriculados. A escola tem sala de leitura organizada, mobiliário, mas a maioria das prateleiras está ocupada por livros didáticos e não há funcionário responsável por esta sala. Nela são ministradas as aulas do Programa Mais Educação. Tendo em vista a presença da universidade em vários projetos realizados nessa escola, inclusive minha pesquisa de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Letras (Parfor/Ufopa), em

¹⁶ Mestranda do Profletras, turma 2017.

2014, e no momento da observação a escola era campo de pesquisa de um projeto do Profletras, da turma 2016, sobre leitura, da mestrandia Márcia Alessandra de Freitas Lemos intitulado *Além da vitrine: de espectador a leitor – uma proposta de literatura brasileira de expressão amazônica no 9º ano*. Outro motivo foi o fato de a escola já ter sala organizada com mobiliário, os livros – embora não proporcione a circulação desses livros – e materiais didáticos, apesar de comportar os didáticos que se sobressaem diante dos demais.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antonio Joaquim Moreira, a quarta visitada, tem 34 anos e matriculou 568 alunos em 2017 de 1º a 9º ano e Educação de Jovens Adultos. Com prédio em condições precárias, a escola luta há anos para que o poder público finalize a construção de um prédio em condições dignas de estudar. Atualmente, resta aos livros uma casinha que serve de depósito dos didáticos e poucos exemplares de literatura. Gostaria muito de ter realizado o projeto nessa escola porque é lastimável o funcionamento. Devido a quebra nas salas estilo galpão, construídas enquanto faziam o prédio, o horário das aulas é reduzido há anos. Não desenvolvi a pesquisa nessa escola porque se encontra em processo de transição do prédio, assim, não daria para organizar uma sala que a qualquer momento poderia ser demolida.

Por fim, cheguei à Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa que, em 2017, teve 555 alunos matriculados de 1º a 9º ano e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Constava uma sala que a voz da comunidade chamava de biblioteca, porém quase totalmente ocupada por livros didáticos. *A priori* me chamou atenção uma escola com 27 anos de fundação que oferta tantas séries do ensino fundamental e EJA não ter sala de leitura organizada. Além desse, os outros motivos de ser a escolhida para o desenvolvimento do projeto foram: a localização em um bairro periférico, a clientela atendida por se tratar de filhos oriundos de famílias com baixo poder aquisitivo, por ter sala destinada aos livros, mesmo sendo pequena e insuficiente – espaço não encontrado em duas das cinco escolas de ensino fundamental da área urbana do município, fator este que inviabilizou a realização da ação nessas escolas: Antonio Araújo e Joaquim Moreira – e porque não tenho conhecimento da presença da universidade com projetos na Escola Rosália Simões.

Além disso, outro fator que motivou a entrada nessa escola foi a inquietação da coordenadora quanto ao rendimento dos alunos e suas súplicas acerca da necessidade de uma ação que auxiliasse no processo de ensino e aprendizagem. Em conversas constantes com essa profissional me senti instigada a verificar de que forma um projeto de incentivo à leitura poderia ajudar não só a elevar os indicadores educacionais de uma escola (preocupação da coordena-

dora), mas também proporcionar o contato dos alunos com os livros subsidiando a ampliação do repertório cultural.

Por fim, um aspecto bastante pessoal se sobressaiu na escolha da Rosália Simões, haja vista que foi nesta que inicie minha jornada no magistério, quando fui convocada para substituir uma professora na disciplina estudos amazônicos. Ingressei em julho do ano 2000, na Universidade Federal do Pará, no curso de Pedagogia, modalidade intervalar. Dentre todas as motivações expostas, talvez essa última seja a de maior peso, tendo em vista ser para mim uma maneira de retribuir à escola pela minha iniciação na carreira de professora.

Após percorrer pelas cinco maiores escolas da área urbana do município, pude verificar que a biblioteca não é prioridade, realidade infelizmente não só de Monte Alegre, mas de todo o país, pois, segundo as notas estatísticas do Censo de 2017, apenas 54,3% das escolas de ensino fundamental tem biblioteca ou sala de leitura. O descaso com esse ambiente pedagógico se evidencia na indisponibilidade de vagas para bibliotecários nos concursos das redes de ensino básico, assim como em lotar em bibliotecas, quando lotam, funcionários readaptados, que ficam somente para completar seu tempo de serviço enquanto aguardam aposentadoria. Percebe-se a fragilidade que esses ambientes têm em se manter como bibliotecas, pois quando a escola precisa de sala de aula ou desenvolver outros projetos como o Mais Educação ou Laboratório de Informática, por exemplo, os livros são logo retirados e cedem espaço para qualquer coisa, menos para ofertar leitura.

3.3.2.2 Caracterização do local da pesquisa

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa (Figura 1) está localizada na Rua Péricles Uchoa, s/n, Bairro do Curaxi, município de Monte Alegre, Pará. Sua inauguração data de 14 de março de 1991. Teve 555 alunos matriculados no ano letivo de 2017 e 580 em 2018, distribuídos manhã, tarde e noite, com turmas de 1º a 9º anos do ensino fundamental e 2ª, 3ª e 4ª etapas da Educação de Jovens e Adultos (quadro 2).

Trata-se de discentes com faixa etária de seis a sessenta e quatro anos. Em sua maioria, residentes em bairros periféricos, circunvizinhos à escola, dentre eles Curitanfã, Curaxi I e II. Entre os profissionais que atuaram em 2017 na escola, estão 33 professores, quatorze profissionais de apoio, uma secretária, sete auxiliares administrativos, uma coordenadora pedagógica e uma gestora. Em 2018, o número de professores passou para 24.

Figura 1: Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa



Quadro 2: Relação de turmas da EMEF Professora Rosália Simões Barbosa – ano letivo 2018

Nº	TURMA	ETAPA	TURNO	ALUNOS
01	F1M901	1º ano	Manhã	20
02	F2M901	2º ano	Manhã	15
03	F3M901	3º ano	Manhã	19
04	F4M901	4º ano	Manhã	34
05	F5M901	5º ano	Manhã	26
06	F5T901	5º ano	Tarde	17
07	F6M901	6º ano	Manhã	36
08	F6M902	6º ano	Manhã	37
09	F6T901	6º ano	Tarde	37
10	F7M901	7º ano	Manhã	32
11	F7M902	7º ano	Manhã	32
12	F7T901	7º ano	Tarde	31
13	F8M901	8º ano	Manhã	40
14	F8T901	8º ano	Tarde	37
15	F9M901	9º ano	Manhã	35
16	F9T901	9º ano	Tarde	32
17	F2NJ01	EJA 2ª etapa	Noite	19
18	F3NJ01	EJA 3ª etapa	Noite	33
19	F4NJ01	EJA 4ª etapa	Noite	36
20	FMMAEE01	AEE	Manhã	8
21	FMTAEE01	AEE	Tarde	15
TOTAL DE ALUNOS				580

Fonte: www.habilsoftwares.com.br

No que se refere à estrutura física, a escola dispõe de prédio em alvenaria antigo dividido em três pavilhões. O primeiro comporta o núcleo de informática (usado como sala de vídeo), sala da direção, secretaria, sala de professores, banheiros de funcionários e um almoraxarifado. O segundo pavilhão é composto por três salas de aula, biblioteca, banheiros de alunos, Atendimento Educacional Especializado (AEE), cozinha e a área do refeitório com um mini palco. E, o terceiro pavilhão é uma construção de dois andares, com oito salas de aula. Na lateral dos pavilhões está localizada a quadra de esportes da escola.

No que concerne ao PPP, o documento foi revisado no início de 2017. Nele consta a visão da instituição “ser uma escola comprometida com a qualidade do ensino através da bus-

ca da valorização profissional, resgatando a parceria entre a família e comunidade e a democratização do acesso e permanência do aluno na escola” (p.11). E a missão é: “oferecer um ensino de qualidade, através do compromisso e da inovação, buscando formar cidadãos críticos e participativos numa visão integral de mundo” (p.11).

Como concepção de escola, o PPP (2017) traz:

A Escola configura-se como a instância que, erigida pela sociedade, se incumbem de garantir que as novas gerações tenham acesso ao legado cultural da humanidade. É um espaço geográfico e histórico onde a educação se dá de forma intencional, estruturada, sistematizada e explícita. Nela, o conhecimento é assimilado, apropriado e construído ativamente, revestindo-se de criticidade e inovação, colaborando para o avanço cultural e atendendo às novas necessidades do ser humano (p. 15).

No desenvolvimento de sua proposta pedagógica, a instituição apresenta dentre outros aspectos importantes à educação a concepção de ensino e aprendizagem com foco em conceitos científicos, éticos, teológicos e tecnológicos. Acrescenta que, para chegar a esse processo de ensinar e aprender, a escola oferece espaços de aprendizagem e instrumentos mediadores, como cadernos pedagógicos, livros didáticos e paradidáticos, tecnologias educacionais, jogos e brinquedos. Não consta a biblioteca no PPP como meios para a melhoria desse processo.

Quanto às propostas de ações com a comunidade, estão eventos de cunho educativo e recreativo relacionados às datas cívicas e comemorativas: Aniversário da escola, Páscoa, Semana da alimentação saudável, Dia das Mães, Meio ambiente, Festa Junina, Dia dos Pais, Folclore, Dia do Estudante, Independência do Brasil, Dia das Crianças, Dia dos Professores e Natal. A sugestão para realizar tais eventos é através de teatros, excursões culturais, gincanas, olimpíadas, feira cultural, mostra científica e folclórica, comemorações e exposições de trabalhos em todas as áreas do conhecimento. Na seção que trata das sugestões para atividades culturais são apontados: chá em família, sarau literário, apresentação artística em homenagem às mães, festa junina, festival de talentos, palestras, feira do conhecimento, concurso de redação, família na escola, comemorações cívicas e Festival do Caju.

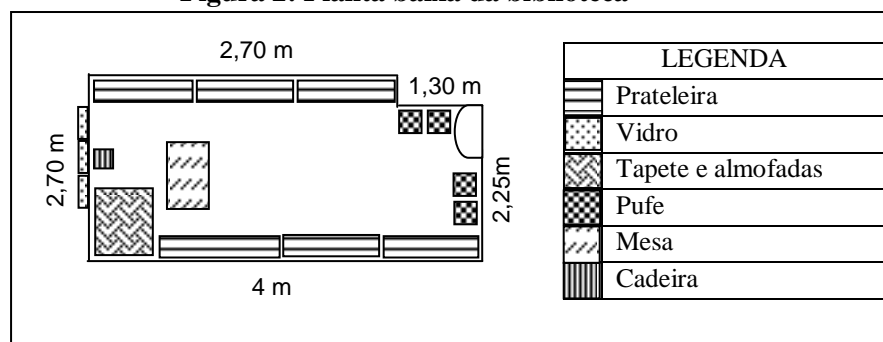
No que tange aos indicadores educacionais relacionados ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)¹⁷, a escola obteve o percentual equivalente a 3.9, em 2015, nas séries iniciais e 3.6 nas séries finais. Diante desses indicadores, o desenvolvimento do projeto de leitura com a utilização da biblioteca seria uma oportunidade de construir novos conhecimentos.

¹⁷<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>

3.3.2.3 O espaço físico e mobiliário da biblioteca

A pequena sala da biblioteca servia como depósito de livros didáticos e era identificada na porta como “sala da coordenação”, pois a orientadora pedagógica não tinha onde desenvolver sua função e passou a ocupá-la. O lugar está localizado na área livre da escola. O espaço que dá acesso à sala é ponto de encontro entre gestão, professores e alunos no início do expediente de cada turno para fazerem um momento devocional. A sala é climatizada. A iluminação não é boa para leitura. As prateleiras são de madeira e já eram de posse da escola. Os pufes, o tapete e as almofadas foram doados. Há seis prateleiras de madeira, quatro pufes, uma mesa para a professora da biblioteca e uma cadeira de madeira, conforme apresenta a Figura 2.

Figura 2: Planta baixa da biblioteca



O espaço da biblioteca é insuficiente para o desenvolvimento de atividades com as turmas no local. A sala comporta somente as turmas com menor quantidade de alunos e a acomodação é feita no tapete, pois a quantidade de pufes não atende a necessidade. O espaço físico disponibilizado pela escola constituiu um grande desafio para o andamento do projeto, pois dificultou a implementação de algumas atividades, inclusive a maior utilização dos professores durante as suas aulas.

3.3.2.4 A organização do acervo

Após diversas conversas com a coordenação acerca do funcionamento da escola, iniciiei as atividades em setembro de 2017. Nesse período, a biblioteca comportava as aulas de gramática do Atendimento Educacional Especial; orientei sobre a necessidade de retirar os livros didáticos da biblioteca. A gestora declarou que havia muitos livros na sua sala (Figura 3), por já ser tão comum vê-los naquele local desde gestões anteriores nunca teve a preocupa-

ção de retirá-los. Também mostrou três caixas de livros do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) que chegaram, mas ficaram com medo de mexer porque não sabiam como proceder com aquele material. Com a catalogação verifiquei que tinha na direção 535 livros guardados.

Havia livros na biblioteca, na sala da direção e na sala dos professores. Os recursos tecnológicos existentes na escola para uso do professor são projetor de imagem, televisão, micro system, caixa amplificadora, microfone, quadro branco e internet via Proinfo¹⁸.

Figura 3: Armário com livros que se encontravam na sala da gestão



Ao passo que encontravaos livros nos diferentes compartimentos muitas dúvidas foram surgindo quanto à categorização, pois *a priori* o objetivo era apresentar aos alunostextos literários, mas a escola também dispunha de livros de apoio ao trabalho docente, revistas, manuais, dicionários e inclusive a famosa coleção Barsa. Encontrei alguns com etiquetas de catalogação. Uns em perfeito estado de conservação, outros sem capa, ruídos por insetos, resquícios de que foram molhados. Poeira e fezes de morcego eram as companhias dos materiais na biblioteca. A quantidade total de livros encontrados na sala foi 913.

Fiquei surpresa, o que imaginava, segundo referência de funcionários, era que houvesse pouquíssimos exemplares, principalmente de literatura. Como diria Silva (1993), a simples existência de livros não garante a leitura. A sala era frequentada, porém os livros eram apenas vitrines. Os alunos que a visitavam tinham como objetivo cumprimentar a professora ou receber atendimento de gramática¹⁹. Quanto aos livros, a evidência maior ficava aos didáticos, conforme mostra a Figura 4 a seguir, alguns ainda empacotados. Os literários ocupavam apenas duas prateleiras das estantes posicionadas às lúgubres paredes, pintadas, inclusive, com cor de difícil identificação.

¹⁸ Programa Nacional de Tecnologia Educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica (<http://portal.mec.gov.br/proinfo>).

¹⁹ O atendimento de gramática era uma espécie de aula de reforço para alunos atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado.

Figura 4: Biblioteca

Grande parte dos didáticos ficou na biblioteca até dias antes da inauguração porque não sabiam o que fazer. Havia muitos livros na sala dos professores em um armário (Figura 5), porém não tinham a chave para abri-lo. Esses livros(281)encontravam-se trancados desde gestões passadas somando aproximadamente quatro anos segundo professores.Aguardei a escola tomar a iniciativa de providenciar a abertura depois de termos testado um molho de chaves, sem sucesso. E, as obras continuaram enjauladas naquele armário de madeira tão bonito que me chamou tanto a atenção e me fez lembrar o Armário de leitura do Projeto de formação de leitores da Escola do Km 11 explicitado no capítulo anterior.

Contudo, uma grande diferença existia entre ambos os móveis. Este há tão pouco tempo descoberto, mas há tanto existente, carregava relíquias visíveis apenas através de seus vidros transparentes da porta que permitiam visualizar Balsa, romances, clássicos, literatura infantojuvenil e materiais didáticos. E de tanto tempo ali intacto já não era mais percebido nem suscitava a curiosidade das pessoas que transitavam pela sala dos professores. Enquanto que o armário da Escola Km 11 tem uma importante função de levar a ler. Seus vidros transparentes servem não só para os alunos verem o que está guardado, mas se sintam atraídos a descobrir o que está por trás daquelas capas de livros, capazes de proporcionar a eles um mundo de experiências, despertar sentimentos e emoções.

Figura 5: Armário com livros na sala dos professores

Ainda naquele mês de setembro iniciei a divisão dos livros por categoria. Tomei como referência os procedimentos de classificação usados na Biblioteca do Lelit Bartolomeu Campos de Queirós, do Campus Rondon, da UFOPA, conforme minicurso de orientação ministrado pela mestranda Juçara Cardoso dos Santos²⁰. A catalogação utilizando cores foi uma indicação da FNLIJ àquele espaço e hoje tomada como referência nessa ação de levar a ler, porém com algumas adaptações devido a inserção de livros que não correspondiam às categorias existentes.

A catalogação dos livros e a classificação ocorreram de setembro de 2017 a fevereiro de 2018. O registro dos livros foi realizado no Excel utilizando: nº de registro, nome do livro, nome do autor, ano, editora, edição, nome do ilustrador e a categoria e depois impresso para ficar na biblioteca. No que concerne a essas categorias, a classificação dos livros seguiu o quadro 3, adaptado da classificação do Lelit, pois o acervo apresentava número expressivo de materiais como multimídia, obras de referência, apoio docente, auto-ajuda e religioso.

Quadro 3: Catalogação por cores

CATEGORIA	LOCALIZAÇÃO	COR
AFRO(contos ou histórias que falam da cultura afro)	80.1	Rosa
AMAZÔNICO(contos ou histórias da cultura amazônica)	80.2	Preto
POESIA(poesias, poemas e cordel)	81	Laranja claro
TEATRO(peças de teatro e etc.)	82	Verde claro
JUVENIL(ficção, histórias intensas e romances)	83	Azul
INFANTIL(contos, fábulas e histórias)	84	Vermelho
CLÁSSICOS(adaptações e recontagens)	85	Amarelo
IMAGEM(sem frases ou textos)	86	Roxo
QUADRINHOS(gibis, HQs, histórias)	87	Verde escuro
INFORMATIVO LIVRE(livros que informam algo: histórias da idade média, química)	88	Cinza
MULTIMÍDIA(CD, DVD, livro áudio)	89	Sem fita
OBRAS DE REFERÊNCIA(Dicionários, Enciclopédias, manuais)	90	Pink
APOIO DOCENTE(Obras de apoio ao trabalho docente)	91	Mostarda
AUTO-AJUDA	92	Laranja escuro
RELIGIOSO	93	Branco

3.3.2.5 Inauguração da biblioteca

A preocupação em estabelecer a biblioteca em um espaço maior motivou o pedido de ocupação da sala de vídeo, mas houve resistência dos professores, os quais sugeriram a construção de uma sala específica para comportar a biblioteca, porém a escola não teve condições financeiras nem solicitou a Semec a construção. Diante da inviabilidade da mudança de sala,

²⁰ Mestranda em educação e graduada em Licenciatura Integrada em Português e Inglês, UFOPA, desenvolve trabalho de pesquisa sobre Bibliotecas Escolares de Santarém desde 2015 e é responsável pela Biblioteca do Lelit.

em março de 2018 ocorreu a inauguração do espaço. A escola cuidou da parte estrutural quanto à pintura, limpeza do forro e organização do telhado e eu fiz a catalogação dos livros, etiquetagem, separação por categorias e organização da disposição do acervo nasala, bem como a decoração do ambiente auxiliada pela coordenadora e pela professora²¹ lotada em fevereiro de 2018, pela Semec, com 200h como professora do espaço de leitura. A sala ficou conforme mostram as Figuras 6e 7a seguir.

Figura 6 – Disposição das prateleiras



Figura 7 – Cantinho da leitura



No dia da inauguração do Espaço de leitura estiveram presentes, a convite da escola, a primeira dama do município, o vice-prefeito, o secretário de educação, o vereador do bairro e um escritor local juntamente com os funcionários, alguns pais e alunos. A programação foi extensa, pois nesse dia foi comemorado o dia da poesia, a inauguração do Espaço, o aniversário da escola e o aniversário da cidade. Vale observar a visibilidade que o evento de inauguração teve por conta das autoridades presentes e ainda pela propagação nas mídias locais: TV e rádio. Porém, nem sempre essa visibilidade é acompanhada pelo apoio dessas autoridades no desenvolvimento do projeto como não teve até o momento da inauguração, e de forma bastante tímida depois.

Após formada a mesa das autoridades, um aluno declamou o poema *Monte Alegre minha cidade querida* de autoria do próprio aluno e a professora do Espaço de leitura, em homenagem ao aniversário da cidade que seria no dia seguinte, 15 de março, e a escolha do gênero poesia foi em decorrência do dia da inauguração ter sido 14 de março, considerado dia da poesia. Em seguida, eu apresentei o projeto e a dinâmica de organização dos livros na sala, a

²¹A professora lotada é a mesma que ocupava a sala no ano anterior, porém, com aulas de gramática. É formada em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e pós-graduada em Educação Inclusiva, tem dezessete anos de serviço docente, esteve afastada da sala de aula por dois anos após sofrer acidente que a deixou cadeirante. No retorno à carreira docente passou a trabalhar no Atendimento Educacional Especializado e este ano foi lotada na biblioteca.

catalogação por cores. Uma aluna cantou a música *Trem bala*, de Ana Vilela, com fins a divulgar a arte e suas diferentes manifestações além da literatura.

Na sequência da programação, a professora da biblioteca compartilhou a experiência de leitura²² da aluna que fez o maior número de empréstimos desde que iniciou o projeto na escola em outubro de 2017 até janeiro de 2018. A aluna foi agraciada com uma almofada estampada com a frase “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” (2015, p. 70), do livro *O pequeno príncipe*, de Antonie de Saint-Exupéry. Concomitantemente, foi feita a divulgação da obra pela sua importância literária. Foi entregue à escola os livros doados e a lista com a doação do Projeto Livro Solidário²³. Após o pronunciamento das autoridades presentes, a sala foi dada por inaugurada pela direção da escola.

3.3.2.6 Atividades de leitura

Iniciei as atividades de intervenção no segundo semestre de 2017. Na ocasião, comecei uma campanha de arrecadação de livros infantojuvenis no intuito de ampliar o acervo da escola. Utilizei para isso, mídias digitais (correio eletrônico, aplicativos de mensagens e redes sociais), e panfletos de divulgação que seriam distribuídos entre alunos, professores, pais e funcionários.

Porém, foi sugerido em orientação que uma campanha de arrecadação nos moldes que a intervenção vem sendo colocada visando à luta pelo direito de ler deveria ser no sentido de denunciar o descaso do poder público quanto às bibliotecas e não como doação para (os pobres) alunos da Amazônia. Ademais, com a quantidade de livros encontrados na escola, sem ter lugar que os comportasse, a campanha foi interrompida. Contudo, as sementes germinadas com a divulgação inicial trouxeram à escola 537 livros doados pelo Projeto Livro Solidário, professores, escritores²⁴ e colaboradores.

Em outubro, houve o primeiro contato formal reunindo os funcionários (compareceram 18 professores, a secretária, a coordenadora e a diretora); esteve presente o professor Dr. Zair Henrique Santos. Ocorreu a exposição do projeto e palestra sobre leitura. Como a sala destinada ao projeto era pequena, vimos a possibilidade de mudar junto à direção para a sala de vídeo. Após conversa com os professores, a direção comunicou que não permitiria a troca da sala, pois o espaço pretendido era usado para vídeoaulas e o programa Mais Educação, e os

²² Esta ação era para ser feita pela aluna, mas ela não se dispôs a fazer.

²³ Iniciativa do Governo do Pará, coordenada pela Imprensa Oficial do Estado, tem como objetivo levar a leitura a quem não tem acesso a ela, por meio da implantação de Espaços de Leitura nas comunidades.

²⁴ Dentre eles João Wanderley Geraldi e Ana Luiza Novis.

professores temiam que livros fossem extraviados. Sugeriram aguardar até o início deste ano para ver a possibilidade de construir uma sala, mas isso não aconteceu.

Nesse ponto está um dos limites – que perpassa o problema da pesquisa – de proporcionar a formação de leitor: como disponibilizar o acesso ao livro se não há espaço físico adequado na escola? Com essa situação, o cronograma das atividades foi reajustado, mas as atividades de empréstimo continuaram ao passo que íamos organizando os livros até inaugurar.

Dois dias depois da inauguração, a escola teve a honra de receber o professor Dr. Luiz Percival Leme Britto. Momento importante porque a partir da visita se confirmou que o trabalho realizado na Rosália Simões consolidava uma biblioteca escolar, apesar das condições no que tange a espaço físico, mobiliário e informatização. Creio que se trata de uma fase de relevância, inclusive para o grupo de estudo que reunido com o professor após essa visita foi levado a concluir que esses trabalhos de incentivo à leitura não estão organizando apenas espaços de leitura. Os ambientes são bibliotecas. Se tiver apenas livros infantojuvenis, será uma biblioteca de literatura infantojuvenil como a Bartolomeu Campos de Queirós. Espaço de leitura é possível encontrar em qualquer lugar, numa sala de espera de consultório médico; bibliotecas, não.

Após a inauguração, além do empréstimo dos livros teve início as atividades do Baú Literário e a Hora da leitura. Ambas voltadas aos alunos de 1º ao 5º ano. A primeira sugere que o professor da turma pegue na biblioteca o Baú com livros e leve para a sua sala, onde ele faz a leitura em voz alta (leitura pública) para os alunos de uma obra pré-selecionada. A proposição da leitura em voz alta se justifica pela necessidade de o professor ler para o aluno e porque:

O “leitor”, na leitura oral, é um leitor coletivo: escuta com os outros, lê com os outros, e esse fato modifica sua apreensão das palavras. Numa leitura desse tipo, o leitor tende a ouvir de maneira quase inevitável os significados comuns. O leitor sabe que o texto não se destina a ele e sim a um nós do qual ele é e se sente parte: o público. E lê a partir dessa posição (BÉRTOLO, 2014, p. 33).

Depois da leitura, a sugestão é desenvolver uma roda de conversa com os alunos acerca do texto, em seguida propor aos alunos a escolha de livros no Baú reservando um momento para leitura silenciosa. Conforme, Bértolo (2014), o leitor silencioso lê “a partir de sua própria liberdade” (p.34), sem intermediário entre si e o texto.

A outra atividade proposta após a inauguração foi a Hora da leitura. Também reservada aos alunos de 1º ao 5º ano, com horário determinado por semana para o professor da turma

levar os alunos para a biblioteca; a professora lotada naquele espaço e a pesquisadora faziam leitura de obras de literatura infantojuvenil.

No mês de abril, dentro da programação do Encontro Pedagógico da escola fiz participação com palestra sobre leitura e formação do leitor, abordando o direito à literatura; dei sugestões de tipos de leitura²⁵ conforme a faixa etária dos alunos, expus a estatística de empréstimos, as ações desenvolvidas a partir da biblioteca e reforcei sobre a organização dos livros; a professora da biblioteca tratou dos empréstimos, citou alunos que leem frequentemente, os livros mais retirados e passou uma lista aos professores com indicação de atividades que podem ser executadas para promover a leitura na escola. Esteve presente a professora Andria Arcanjo idealizadora do Projeto Armário da Leitura, citado no capítulo anterior, que compartilhou com os funcionários a experiência de leitura desenvolvida na Escola Km 11 desde 2014.

No Dia Nacional do Livro Infantil, 18 de abril, fiz a primeira Oficina de Leitura: Conhecendo o autor, programação especial com os alunos de 1º ao 5º ano com explanação sobre Monteiro Lobato, vídeo sobre suas obras, divulgação dos livros de sua autoria que fazem parte do acervo da escola. Os alunos assistiram um episódio do Sítio do Picapau Amarelo *O dia perfeito*, falei sobre o livro *O que os olhos veem o coração sente*, de Ana Luiza Novis, que doou exemplares à escola e passei um vídeo da autora feito especificamente para os alunos. A justificativa para utilizar Novis foi a tentativa de aproximação dos alunos com autores, tendo em vista que se trata de um lugar distante de onde esses escritores se encontram e devido a presença de um autor renomado ser inviável. Para os alunos de 6º ao 9º ano, passei nas salas tratando da data e sua representatividade ao ensino, divulguei os livros do pai da literatura infantil e fiz um momento de sensibilização quanto aos cuidados com os livros, retirada e devolução na biblioteca. Ademais, deixei disponível na biblioteca um bolsão apenas com livros de Monteiro Lobato em destaque e de fácil acesso aos visitantes do espaço.

Outra ação executada foi o Bolsão de Indicação Literária – espaço de divulgação de obras literárias na biblioteca. Dois livros eram colocados em evidência para motivar o empréstimo sempre atentando para a escolha de livros de autores reconhecidos no cenário literário. Além disso, coloquei em atividade o perfil Biblioteca Rosália Simões, no *facebook*. Esse é um espaço de compartilhamento de informações literárias em rede social com a finalidade de proporcionar a aproximação e quiçá o contato direto dos alunos e professores com ilustradores, escritores, museus, páginas e eventos referentes à literatura. Nesse perfil é colocada indi-

²⁵ Texto de apoio: FILIPOUSKI, Ana Marilza Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

cação de leitura quase diariamente com o objetivo de incitar à leitura através da recomendação de obras.

Em maio, iniciou a Propaganda da Leitura, com um mural fora da biblioteca com propósito comunicativo de divulgar livros por meio da publicação de textos e ilustrações elaborados pelos próprios alunos sobre livros lidos. Com isso, buscou-se que outros alunos se interessassem pela leitura indicada por seus pares.

Também realizei a segunda Oficina de leitura: Conhecendo a autora Cecília Meireles, direcionada aos alunos de 6º ano. Consistiu em apresentação de vídeo de poema de José Paulo Paes (*Convite*), leitura do livro *O menino azul*, de Cecília Meireles, roda de conversa sobre o livro e biografia da autora.

Neste mês, havia planejado de iniciar as visitas a bibliotecas de outras escolas com o intuito de alunos de algumas turmas conhecerem lugares de ler existentes na cidade, como as bibliotecas das escolas Imaculada Conceição, Fernando Henrique, Francisco Nobre de Almeida e CarimMelém. No entanto, a visita do mês não foi possível, porque a biblioteca da escola escolhida estava em fase de catalogação e não permitiu a visita.

No mês seguinte ocorreu a Festa Junina da escola e as atividades se voltaram aos preparativos do festejo com tempo de aula reduzido e até sem aula alguns dias devido a realização de torneios de futebol. Após a festa, na segunda quinzena de junho iniciaram os jogos da Copa do Mundo e foram poucos dias letivos ficando difícil desenvolver as atividades do projeto, pois os professores tinham que fazer os trabalhos e avaliações para finalizar as notas do 2º bimestre.

Em agosto ocorreu a terceira Oficina de Leitura: Conhecendo o autor tratou de Caio Riter. Por meio de *slides* apresentei uma breve biografia do escritor aos alunos do 8º ano A e 8º ano B. Passei dois vídeos que nos mandou via *whatsApp*²⁶. O primeiro era direcionado aos alunos da Escola Rosália Simões e incentivava-os à leitura, o segundo era a declamação do poema *Barulhos na noite* retirado do seu livro *Tantos barulhos*. Fiz a leitura pública do livro *Pedro Noite* e após fizemos uma pequena discussão acerca do conteúdo da obra. Passei um vídeo *trailer* sobre essa produção do escritor e dividimos a turma em sete grupos para realizarem algumas atividades posteriormente organizadas num painel sobre o autor que foi exposto na área livre da escola.

A segunda visita à biblioteca de outra escola foi programada para agosto, mas a escola a ser visitada pediu para ocorrer somente em setembro devido os eventos concernentes ao dia

²⁶Aplicativo de trocas de mensagens, chamadas, fotos, vídeos, documentos e mensagem de voz via internet.

da independência. A atividade ocorreu com os alunos do 7º ano B e a professora de português. O Colégio anfitrião foi o Fernando Henrique. A professora da biblioteca nos conduziu por um passeio na escola e no percurso surgiam alunos declamando poemas. O encerramento foi na sala da biblioteca, onde a professora explicou como os livros estão organizados, falou sobre o acervo, expôs as atividades que realizam naquele espaço pedagógico e os alunos do 1º ano declamaram poemas.

No mês de setembro foi realizada a quarta Oficina de leitura: Conhecendo a autora Marilda Castanha com o 7º ano A e o 7º ano B. Tratei da biografia, mostrei livros de Marilda Castanha que compõem o acervo da biblioteca, depois os alunos foram divididos em sete grupos para lerem as obras *Pindorama, terras das palmeiras; Agbalá, um lugar continente e Pula-boi!* Após a leitura os grupos compartilharam o entendimento do texto ao qual ficaram responsáveis e apresentaram as atividades: carta à autora, ilustração do livro, poema e resumo.

Em outubro fiz, em parceria com a professora de língua portuguesa e geografia, a quinta Oficina de leitura: Conhecendo o autor Ilan Brenman com as turmas de EJA: 2ª, 3ª e 4ª etapas e 9º ano. Mostrei todos os vídeos de autores que enviaram mensagem para os alunos da escola e passei à biografia do autor a ser estudado, fiz a leitura pública de sua obra *O que a terra está falando?*, fizemos um momento de reflexão sobre o texto lido com a participação dos alunos sobre o entendimento da narrativa, vimos outro vídeo do escritor *Um conto popular e o poder das palavras*²⁷, conversamos sobre o conteúdo da mídia exposta e a intertextualidade com o livro *As mil e uma noites*, de Antoine Galland, passei o vídeo *Ilan Brenman: um contador de histórias*²⁸ e tratamos na necessidade de enquanto pais (já que o público era jovem e idoso) lermos para os nossos filhos. Depois, os alunos foram divididos em cinco grupos para lerem um conto do livro *As narrativas preferidas de um contador de histórias*. Cada grupo escolheu um colega que fez a leitura pública para seus pares. No final da oficina, os grupos compartilharam com todos os presentes a narrativa lida.

Espera-se com essa intervenção a continuidade da biblioteca na escola de forma que a instituição se sinta responsável em manter o funcionamento das ações de levar a ler, tendo a ciência de que a leitura literária é um direito do cidadão e uma forma de humanização, bem como é possível por meio da leitura disponibilizar aos indivíduos a formação omnilateral que abarca as diversas dimensões de constituição do ser humano.

²⁷ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xeV40ZMF1wQ>. Acesso em: 25 de set. 2018.

²⁸ Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ry_zghvwP7g&t=24s. Acesso em: 25 de set. 2018.

3.3.3 Tratamento do material

A finalização do ciclo da pesquisa se deu com o tratamento do material. Essa fase foi subdividida em: ordenação dos materiais, classificação e análise. “O tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aponta de singular como contribuição” (MINAYO, 2001, p. 27). A análise e discussão dos dados produzidos tiveram como ponto de partida quatro categorias: Ruínas de uma biblioteca, a participação da comunidade escolar, dinâmica da escola a partir da inauguração da biblioteca e vivência na biblioteca. As categorias serão tratadas no próximo capítulo.

4 REFLEXÕES DE UMA PROPOSTA DE LEVAR A LER EM LUGARES DISTANTES

4.1 RUÍNAS DE UMA BIBLIOTECA

O acervo encontrado na escola foi de 1729 livros. Nesse quantitativo constam exemplares oriundos de diferentes Programas Nacionais de incentivo à leitura e outros livros dos quais não há registros na instituição de como passaram a fazer parte da escola.

Segundo Paiva (2009), o Ministério da Educação (MEC) tem desenvolvido ações de incentivo e acesso à leitura desde a sua criação na década de 1930, Era Vargas, quando inicia a trajetória acerca de uma política nacional de educação. Contudo, apenas nos idos de 1980 que o Brasil conhece as primeiras ações efetivas de promoção à leitura com o Programa Nacional Sala de Leitura (PNSL), criado pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE). O objetivo do programa foi constituir acervo e distribuir recursos para as salas de leitura. Na biblioteca da Escola Rosália Simões é possível encontrar resquícios dessas ações iniciais do governo federal²⁹. Vale destacar, no entanto, que ter os livros não garante a formação de leitor. A falta de uma política consistente para essa finalidade é um dos grandes entraves na educação brasileira.

Outro programa que remonta a história da leitura no Brasil e há evidências de suas estratégias no *locus* de pesquisa é o Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE), instituído pela Portaria 652 de 16/09/1997. A execução pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) teve a parceria da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) e a finalidade era democratizar o acesso a obras de literatura para crianças e jovens, bem como materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas do Brasil. A partir dessa iniciativa diferentes ações foram realizadas.

Parte do acervo do PNBE 1998 está disponível na biblioteca como obras clássicas e modernas da literatura brasileira, enciclopédias, dicionários, livros sobre a história do Brasil e sua formação econômica. Constam na escola acervos do PNBE 2002 e 2003 que compunham coleções da *Literatura em minha casa*. A intenção dessa ação governamental era proporcionar acesso à literatura com uso pessoal, de propriedade do aluno no seio familiar. Esses livros os alunos deveriam levar para casa, porém alguns ainda permanecem na instituição.

²⁹Entre o PNSL e a instituição do PNBE em 1997, o governo teve o Proler (1992), o Pró-leitura na Formação do Professor (1992 a 1996) e o Programa Nacional Biblioteca do Professor (1994 a 1997). Dessas iniciativas não foram encontrados exemplares na escola.

No armário trancado da sala dos professores, havia livros do PNBE 2006. Essa ação distribuiu às escolas um acervo de 75 títulos de literatura de variados gêneros entre eles poesia, conto, crônica e romance, destinados aos alunos de 5^a a 8^a série. Trancafiados também estavam livros do PNBE 2008. Compunham essa iniciativa do governo acervos com textos em verso como poemas, quadras, parlendas, cantigas, trava-línguas e adivinhas; em prosa com pequenas histórias, novelas, contos, crônicas, textos de dramaturgia, memórias, biografias; livros de imagens e de histórias em quadrinhos; e obras clássicas da literatura universal.

A escola e os professores devem colocar à disposição das classes uma variedade de materiais escritos de modo que o educando possa preencher os seus interesses (e desenvolver outros) e satisfazer as suas necessidades, de acordo com as suas capacidades de leitura. Sem uma proximidade palpável entre o leitor e as diferentes formas de literatura, que pode ser conseguida através da formação de uma biblioteca central e/ou bibliotecas (acervos) de classe, dificilmente será desenvolvido o gosto pela leitura – *ninguém pode gostar de um objeto que ele não tem possibilidade de experimentar e/ou de compartilhar...* (SILVA, 1988, p. 68-69, *grifo meu*).

O que leva a escola a guardar tantos anos esses livros? Para quê? Para dizer que tem livros? Qual a vantagem em tê-los e não serem utilizados pelos alunos? É assim que se formam leitores, deixando os livros trancados em armários? É dessa maneira que teremos intelectuais? É reconhecível a intenção dos livros para apoio ao trabalho docente estarem na sala dos professores, porém, qual a vantagem de servirem apenas como vitrine? No caso do campo de pesquisa, o recurso material para incentivar a leitura chegava à escola, contudo, não era dado ao aluno o acesso. E, quanto aos professores, a rotina parece tê-los deixado inertes diante dos materiais tão próximos de seus olhos e, concomitantemente, tão distantes do alcance por uma simples chave não encontrada.

Assim, vestígios do PNBE 2009 também compõem o acervo da escola. Esse programa dispôs livros de variados gêneros assim como na sua versão anterior tal qual o PNBE 2010. Além de exemplares para alunos, houve ainda a distribuição naquele ano de acervo ao professor. Conforme dados do site do FNDE, o objetivo da iniciativa foi disponibilizar apoio pedagógico aos docentes da rede pública, a fim de subsidiar teórica e metodologicamente os docentes no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem nas diferentes disciplinas, áreas do conhecimento e etapas/modalidades da educação básica. Cinco categorias constituíram o material disponibilizado: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental, ensino médio regular, ensino fundamental da educação de jovens e adultos, e ensino médio da educação de jovens e adultos. Parte dos livros para docentes se encontrava na sala dos professores, no entanto, no armário trancado.

A escola guardava materiais recebidos pelo PNBE 2011, 2012, 2013 e 2014. Detectei livros do PNBE temático destinado à pesquisa de educadores e estudantes das redes públicas. Sua composição abarca nove temas: campo, direitos humanos, educação especial, indígena, juventude, quilombola, relações étnico-raciais, sustentabilidade socioambiental e educação de jovens e adultos.

Diante dessas descobertas retomo a discussão do primeiro capítulo quando dizia que a escola ainda constitui instrumento de alienação do indivíduo, pois se um dos limites para a formação de leitor é o acesso ao livro, o que nós estamos fazendo nas nossas escolas para mudar essa situação? Há programas de distribuição de livros. Podem não chegar todos os livros em seus lugares de destino, mas ao menos uma parcela chega como vimos no início deste capítulo: a escola detinha um acervo de 1729, mais de um livro por aluno como rege a lei nº 12.244/2010, e como esse material estava sendo utilizado? Simplesmente, não estava sendo usado.

Silva (1993, p. 12) trata do ato de ler enquanto um “ato perigoso àqueles que ilegítimamente dominam o poder”. Precisamos usar essa arma contra a alienação do sistema capitalista de produção, pois a leitura é um ato de conhecimento, é necessário desmistificar a escrita como instrumento de domínio de uma classe sobre outras porque, como diz o autor, o aumento do público leitorse configura como o acesso à informação. O que falta na escola para que esses livros sejam usados?

Interrogar-se sobre as condições de possibilidade da leitura significa interrogar-se não só sobre as condições sociais de possibilidade das situações em que se lê (e imediatamente se percebe que uma dessas condições é a *scholé*, a forma escolar do ócio, ou seja, o tempo de ler, o tempo de aprender a ler), mas também sobre as condições sociais de produção de *lectores*. Interrogar-se sobre as condições desse tipo de prática que é a leitura significa perguntar-se como são produzidos os *lectores*, como são selecionados, como são formados, em que escolas, etc. (BOURDIEU, 2004, p.135).

Diante desses questionamentos é preciso refletir sobre o papel da escola pública na formação do leitor e a sua grande responsabilidade em desenvolver um trabalho consistente porque na escola não vale qualquer coisa, trata-se de uma instituição que tem a obrigação de levar o melhor para as nossas crianças e jovens. A escola pública brasileira precisa ser um lugar de socialização e irradiação da cultura escrita e a biblioteca escolar é um dos ambientes mais apropriados para a disseminação dessa cultura.

4.1.1 Vestígios de ações planejadas: uma biblioteca adormecida

A escola tem guardado em seus arquivos dos últimos dez anos projetos de promoção de leitura, porém apenas um deles apresenta indícios de efetivação. O *Projeto caixinha de leitura “Lendo o mundo”* foi proposto em 2007 pela coordenação de projetos da Secretaria Municipal de Educação com o objetivo de “incentivar o gosto pela leitura e conseqüentemente a melhoria da escrita através da introdução da *Caixinha da Leitura* dentro das salas de aula, como forma de melhorar, também no processo ensino/aprendizagem”. A metodologia se pautava em cinco etapas: lançamento do projeto, mobilização dos alunos para angariar livros, confecção da caixinha de leitura, prática da leitura feita pelos alunos e culminância do projeto. Consoante informações dos professores e da coordenadora de projetos desse período essa proposta de incentivo à leitura não foi posta em prática.

Outro projeto encontrado, intitulado *Biblioteca Ativa* (2009), apresenta como objetivo “construir um acervo de obras literárias e técnico-científicas para ativar uma biblioteca escolar a fim de proporcionar assessoria informacional a toda comunidade estudantil melhorando o desempenho do aluno e a qualidade da educação”. Na metodologia constam seis etapas: reforma, mobília e decoração, acervo, seleção e organização, atendimento e inauguração. O projeto tinha como intenção reformar a sala que atualmente funciona como sala de vídeo para ser a biblioteca. Não há sinais de início de suas atividades. Os professores não têm conhecimento desse projeto. Dessa maneira, provavelmente foi uma proposta que também não saiu do papel.

O único que realizou ações na escola, apesar do curto prazo de execução, foi o *Projeto sala de leitura*, em 2013. A finalidade era “promover aulas de reforço em leitura, visando desenvolver as habilidades leitoras nos alunos para que eles superassem as dificuldades, estimulando a criatividade, o raciocínio lógico e senso crítico, propondo um maior envolvimento com os livros e diversos tipos de gêneros textuais”. Os procedimentos metodológicos apontados no corpo do projeto apresentam três etapas: elaboração do projeto, reunião com os pais/responsáveis dos alunos e as aulas de leitura.

As atividades se detiveram a aulas de reforço de leitura com alunos que tinham dificuldades de aprendizagem, e empréstimo de livros. Havia duas professoras lotadas na biblioteca, uma pela manhã, outra à tarde. A realocação das servidoras ocorreu devido uma organização dos profissionais da educação no município, em que cada um deveria ficar na sua fun-

ção de concurso, como as duas tinham apenas estudos adicionais³⁰, não puderam ir para sala de aula e foram lotadas na sala de leitura enquanto aguardavam a aposentadoria.

É preciso analisar dois fatores importantes quanto ao desenvolvimento desse projeto. Primeiro, as funções da biblioteca – tratadas no primeiro capítulo – ultrapassam o simples uso desse espaço de ensino e aprendizagem como local de aula de reforço. As funções da biblioteca perpassam pela formação integral do ser humano, com preocupação à cultural e social, e à recreativa educativa, o que consolida o lugar dos livros como um difusor cultural na escola.

Ela [a biblioteca] deve se colocar como cérebro da escola, ou seja, o local de onde partem os movimentos básicos em direção à recriação ou criação do conhecimento, servindo a professores, alunos e comunidade. Caso seja definida desta maneira, a biblioteca deixa de ser um complemento ou instrumento secundário de trabalho, transformando-se num recurso básico para as decisões curriculares, permitindo a atualização pedagógica dos professores, a aprendizagem significativa dos estudantes e a participação da comunidade em termos de indagações várias. Por outro lado, e ainda dentro desta concepção, os recursos disponíveis passam a fazer parte do planejamento de ensino das diferentes disciplinas, o que envolve, certamente, o estabelecimento de objetivos específicos para as visitas dos alunos à biblioteca. Sem uma previsão criteriosa e alicerçada em propósitos bem definidos, a utilização das bibliotecas (públicas ou escolares) pode se transformar em tarefa inútil, contribuindo mais para o desgosto pela leitura do que para o crescimento cognitivo dos estudantes (SILVA, 1991, p. 112).

Outro aspecto a ser discutido é o descaso com a lotação de profissionais nas bibliotecas. “Na verdade eu senti tipo assim (...) o trabalho lá só pra me aguentar também até chegar a minha aposentadoria” (professora da biblioteca em 2013). O poder público não tem a preocupação em lotar alguém nesses espaços visando o desenvolvimento de um trabalho voltado ao incentivo à leitura.

Portanto, entre as ações planejadas, apenas um projeto foi executado e de maneira que distorce a função da biblioteca na escola. Este local não deve ser utilizado como subterfúgio para reparar as lacunas do processo educativo. O lugar dos livros não pode ser visto apenas como espaço para atividades de reforço, nem para projetos com fins determinados. As atividades devem seguir um processo que vise a constituição da leitura independente para que o aluno venha a ser um leitor autônomo.

³⁰ Estudos adicionais: espécie de complementação de estudos com formação pedagógica com duração de um ano, realizados em instituições de ensino superior que poderia qualificar os professores habilitados em 2º grau (atual ensino médio) ao exercício do magistério até a 6ª série. Da mesma forma, os portadores de licenciatura curta, mediante estudos adicionais, poderiam exercer o magistério até a 2ª série do segundo grau, segundo a lei 5.692/71.

4.1.2 Armário trancado e livros guardados: o fetichismo da leitura³¹

O fetichismo da leitura consiste num aspecto cultural característico do interior da Amazônia. Assim, ao admitir a escrita como um instrumento de domínio, o livro é visto pelas classes mais baixas como um acessório de erudição importante para ser exibido em suas estantes, por mais que não o leia. O fetiche por livros se resume à sua presença física nas residências.

Semelhante atitude também é possível se constatar nas escolas desses lugares distantes dos grandes centros irradiadores de cultura letrada. Exemplo disso é o caso de um bellissimo armário trancado há anos na sala dos professores da escola por perda da chave. Móvel em madeira, com vidros nas portas, que mostravam feito vitrines quase 300 livros entre os quais havia obras literárias como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes e *Burrinho pedrês*, de Guimarães Rosa; Obras de referência como Manual de Redação e uma coleção completa da *Barsa*, além de livros de apoio ao trabalho docente referente ao PNBE 2006 e 2008.

Qual a vantagem de ter esses livros à mostra e não serem tocados? Para não se deteriorarem? Os livros foram feitos para serem lidos, manuseados. Apesar do sistema capitalista tê-los tornado uma mercadoria, de alto custo por sinal, é preciso fomentar nas escolas que este instrumento faz mais efeito sendo usado mesmo que não se mantenha em bom estado pela utilização do que trancado a chave, escondido de quem realmente é o seu destinatário, pois os programas que os distribuem tem como finalidade “provê as escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias”, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, tal como se evidencia no portal do FNDE concernente aos Programas do Livro³².

Outro motivo pode ser o fato de que, quem têm livros em casa, parece ser mais inteligente. O livro é sinônimo de intelectualidade. Nesse caso, a pessoa nem precisa ler, pois se seu interesse é se propagar como partícipe de um grupo (dos intelectuais), basta mostrar que é culta por meio de sua estante repleta de livros. Então ela se torna consumidora de uma mercadoria, compra (quando pode) inúmeras coleções e títulos que tem valor no mercado e enriquece o seu arsenal e, quando uma visita aparece em casa, exhibe com orgulho as suas aquisições numa perspectiva em que a essência se perde na aparência. Na região amazônica, em geral na

³¹ Esse tópico é parte de um artigo a ser submetido para publicação elaborado em conjunto com o mestrando Raimundo Edivandro Vasconcelos. O texto completo tem como título *Fetichismo: refletindo sobre suas imbricações e seus efeitos no âmbito da leitura*.

³²Programas do Livro: Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

sala de estar se encontra uma estante onde os livros são orgulhosamente exibidos principalmente pelas camadas mais baixas da sociedade.

Muitos outros motivos poderiam ser expostos quanto à aquisição de livros e a leitura. Para colocar fotos nas redes sociais mostrando que está lendo um clássico da literatura, que esteve ao lado de um autor renomado. O livro foi revertido por um poder único, mágico, uma espécie de “feitiço”, um produto que encanta os seus usuários, e faz as pessoas se apaixonarem pelo seu cheiro, textura, projeto gráfico, gramatura do papel, enfim, pelo conteúdo, forma e composição.

Para o interior da Amazônia, porém, nesses lugares distantes, a situação é diferente. Não tendo acesso ao livro através de livrarias porque não existem, não nos permitindo participar de uma seção de autógrafa de grandes autores porque não chegam à região, os alunos basicamente só têm acesso aos livros por meio da escola. Manipulados pelos meios de comunicação de massa acerca do poder que esse instrumento assume na sociedade capitalista, os infantes levam os livros para as suas casas e os tomam como seus, mesmo desconhecendo seu conteúdo, mas cientes de que estão de posse de um produto carregado de valor. Prova disso foram os inúmeros exemplares emprestados sem retorno à biblioteca. Não por falta de cobrança, mas pelo desejo dos alunos de tê-los sob sua posse.

Cada um desses pontos contribui para que as pessoas se apeguem aos livros como se tivessem vida, como se realmente tivessem uma aura mágica. Eis portanto o fetichismo da leitura, a ânsia de possuir um produto de valor no mercado, que retrata prestígio de quem o tem, sinônimo de erudição, sabedoria, posição social. E, assim, a sociedade da aparência vai cumprindo o seu papel.

4.2 A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR

Além dos professores de 1º ao 5º ano e os de português, a professora do Atendimento Educacional Especializado também realizava leitura com os alunos durante os atendimentos e emprestava livros para suas próprias leituras. A biblioteca era pouco frequentada durante a implementação do projeto de intervenção por funcionários, exceto esses que desenvolviam atividades e os da limpeza ou quando havia a necessidade de executar algum serviço particularmente no telhado ou no forro. Além dos supracitados, apenas a coordenadora frequentava acompanhando as atividades. A atuação desses funcionários perante a biblioteca comprova a adesão parcial da escola ao projeto. A relação dos professores com a biblioteca foi insatisfatória. Poucos frequentavam.

A presença dos servidores se dava em busca da articulação de atividades. A elaboração destas ocorria em conjunto com o professor da turma ou o de português, e a parceria da coordenadora. Alguns pais ou responsáveis acompanhavam as atividades pelo *facebook* da biblioteca, onde postavam comentários elogiando o projeto. Na inauguração, por exemplo, estiveram treze pais e o convite foi feito pessoalmente quatro dias antes em reunião na escola, onde compareceu cerca de oitenta responsáveis de alunos. As ações de leitura tiveram o apoio da gestão, coordenação, professores e servidores da secretaria da escola.

O processo de instalação da biblioteca não aconteceu de forma coletiva. Eu cheguei, pedi permissão para desenvolver, a direção aceitou, comunicamos os funcionários em conjunto com o orientador, mas as pessoas não demonstraram dar muito crédito à intervenção logo no início. Era difícil fazer reuniões para articulações do projeto. Tive que ir fazendo diariamente, conversando em grupos, durante os intervalos e por telefone. Vi uma preocupação da gestão em parar a aula para planejar as ações do processo de ensino e aprendizagem, momento extremamente importante para o desempenho da escola, e a decepção com a baixa participação dos funcionários nesses encontros.

No primeiro semestre ex-alunos e até alunos de outras escolas frequentaram o local e emprestaram livros. Creio que a novidade da implantação chamou a atenção, porém, no segundo semestre não houve visita do público externo para empréstimo. Considero a falta de locais desse porte no município, o desconhecimento literário e o comodismo como fatores que contribuem para uma desordem e para a falta de importância e interesse abibliotecas. Diante da realidade massificante imposta pelo sistema do capital, percebemos que prevalece a “ordem do pragmático” tal como aponta Britto (2015b) “ordem em que as coisas imperam e fazem da pessoa uma coisa entre tantas mais. E, para isso, há que narcotizar a alma da gente, que assim vai passando pelo tempo como se ele não fosse, vai sendo sem dar-se conta de que existe” (p. 28).

As pessoas querem que bons projetos sejam feitos, os pais exigem uma educação de qualidade, porém, ninguém quer ter o trabalho de desenvolver ações diferenciadas porque exige tempo e custos. Nessa panaceia, é preciso salientar, no entanto, que o incentivo à leitura não exige planos mirabolantes, necessita de ações sistematizadas e contínuas, basta colocar a leitura como atividade indispensável aos alunos.

A maioria das obras literárias se apresenta como um texto escrito que é preciso ler. Assim, muitas atividades e exercícios propostos pela pesquisa educativa sobre o ensino da leitura são perfeitamente aplicáveis aos textos literários. Antes de mais nada está o fato de oferecer um tempo de prática leitora na sala de aula ou na biblioteca escolar para que os alunos exercitem as habilidades de rapidez, concentração, autocontrole, etc., implicadas no ato da lei-

tura. E são as atividades de leitura dirigida e compartilhada, aquelas em que meninos e meninas vêm elucidar-se, ante os seus olhos, o modo de ler que devem interiorizar: como se antecipa o que se pode esperar na narrativa que lêem coletivamente; analisar o que seria cumprir as regras do gênero nessa obra, o que seria desobedecê-las e qual pode ser o propósito do autor para fazê-lo dessa maneira; comprovar as hipóteses realizadas; notar os fios ainda soltos ou as incongruências que derivam de uma falta de compreensão pontual; buscar os detalhes do texto que validam uma interpretação e invalidam outra” (COLOMER, 2007, p. 65).

Presenciamos um intenso comodismo que paira nas escolas, uma política do menor esforço, enquanto isso, vemos as pessoas entrarem e saírem dessa instituição como se nada as acontecesse. Santos (2016) apresenta cinco eixos em relação à leitura e formação do leitor. Dentre eles, leitura e experiência, assim como também é tratado no estudo da FNLIJ, visto no capítulo 1. Ambos concernem à experiência adquirida no contato com o texto literário e a atribuição de significados carregada de riqueza cultural. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21). Questiono, portanto, que tipo de experiência estamos proporcionando aos nossos alunos? De que modo a escola toca o aluno?

Os resultados das avaliações externas divulgam constantemente baixos índices quanto à leitura e cálculo nos diferentes níveis de ensino. Não estaríamos diante da mutilação da humanidade que Candido (2011) aborda? São noticiados a cada instante milhares de indivíduos mortos vítimas de violência, de preconceito, intolerância, de falta de afeto, de falta de características humanas nos seres que cometem essas atrocidades. Pessoas, às vezes, com alta escolaridade, deixam-se corromper por ideias deteriorizantes que têm protagonizado a nossa sociedade. Que tipo de “homem” nós estamos formando? Que atividades nós propomos na escola para superar a alienação, ultrapassar a unilateralidade, criar condições de humanização? É preciso admitir a arte e, por conseguinte, a literatura com a função de constituir o homem enquanto ser genérico como indica Saviani e Duarte (2010) quanto à perspectiva histórico-ontológica. A arte está associada ao homem total, omnilateral, pois capacita, forma e identifica o humano segundo Ernest Fischer (1983).

[Como] a arte e a literatura estão presentes na vida dos alunos? E da população em geral? E a leitura? Quanto à Escola Rosália Simões, os professores de 1º ao 5º ano e de português aderiram ao projeto no sentido de propagar a leitura através de notáveis ações. No entanto, estas não se consolidaram como coletivas. Algumas seguiram uma linha contínua de desenvolvimento, outras não. Apresento a seguir tais ações.

- Reconto

Atividade desenvolvida com duas turmas de 6º ano. A professora orientou os alunos a escolherem os livros na biblioteca e na data programada pela professora, houve o reconto em sala de aula. “Tem uns que aprofundaram na hora de contar. Falaram os autores... sobre a ilustração... Muitos fazem uma coisa que surpreende a gente, outros são mais tímidos, querem só ler lá na frente” (professora1).

O posicionamento da professora no que concerne ao envolvimento dos alunos lembra Silva (1984) quanto às posturas do leitor perante o texto. A fala evidencia que os estudantes se encontram entre ler as linhas e ler nas entrelinhas. Assim, um trabalho mais intenso, de continuidade da atividade, faz-se necessário para que aprimorem seus conhecimentos na construção dos sentidos do texto, aumentando o volume de leitura para que possam alcançar níveis mais elevados de processamento mental, passando do textual para chegar ao autobiográfico, metaliterário e ideológico como propõe Bértolo (2014).

O gênero conto constava no conteúdo programático como assunto a ser trabalhado no 1º bimestre e a professora, então, propôs o *reconto* comungando o exigido pelo documento e as orientações da proposta de intervenção em andamento na escola. Contudo, parece ter sido apenas algo para mostrar serviço, pois esse tipo de ação poderia prosseguir nos outros bimestres tomando como referência contos ou outros gêneros textuais.

- Ficha de leitura

As fichas eram compostas por duas partes. A primeira tinha a identificação da obra com nome do autor, editora, ano de publicação, edição, autores e ilustradores. A segunda, de caráter dissertativo, questionava qual personagem mais gostou, o porquê e o que a obra acrescentou para a experiência de vida do aluno.

A cada bimestre foi solicitada uma ficha aos alunos do 9º ano A, inclusive na recuperação. Houve uma continuidade dessa ação de levar a ler, subsidiando a aproximação do aluno ao livro, instigando a leitura constante. Práticas como esta proporcionam a diminuição das distâncias entre as pessoas e a cultura escrita.

- Projeto ler e escrever na escola: tudo a ver. Confecção de um livro de contos.

Seguindo o conteúdo programático e uma proposta do livro didático relacionados a conto, propôs-se aos alunos do 9º ano A a elaboração do livro. Primeiro, ocorreu a leitura e análise de textos do gênero. Na sequência, houve a escritura, reescritura e ilustração ampliando o que o livro solicitava.

Eu gostei de ver que a maioria teve empenho. Eles são bons aqueles alunos de fazer...descobrir...que eles podem se tornar autores. Isso acho que foi a melhor coisa que senti neles. Se sentiram envaidecidos de ver o livro, o que eles escreveram, a história deles se tornou real. (...) Vi neles a possibilidade que eu tive de orientar quanto à funcionalidade da língua, corrigir a escrita deles junto com eles. Esse foi o meu ganho como professora. Eu pude orientá-los sobre vários assuntos sem que eles tivessem fragmentados (professora 2).

Fica visível na fala da professora que a concentração maior se manteve na produção textual por mais que o produto final tenha ficado disponível na biblioteca como material a ser utilizado para leitura. É essencial refletir sobre nossas ações dentro da escola. Que indivíduo queremos formar? Que valores estão em voga? Qual a objetividade social das estratégias utilizadas? A educação é uma ação política, apesar de nem sempre cumprir com essa função. Devemos trabalhar com fins à formação de valores, levando a literatura à sala de aula numa visão social, como um modo de ver, pensar e agir no mundo. Conhecer a literatura, ler livros é uma das formas de elevação da vida cotidiana.

Viver em lugares distantes, se considerarmos estar na Amazônia, precisa ser sinônimo de falta de cultura? Por quê? Não é possível aproximar os nossos estudantes da escrita, dos livros? Pessoas que não tem consciência de seus atos, não tiveram oportunidade de construir uma bagagem cultural devido estarem à margem desse mundo intelectual podem ter acesso aos bens culturais por intermédio da escola. Enquanto educadores, é fundamental que tenhamos essa consciência de sermos mediadores, de irradiar a cultura, de dar condições, de permitir, de proporcionar esse acesso, de formar intelectuais. E essa tarefa se constrói no dia-a-dia, com as estratégias de leitura propostas, com as discussões promovidas em sala de aula, com a promoção da leitura e a instauração de um ambiente de resistência e desvelamento da massificação. Ler para ser mais humano e não para cumprir o conteúdo programático e seguir o livro didático. Ler para a manutenção da língua, do patrimônio coletivo, para ensinar a viver e aceitar a morte assim como indica Eco (2001) ao mencionar as funções da literatura.

- **Leitura diária**

A professora do 3º ano iniciou fazendo leitura pública para os alunos diariamente. Depois começou a perguntar quem gostaria de realizar a leitura. Desde então a atividade passou a ser feita também pelos alunos. “Primeiro eu leio, depois temos a leitura de um aluno e às vezes mais alguém pede para ler. Se eu não for leitora como vou exigir que meu aluno leia?” (professora 3). Importa perceber que o modo como a leitura é trabalhada no cotidiano da sala de aula tem a ver com o posicionamento do educador quanto à língua, ao texto e ao sujeito

assim como indicam Elias e Koch (2006) nas concepções de leitura: foco no texto, foco no autor e foco na interação autor-texto-leitor.

Quando o aluno ainda tinha dificuldades para ler, a professora fazia a leitura com ele subsidiando-o a decodificar e entender o texto. Após a leitura dos livros, ocorria um momento de exploração do texto lido com perguntas sobre o autor, o título, de que tratava o texto, associação com o cotidiano e com outras leituras já realizadas. “A leitura já se tornou um hábito, já é uma rotina para eles. Tanto é que eles sempre perguntam: _ Quem vai ler amanhã?” (professora 3).

Vale destacar que a concepção de educação assumida pela professora³ com esta atividade constitui um exemplo de formação omnilateral, devido as condições objetivas e subjetivas proporcionadas aos alunos auxiliando na percepção da historicidade humana. Por meio da leitura cotidianamente foi possível o desenvolvimento educacional e intelectual dos estudantes, com a assimilação de conteúdos e a aquisição de conhecimento; assim como, serviu à irradiação da cultural e o gosto estético pela disseminação da arte literária; propiciou a dimensão psicossocial acerca do convívio em sociedade, os papéis sociais e a constituição de valores necessários à vida; incitou à afetividade colaborando para o respeito ao outro durante a leitura, incentivando o apoio ao colega quando apresentava dificuldades; e, levou o lúdico para a sala de aula despertando a imaginação, a criatividade e a ampliação da rede de significados sobre a realidade.

A literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que melhor ensina “a se perceber” que há mais do que o que se diz explicitamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a elipse e a confusão foram organizadas deliberadamente (...). Aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. (...) um meio para não cair nas armadilhas discursivas da sociedade. (...) para ver o mundo de forma mais “inteligível”, ou seja, para sermos, em definitivo, mais “inteligentes” (COLOMER, 2007, p. 70).

O progresso dos alunos foi visível à professora que relatou emocionada aos demais professores na formação do Pnaic, como os alunos, que não sabiam ler no início do ano, avançaram no segundo semestre. Além da decodificação, também houve melhor desempenho em interpretação, comparação de histórias com elementos em comum, inversão de narrativas. A professora descobriu como trabalhar a partir da literatura, pois o foco principal de suas aulas passou a ser o texto literário. Dele surgiam as atividades de sala de aula e os conteúdos.

A percepção desses avanços me fez sugerir às demais turmas de 1º ao 5º ano a adesão à *leitura diária*, baseando-se nos caminhos que a professora percorreu: constituição de acervo de sala de aula, disponibilização dos livros aos alunos logo no primeiro horário diariamente, leitura individual silenciosa, leitura pública do professor para os alunos, leitura pública de um aluno escolhido no dia anterior e atividades a partir dos livros.

O tipo de conhecimentos, leituras ou intensidades previstos pela escola podem ser distintos, mas qualquer docente deve ter presente que desde a etapa infantil até o final do secundário todos jogam na mesma equipe e que os objetivos perseguidos, inclusive os métodos, apresentam – ou deveriam apresentar – uma grande unidade de ação (COLOMER, 2007, p. 63).

É importante frisar as variações na atividade a partir da sugestão de adesão. O 1º ano não aderiu, a professora já tinha acervo de sala devido o Pnaic, mas não fazia leitura diária. A justificativa foi que os alunos não sabiam ler ainda. E é exatamente por isso que deveria investir na utilização dos livros cotidianamente. O 2º ano compartilhou com o 5º ano B os livros e a adesão se concretizou disponibilizando o material aos alunos. Após a leitura silenciosa a professora pedia para dois deles falarem sobre o texto lido. Foi notável no 4º ano diferentes metodologias na realização da leitura uma vez por semana: a leitura em grupo – um aluno lia para os demais do grupo e cada um falava o seu entendimento do texto; leitura compartilhada – roda de leitura em que cada aluno lia uma parte do livro. O 5º ano A não quis acervo de sala, a professora fazia leitura pública de dois ou três livros na sexta-feira – a sexta da leitura – e combinou que o *baú literário* fosse nesse dia para complementar a atividade. Disse que não poderia disponibilizar mais dias porque os alunos estavam muito atrasados no conteúdo, que havia em torno de dez alunos que não sabiam ler. Falta-lhe a consciência de que se aprende a ler lendo.

Um movimento importante foi perceptível a partir dessa atividade, a professora³ passou a demonstrar nas programações da escola a prática de leitura diária que realizava em sala de aula. No dia da árvore, houve a leitura dramatizada do livro *A árvore generosa*, escrito e ilustrado por Shel Silverstein. No dia das crianças, teve *Chapeuzinho Vermelho* (livro *Minhas queridas histórias*, ilustrado por Reginaldo Vignatti) e *Romeu e Julieta*, texto de Ruth Rocha e ilustração de Mariana Massarani.

Nunca é demais lembrar que existe uma gama considerável de metodologias que podem ser estudadas e reinventadas pelos professores no momento de orientar a leitura dos alunos na escola. Outrossim, caso a didática seja tomada como um espaço de criação e não como um campo de respostas fechadas, o professor poderá criar as suas próprias metodologias para o ensino da leitura, desde que carregue consigo o entusiasmo pela escrita, o amor pelos livros, e seja capaz de discutir com o coletivo dos professores da sua escola as

finalidades cumpridas pela leitura na sociedade brasileira. Resumindo, a saída para o dilema pode ser tomada como um garfo de duas pontas: no primeiro, através da formação básica e/ou continuada, há que realizar um estudo sobre as metodologias e técnicas de leitura; no segundo, através das reuniões em torno do projeto pedagógico da escola, criar coletivamente as metodologias mais apropriadas para atender as necessidades de leitura do currículo, horizontal e verticalmente (SILVA, 2003, p. 30).

Considero a *leitura diária*, particularmente no 3º ano, onde surgiu, a ação mais simbólica, significativa e com resultados bastante visíveis. Avalio o sucesso ao comprometimento da professora, a disciplina na realização diária, a persistência em manter e encontrar caminhos para uma prática de leitura diferenciada que orientou, inclusive, a sua forma de ensinar partindo da leitura invés do conteúdo programático. Além disso, foi expressivo o avanço dos alunos e a escola pode constatar isso nas inúmeras apresentações de livros que fizeram no decorrer do ano letivo.

- Espalhando alegria através da poesia

O 6º ano A declamou poemas nas salas para os alunos e para os funcionários na cozinha e na secretaria. A turma foi dividida em seis grupos. Cada um ficou responsável de declamar em duas salas. Após a distribuição dos textos, fiz leitura pública de todos os vinte e três poemas selecionados, orientei em conjunto com a professora de Língua Portuguesa do turno da manhã a leitura aluno por aluno e a professora deu prosseguimento à atividade com ensaio em outra aula e então ocorreu a apresentação. A abertura das declamações e leitura em cada sala aconteceu com os dizeres de um aluno:

O 6º ano A
tem o prazer de apresentar
o “projeto espalhando alegria
através da poesia”.

A poesia é boa de se ler
com ela você pode aprender
amor, paz, amizade e solidariedade
Tudo isso pode ser seu
e também amar
como amou Romeu (C.W.)

Entre as seções pouco frequentadas da biblioteca estava a categoria poesia. No intuito de incentivar a leitura e a divulgação de textos dessa natureza, a professora da turma se propôs a realizar um movimento na escola perpassando pelas salas de aula, secretaria e cozinha levando a poesia. Se as pessoas que fazem a escola não tomarem consciência da função da educação como meio capaz de proporcionar a desalienação do indivíduo, continuaremos forman-

do seres que serão manobrados pelo sistema, mão de obra barata, e a escola permanecerá elitista, aparelho de exclusão social. Educar para emancipar, não para moldar pessoas para o mercado tanto para ser trabalhador (explorado) como consumidor. É preciso buscar o novo, despertar a curiosidade, incitar à criatividade. Estou falando de uma ação de levar a ler que inicia com um poema de autoria de aluno, valoriza a sua voz, promove a leitura, descobre talentos.

- Carta de recomendação literária

Essa atividade foi uma sugestão que dei à professora de português e a servidora desenvolveu com duas turmas de 6º ano. O objetivo era promover a leitura e a escrita a partir do texto literário. Os alunos da turma A escolheram os livros, leram, escreveram as cartas recomendando a obra lida. Na produção tinham que inserir o que mais lhe chamou atenção no livro. As cartas foram entregues à professora que fez o papel e correio levando os escritos para os alunos da turma B. A carta inicial não tinha destinatário especificado.

Os alunos da turma B, ao receberem a carta procuravam a biblioteca para emprestar o livro recomendado na correspondência recebida. Eles responderam aos remetentes dizendo o que gostaram do livro indicado e alguns recomendaram a leitura de outros livros.

É preciso destacar que a atividade se concretizou de maneira pontual. Não foi dado prosseguimento à elaboração de cartas para motivar os alunos continuarem lendo, indo à biblioteca. Levar a ler transcende o fazer para dizer que fez, esse ato educativo se insere numa perspectiva de proporcionar aos alunos condições para se manter lendo. Para tanto, as ações de incentivo à leitura devem seguir um caminho contínuo e sistemático.

- Piquenique literário

Um momento de grande valor literário para os alunos do 9º ano A, realizado no mês de setembro. Ocorreu embaixo das árvores nas dependências da escola, durante aulas de língua portuguesa, foi uma atividade avaliativa da disciplina. É preciso participar da vida em sociedade e da cultura de modo que a leitura, segundo Britto (2012), seja admitida para denunciar a negação dos direitos, não para fugir das adversidades. Não foi apenas um momento de lazer, de compartilhar um lanche, os alunos se debruçaram nas suas leituras para a apresentação, porque ler também exige esforço e a escola precisa levar a ler para superar as dificuldades, para o aluno alcançar novos níveis de inteligência.

A abertura se deu com um aluno com deficiência visual que recitou um poema de sua autoria expondo de que se tratava aquele evento. Uma aluna fez a leitura de um texto de cu-

nho religioso como momento devocional. A seguir teve uma seção intitulada *eu curto, eu indico*, em que os alunos mostravam livros que leram encontrados em suas residências ou emprestados na biblioteca, e falavam resumidamente do enredo, personagens, o que gostaram da história, o que o livro acrescentou como experiência de vida, bem como porque indicavam a leitura.

Houve uma parte do piquenique com declamações de poemas, jogral de autoria inclusive dos próprios alunos com a temática da leitura e a sua importância: *ler e escrever - tudo a ver*. Um grupo fez a leitura do artigo de opinião *Ler é poder* de autoria dos alunos. De acordo com Castrillón (2011) a leitura é um instrumento de poder, uma forma de exclusão. Ter ciência desses fatos é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que combatam o sistema alienante e coloquem a leitura como direito do cidadão.

A finalização das apresentações ocorreu com a leitura de crônicas e contos, todos relacionados à leitura. Tinham um cunho irônico e humorado, contudo bastante críticos a respeito do tema. Ao final a turma escolheu o melhor texto e a melhor leitura. Estiveram presentes funcionários da secretaria da escola, a professora do AEE, pois tinham dois alunos que recebem este acompanhamento, a coordenadora, a diretora e eu.

Mesmo estando em lugares distantes é possível aproximar os alunos da cultura com ações de levar a ler como esta. Sistematização de atividades, planejamento, são alguns aspectos que se elevam nessa prática versátil, que dispôs aos alunos diversos textos com gêneros variados e formas diferentes de compartilhamento com a turma. Por esse prisma, é basilar a análise dessa ação tomando como referência as funções da leitura apregoadas por Silva (2009). A diversidade das apresentações oriundas das leituras realizadas propiciou aos alunos provar da herança cultural humana, serviu como instrumento de aprendizagem na disciplina de língua portuguesa e a para a vida, ajudou no repasse da ciência e da cultura, propagou o combate à massificação capitalista e içou a leitura como difusora de conhecimento. Foi um momento muito rico de crescimento humano em diferentes aspectos para os alunos e os demais presentes tomando como referência a formação omnilateral. Silva (2009) quando fala nas funções da leitura, está falando de algo que Britto (2012) já falou sobre a leitura ser estudo – ação intelectual –, por isso não é prazer, precisa de esforço.

- Compartilhando o lido

Desenvolvida com turmas de 6º a 9º anos do turno da tarde, a atividade apresentou quatro momentos. Primeiro, a professora de português do turno da tarde (professora 4) pediu aos alunos que estavam lendo algum livro compartilhassem com a turma suas impressões lite-

rárias. Numa segunda etapa, ela disse para os alunos emprestarem livros na biblioteca e determinou data para o compartilhamento. A terceira fase se concretizou com a ida da professora junto com os alunos à biblioteca, onde a servidora auxiliou as crianças e os jovens na escolha das literaturas para exporem em sala de aula. E, o quarto momento se consolidou na elaboração de ficha de leitura de um livro (dados bibliográficos da obra, resumo e relação com a realidade) e compartilhamento do lido em duplas. “Temos de saber ‘onde estão’ para ajudá-los a ampliar progressivamente sua capacidade de fruição. Não saltarão de repente de um tipo de *corpus* a outro” (COLOMER, 2007, p. 67).

Dificuldades iniciais foram relatadas pela professora com alunos que não realizaram a leitura, não emprestaram livros, outros apenas leram parte do livro no momento de compartilhar. Contudo, a continuidade da ação mostrou avanços com estudantes aprofundando interpretações e querendo expor mais de um livro. “O texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências” (ZILBERMAN, 2008, p. 23). Há relatos da professora 4 inclusive de momentos de forte emoção de alunos ao associar a ficção à sua realidade.

Compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la (COLOMER, 2007, p. 147).

Diante do paradoxo que se vive entre grandes avanços da tecnologia e a exacerbada desigualdade social, a literatura pode organizar o homem e o mundo segundo aponta Antonio Candido (2011) porque formata os sentimentos, aflora as nossas emoções e desvela as injustiças. Isso propicia condições para o homem se não organizar a sociedade, mas dá-lhe subsídios para executar essa tarefa indispensável.

Considero o *compartilhando o lido* como uma das ações de levar a ler mais prósperas desenvolvidas na escola, devido o progresso na execução, a continuidade a cada bimestre, os níveis de dificuldade colocados a cada nova etapa e o acompanhamento constante da professora nos diferentes momentos.

4.3 DINÂMICA DA ESCOLA A PARTIR DA INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTECA

A biblioteca causou um intenso movimento na escola conduzindo os alunos em busca dos livros. Seria a novidade de poder estar próximo de tantos livros? O desejo de fugir do calor, já que a sala era bastante refrigerada? A possibilidade de adentrar um novo mundo? A

descoberta de uma nova função (interessante) da escola? Poderia elencar diferentes motivos, todavia o que se sobressai é o acesso ao livro.

Discuti no 1º capítulo ao tratar “das culturas orais às culturas da escrita” sobre a democratização da educação, depois desse período de intervenção a observar o cotidiano escolar com olhos não só de professora, mas agora como pesquisadora, fico a me questionar até que ponto a leitura e a escrita deixaram de ser exclusivas da minoria da população com a popularização da escola? Não estaríamos diante de uma democratização camuflada?

A rotatividade era imensa, talvez a justificativa fosse o fato da sala não ser aberta diariamente, após a saída da professora em abril e a nova lotação da biblioteca em outubro. O movimento maior era no turno da manhã devido ter onze turmas funcionando em contrapartidas à tarde que tinha cinco e à noite, duas. Quando teve funcionário lotado no início do ano, iniciou uma política de empréstimo com prazo de cinco dias, depois estendi para sete porque não tinha quem recolhesse os livros. As seções mais frequentadas eram: infantojuvenil e quadrinhos. As menos utilizadas foram: informativo livre, apoio docente, obras de referência e auto-ajuda. Pelo interesse do empréstimo dá para imaginar quem frequentava a biblioteca.

Os alunos se sentiam bastante a vontade, logo após a inauguração queriam usar os livros na biblioteca até mesmo enquanto tinha professor na sua sala de aula e durante o devocional. O volume de empréstimo diário variou entre 103, 90, 80, 63 nos dias subsequentes ao evento de abertura da sala. Era a novidade! Um ponto positivo desse período se tratou do formador de leitura – a professora da biblioteca – tendo em vista a sua formação em letras e seu conhecimento literário de anos de trabalho se constituiu como uma agente cultural para os alunos na indicação de livros e auxílio nas escolhas. Em função de ser funcionária da escola há quatro anos tinha facilidade na comunicação com os usuários e com os professores no trabalho de promoção da leitura e difusão de informações, atribuições importantes de quem ocupa essa função na biblioteca, pois pode proporcionar o desenvolvimento das dimensões da leitura que Jouve (2002) expõe como processos neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico.

Vale refletir, no entanto, acerca da lotação dessa professora nesse espaço pedagógico. Ela não poderia ficar em sala de aula porque era concursada da área rural e devido as suas dificuldades de mobilidade não poderia se deslocar para a comunidade em que seria lotada. A servidora tem graves problemas de saúde e tão logo foi lotada e regularizada a sua situação funcional, deu entrada em seu pedido de aposentadoria no setor jurídico do município que a afastou das atividades escolares em maio de 2018.

Nesse ponto, deparei-me com uma das grandes dificuldades em manter a biblioteca funcionando diariamente porque não tinha um profissional responsável pela sala. Houve auxílio particularmente da coordenadora pedagógica no recebimento de livros emprestados e abertura da biblioteca no turno da noite. Confesso que cada setor da escola tem a sua função na ação de formar leitores, contudo, cada pessoa também tem suas atribuições de acordo com o cargo assumido no âmbito escolar de forma que não era possível destituir-se de suas atribuições para atender a biblioteca como este espaço precisa funcionar. E, assim, constata-se mais uma vez esse lugar tão importante sendo tratado pelo poder público como um apêndice.

No mês seguinte, em abril, contabilizamos 539 livros emprestados e com o aposento da professora, em maio a retirada reduziu à metade. Os números voltaram a crescer quando os professores começaram a desenvolver atividades que exigiam a leitura dos livros com as práticas mencionadas por Geraldi (1984) que mesclavam a busca de informações e estudo do texto como as fichas de leitura, mas também a fruição vista no compartilhando o lido e no piquenique literário. Além disso, com a *hora da leitura* e a *leitura diária* os estudantes se sentiam motivados ao empréstimo.

A comunicação literária se produz desde o início dos caminhos assinalados. Isto sustenta a ideia educativa de que a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre o indivíduo e a cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes, e não para saber analisar a construção do artifício como um objetivo em si mesmo. O trabalho sobre as obras deve orientar-se, pois, para a descoberta do seu sentido global, a estrutura simbólica onde o leitor pode projetar-se. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler (COLOMER, 2007, p. 62).

Apesar do espaço ser bastante reduzido, os alunos gostavam de ficar na biblioteca lendo, conversavam sobre suas escolhas, preferências e influência aos colegas, o que poderia chamar de rede de leitura. Uma circulação bastante visível foi da coleção *Diário de um banana*, de Jeff Kinney. Apesar de seu baixo valor literário, não posso omitir a rede que se construiu em torno da coletânea. Alunos que leram todos os livros do *box* indicavam aos colegas. A procura era imensa junto ao desejo de ler na sequência, fato quase impossível. É reconhecível, porém, que para alguns alunos tais exemplares serviram como porta de entrada para outras leituras, pois não encontrando um diário escolhiam outro livro.

Em rede os livros emprestados pelos alunos passavam às mãos de seus pais, irmãos, primos e até vizinhos. Em um relato da professora da biblioteca é notória essa circulação no núcleo familiar quando um aluno declara que demorou a devolver o livro porque havia dado

ao irmão para ler e depois para a mãe. Gostou tanto da história que tinha lido para o irmão menor que ainda não lia e até copiou o texto no caderno para não perder.

A produção do valor de determinadas leituras, particularmente, nas séries iniciais foi perceptível a partir da *hora da leitura*. Os livros utilizados nesse momento eram intensamente procurados pelos alunos, por isso tentei levar ao conhecimento dos estudantes autores como Eva Furnari, Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Cecília Meireles, dentre outros, totalizando 40 livros lidos enquanto a leitura foi feita por mim. Outro fator que influenciou a busca já nas séries finais foram as *Oficinas de leitura: Conhecendo o autor*, devido à curiosidade suscitada na apresentação das obras dos escritores estudados entre os quais esteve Marilda Castanha e Monteiro Lobato.

A fim de externar todo o movimento da escola em torno da biblioteca, o Projeto de Leitura foi tema da escola no desfile da independência para mostrar à sociedade montealegrense seus feitos e seu progresso, foi convidada a compartilhar as atividades de leitura realizadas na Formação do Pnaic. Os funcionários da escola se mostraram bastante satisfeitos com a propagação da leitura, com o movimento que o projeto conseguiu realizar na escola. Mesmo os servidores que não desenvolveram ações de leitura percebiam os avanços que os alunos tiveram, o interesse que mostravam pelos livros e as mudanças no cotidiano escolar a partir da implantação da biblioteca. São válidas as percepções dos funcionários acerca desse movimento de democratização do livro na escola, mas é preciso pensar também de modo mais crítico quanto às condições e as possibilidades da instituição da biblioteca na escola.

As dificuldades encontradas nesse espaço pedagógico têm sido muito bem delineadas desde a metodologia: o espaço, o mobiliário, a falta de funcionário no intervalo entre a aposentadoria da professora lotada no início do ano e a entrada das duas professoras em outubro, a adesão apenas dos professores de língua portuguesa e de 1º ao 5º ano, atividades individualizadas sem primar por um cunho coletivo.

“Com as fantasias produzidas na interação leitor-literatura surgem, como que grudados, elementos de conhecimento. Assim, o percurso do leitor, em si mesmo e por si só, é pedagógico. Assim, a ficção ensina. O importante, portanto, é o encontro” (ZILBERMAN; SILVA, 2008, p. 30). Se errei ou acertei, não sei! Mas esse encontro eu proporcionei!

4.4 VIVÊNCIA NA BIBLIOTECA

O objetivo dessa categoria é analisar o movimento da biblioteca como um espaço de leitura e aprendizagem, tratarei da organização do espaço e o funcionamento, ações por ela de-

envolvidas na escola e a atuação das professoras da biblioteca como promotoras de leitura na escola.

Organizei a biblioteca tentando dispor aos alunos o máximo de espaço possível dentro da minúscula sala que nos foi disponibilizada. Conta com climatização adequada, porém não há acomodação para muitas pessoas. Apenas quatro pufes e o tapete que consegui de doação. As prateleiras são de madeira, sendo mais aconselháveis de material em aço. Apenas uma professora frequentava semanalmente a sala. A limpeza do ambiente não era diária.

Em outubro de 2018 a Semec lotou duas professoras de português na biblioteca, uma graduada e outra com mestrado em Letras. O funcionamento passou a ser de segunda a sexta pela manhã, terça e quarta à tarde, e segunda à noite. A biblioteca ficou quatro meses sem funcionário: maio, junho, agosto e setembro. Considero esse período o de maior intensidade das atividades de intervenção. Fico a me questionar se a motivação para a Secretaria de Educação enviar essas profissionais foi pela insistência da gestão após três ofícios e um relatório solicitando servidor para a biblioteca, se foi devido a visibilidade que o projeto foi alcançando no município ou por não ter carga horária para esses professores serem lotados em sala de aula.

As professoras lotadas deram sequência às ações de levar a ler que eu vinha fazendo principalmente o *baú literário* e a *hora da leitura*. Deram apoio à ação *espalhando alegria através da poesia*, prosseguiram com os empréstimos, o *perfil do facebook*, dispuseram-se a continuar as visitas com alunos, porém não em bibliotecas, mas em órgãos públicos, percorrendo o bairro. Não aderiram às *oficinas de leitura*, *mural de propaganda* de livros lidos e *bolsão de indicação literária*. A justificativa dada pelas servidoras foi a de que eram muitas atividades realizadas pela biblioteca e precisavam se situar com a realidade para então aderir às demais ações.

- Empréstimos

Iniciou assim que comecei as atividades do projeto na escola em outubro de 2017. Naquele ano não foram desenvolvidas ações direcionadas à utilização dos livros nem do projeto nem de professores. Porém, mesmo assim, os alunos realizavam o empréstimo. Interessante destacar a circulação dos livros no núcleo familiar a partir do empréstimo. Em se tratando de alunos da EJA, alguns já pais, o empréstimo servia para realizar a leitura com seus filhos. Vale destacar o incentivo de um aluno da EJA que gostava muito de ler e motivava os demais a utilizar a biblioteca. Em setembro, após seu pedido de transferência da escola, percebi a redução dos empréstimos à noite.

Além de criar comunidades de leitores nas aulas, os livros para compartilhar podem estabelecer laços entre a escola e as famílias. Os livros que vão e vêm da escola para a casa, através do empréstimo, permitem agregar os familiares à leitura compartilhada (COLOMER, 2007, p. 150).

Como a Semec não lotou outro profissional após a saída da professora da biblioteca em maio, eu e a coordenadora da escola passamos a fazer o empréstimo e recebimento dos livros até outubro. Duas professoras também registravam quando queriam fazer atividades de leitura nas turmas. Eu não me escusei dessa ação porque me senti na obrigação de auxiliar a escola quanto ao funcionamento da biblioteca. Sei que não era essa a minha função, porém, eu levei o projeto para aquele ambiente, a escola não tinha autonomia para nomear alguém de seu quadro de funcionários para ficar naquele espaço, então nos dias que eu podia ir para a escola, além das atividades de intervenção também fazia o empréstimo. Os alunos queriam ler, buscavam a biblioteca e era lastimável ver que não tinha um profissional para atendê-los diariamente. Reclamavam porque ficava fechada e fiquei por muitos conhecida como “a mulher do livro”. Se eu não fizesse o registro, não estaria agindo tal qual a escola agiu por tanto tempo guardando os livros?

- Hora da leitura

As leituras na biblioteca começaram na semana seguinte à inauguração. Fiz um cronograma colocando um horário na semana para cada turma de 1º ao 5º ano. Contudo, os dois 5º anos não tiveram a oportunidade de participar porque a sala não comportava a quantidade de alunos e as salas de aula não eram acessíveis à professora que é cadeirante. A professora da biblioteca fez a escolha e a leitura dos livros para os alunos durante os meses de março e abril enquanto permaneceu trabalhando. Após o pedido de aposentadoria da servidora eu continuei a atividade, mas não pude seguir o cronograma porque não tinha disponibilidade para estar na escola de segunda à sexta-feira.

Os alunos adoravam, pediam aos professores para ter e quando me encontravam sempre indagavam quando eu iria realizar leitura na turma. Tratava-se de uma ação aparentemente muito simples, sem planejamentos difíceis, bastava conhecer o livro e saber fazer as entonações de voz e ritmo, dar emoção na pronúncia das palavras e os alunos se envolviam, mostravam no olhar a curiosidade para chegar ao desfecho da história, ficavam atentos e buscavam o melhor ângulo para acompanhar a leitura e a visualização das ilustrações do livro.

A presença da imagem nos livros infantis permitiu colocar nela elementos distintos da narrativa, que, desta forma, podem continuar presentes na história sem sobrecarregar o texto a ser lido. Tradicionalmente, a ilustração e o texto caminhavam em planos paralelos. Um contava a história e o outro a

“ilustrava”. Mas, boa parte dos livros infantis atuais – que receberam o nome de “álbuns” exatamente para distingui-los dos contos ilustrados – incorpora a imagem como elemento constitutivo da história, de maneira que os dois – texto e ilustração – complementam a informação (COLOMER, 2007, p. 93).

Das seis turmas de séries iniciais as quais a *hora da leitura* se direcionava, somente duas professoras acompanhavam os alunos e participavam desse momento. Tanto que um dia, uma das que nunca assistiu me questionou:

o que tu faz tanto com esses meninos que eles gostam demais dessa leitura? Vivem me perguntando quando será novamente. Olha que eu não sou ruim de contar história, já trabalhei com todas as séries até o 5º ano e eu conto bem uma história, mas eles gostam muito do que tu faz com eles, olha... (professora 5).

Em resposta disse que eu apenas lia para os alunos geralmente dois livros e conversávamos sobre as histórias lidas, falava sobre os autores, as ilustrações e situações da vida deles que se igualassem ao texto em questão. “Comentar a leitura é uma boa forma de incentivar o leitor a ‘fazer sentido’ do que lê ou do que ouve ler. Ler e ouvir *entendendo* ensina que leitura não é mera sucessão de sons ou de letras” (LAJOLO, 2005, p.33). Precisamos compreender o lugar desses pequenos leitores na nossa sociedade pautada no pragmatismo. A escola e o aluno tem se acostumado a realizar apenas o que gera nota, tarefas com retorno imediato e fim determinado. O sistema educacional é estritamente classificatório e cumulativo. Pensar num modo de educar para além desse imediatismo, dessa objetividade, eis um caminho que é preciso trilhar na educação.

Precisamos entender a leitura mais ampliada, leitura do leitor ouvinte, do leitor visual, das coisas que estão no mundo e a importância dessa literatura circular entre os alunos desde pequenos. Assim, poderão ver o mundo por outros ângulos e ter a possibilidade de ampliar o olhar sobre a vida. Precisamos dar voz ao nosso aluno para que possamos compreender o seu processo de aprendizagem.

Se deixamos que falem sobre os livros e se os ouvimos, poderemos saber também se usam, realmente, os conceitos e as palavras que lhes foram dados para interpretar suas leituras ou se esse é um conhecimento reservado unicamente para a prova. Ensinar a falar, a argumentar, a usar a metalinguagem literária é uma das linhas básicas do ensino da literatura na escola. É o que permite que as crianças possam julgar os contos [livros] lidos a partir de análises realmente literárias (COLOMER, 2007, p. 66).

É preciso destacar que nem sempre a atividade foi realizada com sucesso, houve leituras que os alunos não se interessavam. Principalmente quando o livro não tinha ilustrações nas páginas, pois quando tinha eu lia mostrando. Isso chamava a atenção. Nas leituras mais compridas percebia a inquietação de alguns. A adaptação de *Romeu e Julieta*, de Paulo Men-

des Campos, por exemplo, não foi possível ser concluída no 5º ano B. Não cheguei a ler nem a metade do conto. Enquanto professores precisamos ter conhecimento para a escolha dessas leituras, a adequação do texto para a faixa etária, talvez eu tenha errado nesse ponto.

Um tópico a se considerar consiste na presença do professor da turma no acompanhamento das atividades desenvolvidas pelo professor da biblioteca. O envolvimento do professor da turma é fundamental, primeiro porque demonstra aos alunos a importância que dá à leitura participando mesmo não sendo o protagonista, segundo devido ser um momento de aprendizado também para o professor, ler pela voz do outro, ser leitor ouvinte.

- Baú literário

Essa ação foi direcionada aos professores de 1º ao 5º ano para realizarem leitura pública para os alunos. “Lendo bem *com* e *para* seus alunos, favorecerá que eles aprendam a ler com desenvoltura. Quando se lê com desenvoltura, quem ouve a leitura pode se envolver nas emoções e sentimentos que uma boa história provoca” (LAJOLO, 2005, 29). Diante da importância da leitura em voz alta do professor, considero que a atividade não teve adesão total dos professores conforme o planejado no cronograma, eles não iam buscar o baú e para executar não precisa ter alguém na biblioteca. O próprio professor teria que selecionar os livros conforme a sua turma. “É necessário que os docentes saibam analisar e avaliar os livros que oferecem outras formas de fruição para que possam levar as crianças a descobrir prazeres que exigem maior elaboração” (COLOMER, 2007, p. 69).

Após a saída da professora da biblioteca se eu não fosse atrás das professoras para usarem o baú, a atividade não era realizada. Apenas o 4º ano procurava, mas consegui por insistência – já dizia a professora 4, “o trabalho de leitura é uma tarefa de persistência” – manter rotina semanal nas outras cinco turmas. Após a adesão do 2º, 4º e 5º ano A à *leitura diária*, percebi que as professoras deram mais importância ao baú porque diversificaria o acervo de sala. Porém, com a entrada das professoras da biblioteca presenciei relatos de que os professores não davam muita importância ao horário do baú em sala.

- Visitas a outras bibliotecas

Essa atividade tinha como objetivo proporcionar aos alunos usufruírem de uma biblioteca com um espaço adequado, onde pudessem vivenciar a atmosfera da leitura de forma confortável e conhecer atividades desenvolvidas pelos alunos de outra escola quanto à leitura. O que também denomino intercâmbio de projetos. “A biblioteca deve contribuir para encontrar

soluções ao problema da desinformação, originado da manipulação que a mídia faz da informação” (CASTRILLÓN, 2011, p. 79).

Foi bastante positiva a atividade. A escola visitada organizou os seus alunos com muito profissionalismo. A dificuldade maior foi relacionada ao transporte, pois a Semec não disponibilizou o transporte na hora de levar os alunos com a justificativa que o ônibus teve que ir à oficina. Os alunos foram nos carros particulares dos professores. Por essa falta de apoio da Semec quanto ao transporte não me propus a organizar novas visitas.

- Oficinas de leitura: Conhecendo o autor

Foram realizadas com os alunos de 6º a 9º ano. O objetivo era que os alunos conhecessem alguns autores passando pela biografia, obras publicadas, leitura pública de uma obra e atividades como confecção de mural e leitura em grupo de livros do autor estudado. Na ocasião, mostrava um vídeo produzido pelo próprio autor direcionado aos estudantes da Escola Rosália Simões tendo em vista a dificuldade de trazer um escritor ou ilustrador na cidade em função das despesas por estar nesses lugares distantes e aqui me refiro à questão tanto geográfica como longe dos centros culturais formais.

Foi visível o entusiasmo dos alunos quanto ao vídeo do autor, sentiram-se importantes, mesmo não sendo um contato direto. Motivou a procura pelos livros apresentados. Entre os entraves, destaco o tempo gasto na quarta oficina que a professora pediu para realizar com duas turmas. Ficou difícil para auxiliar as equipes por serem muitos alunos, eles se distraíram e demoraram para finalizar; numa oficina de 9º ano a professora não pode acompanhar porque teve que adiantar uma aula em outra turma e utilizamos uma aula de outra professora que havia faltado. Essas duas situações contribuíram para o baixo aproveitamento dos estudantes nas atividades propostas. A escolha do autor a ser feita a oficina dependia da biblioteca ter obras daquele escritor e eu conseguir o vídeo.

- Propaganda da leitura e Bolsa de indicação literária

O mural da propaganda comportou diferentes ilustrações dos alunos elaboradas a partir de suas leituras, assim como textos sobre obras lidas. Serviu de base para o painel com as produções das Oficinas e foi foco de muita curiosidade tanto dos produtores como dos demais alunos. Esse elemento de divulgação expôs uma pequena parcela do trabalho da biblioteca subsidiando o que Campello (2012) aborda quanto aos papéis deste ambiente na escola: o gosto pela leitura, o respeito e o zelo pelo espaço público, a valorização e a preservação da cultura. Além de colocar no mural, os trabalhos foram postados no grupo de *whatApp* de fun-

cionários e *facebook* da biblioteca como uma forma de divulgar as produções e com o intuito do aluno perceber a importância de seus produtos a partir da leitura, valorizando-os.

Outro meio de incentivar a leitura foi o Bolsão de indicação literária. Este instrumento foi acomodado dentro da biblioteca e era frequentemente ocupado por dois livros deixados em destaque no sentido de influenciar a escolha no momento do empréstimo. Não foi muito produtivo, pois a atenção maior dos usuários se detinha em vasculhar as estantes, manusear os materiais, aproximar-se daquele mundo por tanto tempo tão distante e agora na palma de suas mãos.

- Perfil da biblioteca no *facebook*

Uma experiência rica de contato com autores, ilustradores, críticos, alunos, pais e professores através de comentários sobre os livros sugeridos, divulgação de atividades de leitura desenvolvidas na escola, as enquetes propostas e demais publicações. Um meio de compartilhar informações e promover a leitura. Foram indicados noventa e dois livros de maio a outubro. Quantitativo considerável que numa esfera individual me trouxe grande crescimento, pois para indicar eu me sentia na obrigação de conhecer o livro.

Todavia, é preciso reconhecer as dificuldades. A Escola Rosália Simões é localizada num bairro periférico, como caracterizada no 2º capítulo, em função dessa particularidade, os alunos teriam acesso ao *facebook*? Dos 818 *faceamigos* aproximadamente 72 são alunos, 24 funcionários. No mundo de inversões que presenciamos, o supérfluo toma o lugar do essencial, manobra do sistema para manter as pessoas ocupadas e sem tempo para pensar e se libertar da alienação. Por isso temos que saber usar as ferramentas disponíveis em prol do alcance de nossos objetivos.

Castrillón (2011) aborda três fatores relevantes no debate direcionado à leitura: investimento de esforços para melhorar a formação docente, escola bem equipada com materiais de leitura e gestão do tempo dentro da escola. Penso que o primeiro é condição *sinequa non* para uma mudança de atitude no fazer pedagógico, só teremos transformação no ambiente escolar se quem faz a educação tiver consciência do trabalho que precisa realizar quanto à formação de leitores.

A presença das professoras graduadas, sendo uma mestra, na biblioteca foi de grande relevância para a continuidade do levar a ler no local. No corpo docente da escola, nesse ano de 2018 também se nota a inserção de uma professora mestra. Ambas as profissionais com mestrado do Profletras, incita pensar que a questão da formação continuada é um fator preponderante para um trabalho mais consistente de promoção da leitura.

Historicamente analisando a valorização da literatura na escola brasileira tem como marco o 1º COLE e as expectativas de redemocratização dos anos 70/80, porém, a leitura literária ainda não é uma realidade em todas as escolas, mesmo passado quase meio século desses movimentos. Novo século, velhas práticas.

Com a implementação das atividades que realizei na intervenção acredito ter acertado em algumas como o *baú literário*, devido a motivação para que os professores utilizassem os livros da biblioteca em suas aulas; a *hora da leitura* reservando sempre uma vez na semana um momento para os alunos ouvirem a leitura de literatura na biblioteca para cada turma; o perfil do *facebook*, espaço virtual, palco do contato com autores como Geraldi e Marilda Castanha, os quais também contribuíram com as ações de levar a ler nesse lugar distante enviando livros e vídeo aos alunos, respectivamente; com os *vídeos de autores* expostos nas *oficinas de leitura* presenciei a emoção dos alunos ouvindo a mensagem feita com exclusividade para aquele público. Contudo, cheguei ao entendimento que algumas ações foram pouco produtivas como o *bolsão de indicação literária*, o *mural propaganda da leitura* e a *visita a outras bibliotecas*. Sem excluir as suas contribuições no que concerne à promoção da leitura, acredito que a intervenção obteria resultados mais favoráveis se fossem realizadas atividades de maneira mais sequencial e contínua como as citadas no primeiro rol. Essa compreensão, no entanto, só foi possível com o decurso do estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intervenção e o desenvolvimento de atividades de leitura na escola foi possível perceber durante a vivência na biblioteca alguns aspectos importantes que merecem destaque e reflexão a fim de averiguar até que ponto as práticas que realizei foram relevantes para levar a ler nesse lugar distante. E, ainda, que situações precisariam ser revistas para o alcance de melhores resultados. Todas as atividades propostas foram realizadas com o propósito de apresentar a leitura na escola pensando nela enquanto um direito do cidadão.

A educação é um meio pelo qual as pessoas podem ter acesso à cultura e a biblioteca pode auxiliar no cumprimento dessa responsabilidade na escola. A comunidade escolar precisa ter ciência disso para que possa proporcionar condições de os alunos terem seus direitos respeitados e garantidos seja para cumprir a lei, seja pela questão da humanização no que tangge à leitura, especificamente. Percebi que nos eventos da escola, particularmente os direcionados aos alunos das séries iniciais, passaram a dar espaço à literatura. Uma prática que se inicia diariamente na sala de aula com a leitura e é externada demonstrando a influência da biblioteca, da literatura na organização dos eventos, mesmo de modo ainda tímido.

Avalio os saldos positivos da execução do projeto, ainda que de forma modesta, por três planos:

Os alunos tiveram a sua inserção no mundo literário e a iniciação como leitores; descobriram gostos, alguns afinidades por gêneros; despertaram colegas a partir de suas próprias práticas leitoras; aprenderam a ler e ver o livro, a ilustração, o texto. A adesão do aluno aos livros é muito fácil, basta tê-los para aguçar a curiosidade e chamar a atenção. Contudo, um trabalho de mediação é necessário para orientar a leitura e o aprofundamento dos significados.

Os professores que aderiram ao projeto viram novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem ao perceberam os avanços dos alunos com a leitura de textos literários. Pensar a formação de leitores requer repensar a prática pedagógica docente a fim de proporcionar subsídios para que os alunos encontrem sentido e significação às atividades desenvolvidas na escola, sendo possível a formação omnilateral.

Enquanto professora e pesquisadora, aprendi muito. Li, além das dezenas de livros críticos, mais de cinquenta literaturas infantojuvenis para desenvolver as atividades com os alunos. Foi extremamente gratificante perceber o quão grandiosa é a literatura, quanta diferença o seu uso faz no dia-a-dia da escola e verificar as transformações que um trabalho sistematizado de leitura é capaz de propiciar tanto no âmbito individual como coletivo. A repercussão dos benefícios do projeto na escola ressoou no município e meu nome foi cogitado para orien-

tar sobreorganização de bibliotecas, para palestra sobre leitura em formações do Pnaic, participei de eventos na Ufopa expondo a pesquisa dentre eles a Jornada Acadêmica, o Seminário do Lelit, o Seminário de pós-graduação, e tive artigo aceito à publicação na Revista Leitura, da Universidade Federal do Alagoas, nº 64.

Contudo, muitos entraves também surgiram. Primeiro, o limite de espaço. A escola não aceitou a ocupação de uma sala maior para a biblioteca e sentiu literalmente depois a dificuldade de utilizar o espaço. Nem assim, permitiu a mudança. Outra situação que impediu saldos mais positivos foi a adesão parcial dos professores. Porém, nesse ponto é preciso destacar que carrego parte da culpa, pois temendo interferir demais no cotidiano e no trabalho dos professores penso que fui pouco incisiva e não trabalhei adequadamente a articulação tanto a nível de formação como de reuniões para a melhor sistematização do projeto e o desenvolvimento de atividades coletivas.

Por outro ângulo, ficou ainda mais evidente a pouca importância que o poder público dá ao funcionamento das bibliotecas. Organizamos a sala apenas com esforços individuais e internos da escola. Não houve participação da Secretaria de Educação quanto às questões estruturais da biblioteca. Também não solicitamos tal ajuda dada a demora das obras públicas, o que interferiria no andamento da pesquisa. Foi válida a lotação das professoras apesar da demora na substituição da lotação inicial. O período de maior intensidade das atividades do projeto não tinha funcionário na biblioteca e passava mais tempo fechada que aberta. Fico a imaginar o quanto a escola teria ganho se houvesse alguém diariamente no espaço ou reformulando: o quanto a escola perdeu e tem perdido todos esses anos sem biblioteca.

É notória a necessidade do apoio do poder público à implementação e permanência do funcionamento das bibliotecas. Para tanto, ter um servidor lotado é essencial para subsidiar o corpo docente e os alunos usuários desse espaço de aprendizagem. Apesar de haver apoio de outras funções quanto ao recebimento de livros, não substituí o professor da biblioteca. Quem abrirá o local e ficará disponível para a retirada dos livros, organização do acervo, cobrança de livros com prazos atrasados, catalogação de materiais que chegarem, orientação quanto à organização do acervo? Quem desenvolverá atividades naquele espaço e fará a articulação de atividades com os professores? Os professores das disciplinas não têm condições de fazer tais tarefas sozinhos.

Diante disso, fiquei em um impasse que me colocou entre o emotivo de poder auxiliar os alunos abrindo o espaço e o racional de me afastar da escola para ver se a Semec lotava um profissional. Em meio ao dilema professora *versus* pesquisadora, entre recuar, parar as minhas atividades do projeto, preferi ficar na escola por mais um mês (havia planejado fazer a inter-

venção até agosto) e apoiar as atividades que os professores se dispuseram a realizar. Afinal, eu me propus ao projeto, incentivei os professores, motivei os alunos e quando eles resolveram aderir à ideia eu recuaria? Não seria justo com eles! Errei? Talvez sim, como pesquisadora, porém trago como título da intervenção *Porque a literatura humaniza*, penso que para além da investigação, o meu lado humano de professora, mesmo que um tanto utópico, sobressaiu-se.

Num plano externo, a escola se tornou uma referência quanto à promoção de leitura no município, com algumas ações desenvolvidas de modo contínuo, apesar de não serem coletivas. Percebe-se a visibilidade, a unanimidade quanto à importância da leitura, mas por que é tão difícil manter as atividades de leitura contínuas e coletivas na escola? Quais as causas da pouca adesão da comunidade ao projeto? Estar no interior da Amazônia seria justificativa? As respostas aos questionamentos se enveredam no sentido da cultura instaurada no meio escolar que não toma a leitura como essencial no processo de ensino e aprendizagem, exige mudança de rumos, deixar de usar o livro didático como ferramenta principal. Essa questão, no entanto, remete-nos a outra situação: formação docente.

Percebe-se nitidamente que a formação continuada é um dos caminhos mais promissores para a mudança de atitude da prática pedagógica. Isso posso dizer devido à formação em que me encontro e como esses quase dois anos de curso me fizeram ver a questão da leitura na escola por outra vertente. Estar constantemente imbuído nas discussões acerca da educação, refletir sobre o fazer pedagógico, atualizar-se das questões educacionais. Porém, como conseguir essa proeza se o sistema de ensino não dá condições para o aperfeiçoamento docente? Falta valorização profissional. Fator, portanto, de extrema significância consiste em ter professores leitores. Trata-se do primeiro passo no incentivo à leitura, para isso é preciso formar o professor.

De fato, a problemática da leitura no Brasil consiste numa discussão muito complexa que envolve diversos elementos entre os quais se encontram a questão econômica e a capacidade intelectual da população de usar o que está disponível. Dessa maneira, é preciso adentrar a temática e ir para o enfrentamento da dificuldade para que seja possível falar numa política diferenciada em que as raízes são muito difíceis de serem identificadas. Igualmente é necessário adensar a análise de cultura. O que interfere na relação de proximidade do indivíduo e a cultura? Poder aquisitivo ou impedimento do sistema econômico visando a manutenção de seres manipuláveis?

A leitura é parte do estudo, todavia, o estudo é maior que a leitura. Assim, mais que formar leitores, a escola tem que levar os indivíduos a serem intelectuais disponibilizando diferentes categorias de livros para cumprir com essa função.

Contrariando esse posicionamento, muitas campanhas de incentivo à leitura tratam a literatura por meio de um discurso empobrecido como o lugar do lúdico, do divertido, do alegre pelo caráter instaurado pela mídia – agente de coação capitalista – no que tange à indústria do ócio e do entretenimento. Subsidiados nessa vertente, muitos professores passam a executar papéis de *doubles*, encenam histórias, vestem-se de personagens quando deveriam utilizar o tempo gasto nesses eventos em busca de visibilidade, para colocar os alunos para lerem os livros.

Pela profundidade de tais aspectos, não é pela beleza das roupas de *personas*, a alegria de uma feira, ou através de um dia divertido que os frequentadores dos bancos escolares chegarão à inteligência. É por meio de ações contínuas de leitura, de se debruçar no entendimento da escrita, explorar o texto lido, compreender, fruir o texto, construir sentidos. E nesse aspecto, penso que tive alguns deslizes na intervenção por propor algumas ações não sequenciais.

Por fim, é preciso frisar que o estudo realizado apresenta como maior contribuição à escola a democratização do livro e a ação de levar a ler. De armários trancados e das prateleiras empoeiradas hoje os livros estão nas mãos dos alunos, a quem esse material é de direito. São mais de 2 mil livros disponíveis e de livre acesso aos alunos que os manuseiam, escolhem, levam para casa, compartilham com seus familiares e utilizam em sala de aula nas atividades. A instituição da biblioteca motivou um intenso movimento dos alunos na escola em torno do livro, na busca por indicações dos professores, de obras de autores divulgados nas oficinas, da indicação vista no *perfil da biblioteca no facebook*, dos livros lidos na *hora da leitura*. Enfim, de maneira tímida, porém relevante, posso dizer que as distâncias à cultura escrita foram estreitadas pelo movimento de levar a ler proporcionado pela biblioteca.

Comungando com as pesquisas já desenvolvidas na região Oeste do Pará acerca da leitura, admito que um trabalho consistente de levar a ler nesses lugares distantes precisa considerar: a necessidade da formação docente afim de assegurar a constituição de um profissional pedagogicamente embasado para lidar com a complexidade da existência que a literatura pode proporcionar ao leitor e assim de posse do conhecimento das múltiplas esferas do desenvolvimento humano poderá mediar esse processo tão importante da leitura; a necessidade de despertar a atenção das administrações públicas sobre a implantação e manutenção das bibliotecas escolares, lotação de pessoal, organização dos ambientes, adesão aos projetos de leitura e diminuir a rotatividade de funcionários para que as ações de levar a ler consigam se solidificar

e se fortalecer nas escolas, que visem a formação de mediadores e a multiplicação de lugares de ler porque as políticas do livro e da leitura têm privilegiado apenas a distribuição de livros; ultrapassar o ensino fragmentado das obras visíveis nos livros didáticos e nas inúmeras avaliações externas que ditam diretrizes, habilidades e competências a serem alcançadas com a preocupação em manter um padrão de indivíduo que servirá como empregado e consumidor do mercado capitalista; a defesa de formar cidadãos conscientes da necessidade da literatura para a vida, por isso me posiciono a favor da formação omnilateral e que todo processo educativo é também político e social.

Portanto, no momento de mudanças estruturais que presenciamos em nossa sociedade, a leitura compõe um bem de extrema necessidade. De posse dessas situações importantes ao levar a ler, a escola se fortalecerá e lutará por uma política de leitura consistente para seus alunos *porque a literatura humaniza*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Valdiane Costa. **Biblioteca escolar na formação de leitores: um triste caso.** Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação. Santarém: UFOPA, 2014.

ARAÚJO, Andria Arcanjo da Silva; COUTO, Sandra Elena Melgaço. **Criando um Espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11.** Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica.** Tradução Carolina Tárrio. SP: Livros da Matriz, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. *In:* _____. **Coisas ditas.** Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** SP: Parábola, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, 1997. 10 v.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Ministério da Educação e do Desporto. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 28 dez. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 dez. 2017.

BRASIL, Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: 01 jun 2017.

BRASIL. **Notas Estatísticas Censo Escolar 2017.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_Censo_Escolar_2017.pdf. Acesso em: 05 fev. 2018.

BRASIL. Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003. **Política Nacional do Livro.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.753.htm. Acesso em: 13 abr. 2018.

BRASIL. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018. **Política Nacional de Leitura e Escrita.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: 10 out. 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso: cultura e participação.** SP: Mercados das Letras, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. *In*: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015a.

_____. **Ao revés do avesso: Leitura e formação**. SP: Pulo do Gato, 2015b.

_____. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. SP: Mercado de Letras, 2012.

CAMPELLO, Bernadete Santos. *et al.* **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura como direito. *In*: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 5ª ed. Corrigida pelo autor. 2011 p. 169-191.

CARDOSO, Juçarados Santos. **A biblioteca na formação escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação. Santarém: UFOPA, 2013.

CARMO, Simone Inez Correa. **Resgate histórico da biblioteca pública Henry Ford**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação. Santarém: UFOPA, 2014.

CARVALHO, Alzenora Ferreira; GARCIA, Jonadabe de Araújo. **Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. SP: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. SP: Contexto, 2016.

ECO, Umberto. **A literatura contra o efêmero**. Folha de São Paulo- SP (publicado em 02/18/2001). Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html>. Acesso em: 10 de jul. 2017.

EVARISTO, Lourivânia da Silva. **Biblioteca e formação: uma análise de caso**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação. Santarém: UFOPA, 2014.

FISCHER, Ernest. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. SP: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R.; PEREIRA, I. B.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

GERALDI, João Wanderley. Práticas da leitura de textos na escola. *In: Leitura: teoria e prática*. Revista semestral da Associação de leitura do Brasil. Ano 3, julho/1984, nº 03.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HILLESHEIM, Araei Isaltina de Andrade & FACHIN, Gleisy Regina Bories. **Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 4, N. 4, 1999. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/340/403>. Acesso em: 19 abr. 2018.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática: 2004.

LAJOLO, Marisa. **Meus alunos não gostam de ler... O que faço?** Cefiel, IEL, Unicamp, 2005.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19. p. 20-28.

LÜDKE, Menga. & ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. SP: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. RJ: Objetiva, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Rubens Borba de. **O problema das bibliotecas brasileiras**. Brasília: ABDF, 1983.

MORAES, Eliana Nascimento de; TELES, Maria Rita Alexandre de Lima. **Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

NOGUEIRA, Geane Rocha; PESSOA, Rosania da Cruz. **A revitalização da biblioteca da EEEFM Madre Imaculada**. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciência da Educação. Santarém: UFOPA, S/D.

PAIVA, Aparecida. A trama do acervo: a literatura nas bibliotecas escolares pela via do Programa Nacional Bibliotecas da Escola. *In*: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Bibliotecas escolares e práticas: o mediador em formação**. SP: Mercado de Letras, 2009.

PIMENTEL, Graça. **Biblioteca escolar**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acesso em: 07 abr. 2018.

MONTE ALEGRE-PA. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos Professora Rosália Simões Barbosa, Monte Alegre-PA, 2017.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. **O pequeno príncipe**. Brasil: Editora Escala, 2015.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Campinas, SP: [s.n.], 2016. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

SANTOS, Robert Elísiodos. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SAVIANI, Demerval; DUARTE, Newton. **A formação humana na perspectiva histórico-ontológica**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

SERRA, Elizabeth D'Angelo; BRITTO, Luiz Percival Leme; CAMASMIE, Vanessa de Abreu. **Que leitura emerge dos Melhores Programas de Incentivo à Leitura para Crianças e Jovens? Um retrato dos 20 anos do Concurso FNLIJ**. Encarte notícias 11, novembro 2015.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. SP: Cortez, 1999.

SILVA, Ezequiel Theodor da. **Criticidade e leitura: ensaios**. SP: Global, 2009.

_____. **Unidades de leitura – trilogia pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papirus, 1993.

_____. **De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Áticas, 1991.

_____. **Biblioteca escolar: da gênese à gestão**. *In*: ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1984.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Introdução à pesquisa científica em educação**. Caderno de formação: formação de Professores Educação, Cultura e Desenvolvimento. Uni-

versidade Estadual Paulista. Pró-reitoria de Graduação. Universidade Virtual do estado de São Paulo. SP: Cultura Acadêmica, 2010, v. 3, ISBN 978-85-7983-052-5.

TRIPP, David. **Pesquisa-Ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UNESCO. **Manifesto da UNESCO sobre biblioteca escolar**. SP: 2002. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, Nº 14, dez/2008.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoroda. **Literatura e pedagogia: ponto & contraponto**. São Paulo: Global, ABL, 2008.

ANEXOS

Anexo A – Projeto de Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
PROFESSOR: ZAIR HENRIQUE SANTOS

ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

PROJETO DE PESQUISA
**ESPAÇO DE LEITURA: LEVAR A LER EM “LUGARES DIS-
TANTES”**

ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

PROJETO DE PESQUISA
ESPAÇO DE LEITURA: LEVAR A LER EM “LUGARES DISTANTES”

Projeto de Pesquisa apresentado para os Seminários de dissertação, Mestrado Profissional em Letras – Profletras, turma 2017.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

SANTARÉM
2017

1TEMA

Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”.

2 RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como tema: Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes” e está vinculado ao Profletras/UFOPA e ao Lelit/UFOPA, segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor. O objetivo deste é investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do estado do Pará. A metodologia adotada consiste em pesquisa de intervenção com a criação de um espaço de leitura na escola, de outubro de 2017 a dezembro de 2018. A pesquisa tem três fases: exploratória, trabalho de campo e tratamento do material. A base teórica do estudo é: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) e Saviani e Duarte (2010). Os resultados preliminares apontam que o espaço de leitura criado não é incluído no projeto político pedagógico da escola ou as atividades de formação de leitores não correspondem a ações contínuas e coletivas no processo educativo. Palavras chave: Leitura. Formação do leitor. Biblioteca. Literatura.

3 INTRODUÇÃO

Este de Pesquisa para a dissertação de mestrado do Profletras é intitulado *Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”*. Trata-se de uma ação que tem por objetivo proporcionar condições de formar leitores literários com ações de levar a ler por meio da organização de um espaço de leitura na Escola Professora Rosália Simões Barbosa possibilitando aos usuários o acesso a livros literários e ampliação de repertório cultural.

A proposição deste projeto se justifica pela relevância da leitura para a formação do ser humano quanto à construção de sua personalidade e conhecimento do mundo em que está inserido. Nessa perspectiva, a hipótese que orienta esta ação consiste em que o espaço de leitura com agentes bem formados pode proporcionar condições para a formação de leitores literários.

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do estado do Pará.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.2.1 Analisar a importância do lugar de levar a ler na escola como espaço de construção do conhecimento;

4.2.2 Refletir sobre a formação de leitores e a importância da leitura de literatura infantojuvenil na escola;

4.2.3 Refletir sobre a importância do formador de leitura literária para o espaço de ler;

4.2.4 Discutir sobre o acesso à literatura no ensino fundamental e as suas implicações para o ensino.

5 PROBLEMA

Quais as dimensões e os limites de um espaço de leitura funcionar como um centro de irradiação da cultura escrita em um lugar distante dos centros culturais formais?

6 JUSTIFICATIVA

A leitura é um meio de adquirir informações e, portanto, também é fonte essencial para construir conhecimento. Por isso, trata-se de uma habilidade de grande relevância para o homem porque o subsidia na sua formação enquanto ser humano partícipe de uma sociedade atualmente bastante exigente no que concerne à educação.

Não obstante, apesar da importância da leitura para a vida, grande parte da população ainda não conta com bibliotecas, bibliotecários, acervos renovados e equipamentos adequados nas escolas capazes de disponibilizar às pessoas o acesso à leitura. E essa situação é bastante alarmante em se tratando da região amazônica mesmo com a institucionalização da lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010 que dispõe sobre a obrigatoriedade das bibliotecas nas escolas do país conforme consta em seu parágrafo único:

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (BRASIL, 2017).

Muito ainda precisa ser feito para que os alunos tenham realmente acesso aos livros, materiais videográficos e documentos assim como rege a lei. Dessa forma, em função da necessidade desse contato tão importante do aluno com a cultura letrada, iniciativas individuais

de leitura tem sido desenvolvidos em algumas escolas, porém poucas tem se dedicado à organização de espaços com pessoas que incentivem a promoção da leitura.

Nessa perspectiva, o presente projeto segue uma linha de pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2013 nos municípios de Monte Alegre e Prainha, no Oeste do Estado do Pará. Na ocasião, foram aplicados três trabalhos na zona rural desses municípios, sendo um *O cantão da leitura*, na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva, na Vila da CANP, de Maria Rita de Alexandre de Lima Teles e Eliana Nascimento de Moraes, outro com o tema *Criando um espaço para a promoção de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11*, de Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles. Ambos os trabalhos foram realizados em Monte Alegre e um terceiro em Prainha, na comunidade de Ipanema, de autoria de Jonadabe de Araújo Garcia e Alzenora Ferreira Carvalho das Neves, intitulado *Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea*.

Os três deram origem a monografias do programa de formação de professores – PARFOR, defendidas em janeiro de 2015. Trata-se de trabalhos que implantaram espaços de leitura no interior da Amazônia, orientados pelo professor Dr. Zair Henrique Santos e que serviram de objeto de estudo para a tese de doutorado deste professor em 2016 com o tema *Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*.

Nesse contexto, optou-se, desta vez, pela estruturação de um espaço de leitura na zona urbana do município de Monte Alegre, no Oeste do Pará, por saber da imensa relevância que a leitura tem para o ser humano pelo seu caráter humanizador, sendo uma forma do homem pensar o mundo, e perceber a carência de políticas de formação de leitores nas escolas do interior da Amazônia. Nesse ínterim, chega-se a problematizar quais as dimensões e os limites de um espaço de leitura funcionar como centro de irradiação da cultura letrada em um lugar distantes dos centros culturais formais?

Assim, a escola escolhida, Professora Rosália Simões Barbosa, é composta por uma clientela de classe econômica baixa, tem aproximadamente 635 alunos matriculados entre os turnos manhã, tarde e noite, com as modalidades de Ensino Regular de 1º a 9º anos e Educação de Jovens e Adultos, e, não tem uma sala de leitura organizada para o desenvolvimento de práticas leitoras.

Portanto, o objetivo desse projeto é investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões em Monte Alegre-PA..

7 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A leitura literária é uma das temáticas pouco discutidas no campo da educação apesar de sua grande relevância na formação do ser humano. Diante das tentativas de promoção dessa prática tão importante, algumas concepções de leitura chegam às escolas e perpassam os debates educacionais quanto à formação de leitores literários. Contudo, é preciso ter cautela quanto à implementação dessas políticas no sentido de indagar que concepções são essas? A serviço de quem se promove a formação do leitor literário?

Para Britto (2003), o desenvolvimento da leitura literária está relacionado à formação de valores³³:

Promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística. Estão expressos e fundamentados no texto e na arte literária (BRITTO, 2003, p.112).

Nesse sentido, a promoção da leitura literária vai além de motivar simplesmente a leitura, a qual segundo Silva (1984) é um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências. Trata-se de uma ação que assume um caráter político de formação humana por meio da construção de valores intrínsecos a este ser que se difere dos demais justamente pela sua capacidade de pensar e criar demonstrada através da arte. Tais valores se manifestam na postura ética e em comportamentos sócio-políticos que podem ser influenciados com a prática da leitura literária.

Pensar educação é pensar politicamente uma formação consistente e que dê ao indivíduo subsídios teóricos para a sua práxis em sociedade. Nessa perspectiva, educação e literatura se constituem como grandes aliadas para o ser humano no que tange a sua formação, tendo em vista o valor imensurável da literatura para a condução da vida humana, e, se apossar dos conhecimentos construídos através da literatura é um bem necessário. Pois, segundo afirma Britto (2015), “quando lemos, nos humanizamos” (p.34). O ato de ler textos literários traz significativas contribuições na estruturação da personalidade individual, uma vez que meche com os aspectos cognitivos da pessoa de forma a propiciar a incorporação de comportamentos adequados à vivência social, bem como motiva a organização do pensamento e a assimilação de conteúdos novos por parte de quem lê. “Ler é realmente participar mais crítica e ativamente

³³ “Pode-se considerar valor tudo aquilo que, em qualquer das esferas e em relação com a situação de cada momento, contribua para o enriquecimento daqueles componentes essenciais; e pode-se considerar desvalor tudo o que direta ou indiretamente rebaixe ou inverta o nível alcançado no desenvolvimento de um determinado componente essencial. *O valor, portanto, é uma categoria ontológico-social*; como tal, é algo objetivo; mas não tem objetividade natural e sim objetividade social” (HELLER, 2000, p. 4-5).

da comunicação humana. [...] A leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio cultural” (SILVA, 1984, p. 41).

No que concerne à questão da humanização³⁴ oriunda desse tipo de leitura, Antonio Candido (2011) traz grande contribuição à discussão apresentando dois níveis humanizador da produção literária. O primeiro acontece com a disposição das palavras em um todo articulado que leva à organização do ser humano e o segundo se refere ao uso da palavra para organizar o próprio mundo. Nessa perspectiva, o caráter humanizador da literatura está vinculado a formação da personalidade humana porque através dela é possível vivenciar diversas realidades. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 175).

Nesse sentido, o autor vê a literatura com uma amplitude que perpassa pelos mais diversos gêneros textuais e abrange diferentes dimensões da arte, bem como da essência humana nas suas variadas culturas. Nesse contexto, a literatura não é vista apenas como fruição estética, configura-se, portanto, como uma visão social, uma forma do homem pensar e ver o mundo.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional e dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p.174).

Na concepção de Antonio Candido, a literatura é considerada num âmbito universal de forma a ser um elemento próprio do ser humano independente da cultura a que faz parte, nem da etnia a que pertence e tão pouco do lugar que habita. Para o autor, sendo esta arte uma criação humana, sua produção está onde há seres dessa espécie desde as classes mais baixas às mais elevadas da população. Nesse ínterim, não se pode pensar a literatura como algo mágico, voltada ao imaginário ou romantizada. Ela abrange uma dimensão bem maior, exerce um papel político e social na formação do indivíduo. Já dizia Agnes Heller (2000) que a arte e a ciência são as formas de elevação da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras, de forma que a arte faz isso devido proporcionar a autoconsciência e a memória da humanidade.

Umberto Eco (2001) também chama atenção para uma série de funções que a literatura tem na vida individual e social do ser humano. Uma das funções é apresentada pelo autor no

³⁴ “O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2011, p. 180).

que tange à manutenção da língua e do patrimônio coletivo. Em seu ensaio *A literatura contra o efêmero*, publicado na Folha de São Paulo, conclui dizendo que as histórias "já feitas" ensinam também a morrer e acrescenta a reflexão na crença de que a “educação para o fado e para a morte” (ECO, 2001) constitui uma das principais funções da literatura. Estaria, pois, a literatura para a apreensão da realidade experimentando a vida e os sentidos da morte.

Assim como Britto e Candido, Constantino Bértolo em seu livro *O Banquete dos Notáveis* (2014) também apresenta uma visão desmistificada da leitura literária fugindo da romantização e da abordagem redentora da leitura, pensamento este que contraria muitas campanhas de formação de leitor que são largamente divulgadas pelas mídias de massa.

A literatura é, entre outras coisas, o lugar onde se pensam as palavras; as palavras coletivas e, portanto, e também, as palavras privadas. A literatura é o lugar onde se constrói o sentido e o significado das palavras e é, por isso mesmo, o lugar onde se constrói o sentido e o significado da existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade (BÉRTOLO, 2014, p.127).

Nesse sentido, o autor trata da literatura como um espaço em que se constrói a realidade, onde se experimenta a existência humana por meio da palavra, a qual vai dando sentido à vida e formando os significados. Conforme Bértolo (2014), é justamente nesse ponto que a literatura assume lugar privilegiado na vida humana, por proporcionar a experiência por meio da leitura do texto literário e a percepção da existência.

Diante disso, é possível destacar a grande contribuição da literatura e, portanto, da leitura literária para o ensino não só de língua portuguesa, mas para a educação de modo geral, pois se trata de uma estância do saber que adentra a formação humana em sua totalidade passando a construção de valores, comportamentos, atitudes e construção de conhecimento.

Dentro dessa discussão é válido contemplar também as palavras de Lajolo (2004) quanto à influência da literatura no que concerne às suas vantagens ao ensino e ao ser humano. Diz a autora que a literatura atua:

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de *criança e de jovem* (LAJOLO, 2004, p.26-27).

Assim, reforça-se a importância da literatura na construção de caráter, na orientação de posturas adequadas perante a sociedade, na formação de sentimentos, enfim, nos diversos setores da essência humana ela pode influenciar e se sobressai como um elemento relevante a

ser considerado e posto em prática diariamente na vida escolar, porque as vantagens que propicia são bens necessários ao homem, colocando-a num patamar que se iguala a direitos adquiridos no decorrer da história da humanidade, porém, esse direito – a literatura – ainda não é legalmente instituído, apesar de ser reconhecidamente considerado.

No que se refere à literatura enquanto um direito alguns estudiosos defendem a ideia aproximando a fruição da literatura às necessidades primárias do ser humano como a alimentação, a saúde e a educação, as quais Antonio Candido trata como bens incompressíveis³⁵ que abrangem aspectos de sobrevivência física e integridade espiritual. Nessa perspectiva, o autor destaca duas linhas de pensamento no que tange à relação da literatura com os direitos humanos:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 2011, p.186).

Diante desse posicionamento, evidencia-se o forte impacto da negação da literatura como direito à formação humana quando o autor trata da mutilação da personalidade e, por conseguinte, a mutilação da humanidade caso não seja dada à literatura o lugar que esta merece. Ademais, a discussão perpassa por uma questão de cunho sócio econômico, no qual as classes dominadas não têm acesso aos diferentes níveis de cultura por terem baixo poder aquisitivo. Isto porque na sociedade capitalista moderna a arte é constituída como um produto de consumo, como mercadoria, reservada aos que podem pagar para tê-la.

Nesse contexto mercadológico da arte, a leitura é vista por Silva (1993) como algo perigoso em virtude de sua função social, podendo reorganizar as experiências e dando ao ser humano novas formas de ver o mundo. Além disso, o autor admite que na sociedade brasileira, a qual é constituída por classes com interesses diferentes, “a leitura se apresenta como uma questão de privilégio e não *de direito* de toda a população” (p. 15).

A questão se situa num plano ideologicamente implementado para a exclusão da maioria visando a privação ao desenvolvimento crítico que a literatura é capaz de proporcionar. Mas como um sistema tão pernicioso e alienante quanto este que dita a ordem mundial pode

³⁵Louis-Joseph Lebert: bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém. Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas (CANDIDO, 2011, p. 173).

dar voz ao povo? O máximo que oferece é inculcar na mente das pessoas a necessidade que se tem de consumir mercadorias (livros de massa) para participar da vida em sociedade. Porém, como ser partícipe dessa cultura se não se tem emprego, renda e nem mesmo condições mínimas de sobrevivência?

Nesse contexto, a problemática do acesso à literatura enquanto um direito se insere na falta de oportunidade que milhares de pessoas, e nessa estatística estão alunos oriundos de “lugares distantes” e até mesmo de grandes centros urbanos, que, no entanto, estão à margem da cultura produzida, que não tem sequer uma sala de aula decente e infra-estrutura mínima para se considerar local de ensino, que não dispõe de merenda nem tão pouco de uma educação de qualidade. Se não é disposto o mínimo necessário para se estudar – direito constitucional – vai se ter acesso à literatura? Não que esta esteja num nível mais baixo.

O sistema não pode dar ao povo a condição para que este se rebele e tome o poder. Isso seria o seu fim. O acesso à literatura é capaz de transformar “a condição humana a outro patamar de existência” (BRITTO, 2012, p.120). Contudo, o capitalismo arditosamente faz da arte a indústria do ócio e do entretenimento, dispondo às camadas mais baixas da população a arte como produto de um mercado que busca acima de tudo o lucro e, como se isso fosse pouco, usa a indústria cultural como forma de alienação ampliando cada vez mais a acumulação de bens por meio do consumo da arte e, concomitantemente, mantendo a desigualdade social e cultural camuflando “um acesso” que se configura simples e exclusivamente como lógica de mercado e acúmulo de capital.

Apesar de toda essa discussão em torno do direito à literatura e as artimanhas do sistema capitalista, muitos estão de olhos fechados, alienados a viver como se não houvesse outra saída, a não ser aceitar a ordem imposta. Mesmo com a desastrosa realidade que se apresenta, é preciso que enquanto cidadão, o homem seja crítico e consciente de sua condição nessa sociedade injusta, indigna e desigual, porém, sem perder a sensibilidade e a utopia de dias melhores atingíveis via luta por melhores condições de vida e sobrevivência.

Nesse dilema que a vida moderna apresenta, a educação tem grande relevância para o homem, por ser, segundo Saviani e Duarte (2010), o processo pelo qual cada indivíduo constitui “a universalidade própria do gênero humano” (p.431). E, nesse contexto, insere-se a literatura em função de seu caráter formador no que tange à construção da condição humana. Assumindo tal percurso, portanto, educação e literatura caminham juntas visando “o processo de formação humana, como o contínuo movimento de apropriação das objetivações humanas produzidas ao longo da história” (SAVIANI & DUARTE, 2010, p. 432). Logo, percebe-se uma importante ligação entre educação e literatura no sentido de que por meio da literatura é

possível questionar a própria existência humana, sendo esse um fator relevante na educação do homem. Assim, Silva (1993) colabora nesta discussão admitindo que a leitura do texto literário contribui para a liberdade e a transformação do homem.

Assim, as produções realizadas no decurso histórico da humanidade precisam está acessíveis a todos por uma questão mesma de construção do ser, porque é dessa maneira que se chega ao ponto humanizador, participando da vida em sociedade, compartilhando conhecimento e se fazendo presente na e pela cultura.

É da natureza humana fantasiar, independentemente da classe social, cultura ou civilização. Imaginar é a única faculdade humana plena de liberdade individual criadora e, por isso, é direito de todos o acesso a esse bem, porque a literatura é um elemento essencial da cultura e, tendo caráter extremamente civilizatório, humanizador, possibilita às pessoas maiores e fundamentais condições de participação na ordem da vida, da dimensão fundamental da existência de forma ampla (SANTOS, 2016, p.23).

Além da questão humanizadora já discutida anteriormente, a literatura também permite a organização do ser humano e a organização do mundo, sendo, portanto, condição *sine qua non* para o cidadão viver em sociedade de forma mais abrangente com uma visão ampliada do mundo. “Já não lemos para nos refugiarmos do mundo, mas para nos indignarmos com a ausência de reflexão” (BRITTO, 2012, p.133). Trata-se de entender o que a realidade do mundo capitalista faz com as pessoas e ler literatura seria uma forma de compreender essa realidade e resistir à opressão, à alienação, à privação dos direitos. Indignar-se, revoltar-se e agir por uma sociedade que prime pelo bem comum sem privilegiar poucos em detrimento da exclusão da maioria.

Diante da importância vista na literatura e a necessidade da leitura literária para o ser humano entendida como um direito, vê-se a relevância em disseminar formas de promover a formação de leitores literários. Outrossim, é possível destacar projetos desenvolvidos tal como este ora proposto com o objetivo de levar a ler em “lugares distantes” dos grandes centros urbanos.

Assim, um exemplo de prática de formação de leitores de literatura infantojuvenil foi o Cantão da Leitura, projeto realizado pelas professoras Eliana Nascimento de Moraes e Maria Rita Alexandre de Lima Teles³⁶, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Dátis Lima de Oliva, na comunidade de CANP, zona rural do município de Monte Alegre, no Oeste do Pará. O trabalho teve início em fevereiro de 2014 com aplicação de questionários acerca das práticas de leitura realizadas na escola. Depois, com a ajuda de comunitários foram construí-

³⁶ Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

das mesa, bancos e um varal que serviram de suportes para 103 livros inicialmente. O acervo utilizado foi constituído pelos livros que a escola já possuía.

As acadêmicas desenvolveram a princípio atividades de leitura duas vezes na semana com uma turma de 6º ano no horário do intervalo das aulas. Depois, passou-se à leitura silenciosa e, com isso, os demais alunos foram tendo interesse quanto aos livros e começaram a pedir para levar para casa para lerem. As atividades também contagiaram funcionários da escola com relação ao empréstimo dos materiais. Após quatro meses de projeto houve um momento de socialização das práticas de leituras que passaram a ser desenvolvidas nas turmas a partir da implantação do projeto. Depoimentos de professores demonstraram mudança na rotina da escola a partir do Cantão da leitura.

Em janeiro de 2015 o projeto foi apresentado pelas acadêmicas como Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva*. Infelizmente, a proposta de formação de leitores do Cantão da leitura não sobreviveu após o trabalho. No ano subsequente à realização da intervenção, a única das acadêmicas que era lotada na escola foi realocada para outra comunidade e muitos dos professores que acompanharam as atividades também foram para outros educandários.

A direção da escola foi substituída e os livros voltaram para um espaço chamado de biblioteca, porém utilizado como depósito junto a livros didáticos, instrumentos musicais, materiais de limpeza, eletrônicos e didáticos. Ficou explícito que a ação se constituiu apenas como uma atividade para o TCC, não houve continuidade, a escola não incorporou o espaço de leitura como um bem de formação de leitores e que seria de sua responsabilidade mantê-lo em funcionamento. E a comunidade local?

Outra iniciativa de levar a ler em “lugares distantes” foi o projeto que deu origem à Monografia *Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: Formando leitores na várzea*, de autoria de Jonadabe Garcia e Alzenora Carvalho³⁷. O trabalho foi realizado na Escola de Ipanema, área ribeirinha da cidade de Prainha, no Oeste do Pará. As atividades iniciaram com aplicação de questionários aos comunitários para saber se estes ajudariam a construir uma biblioteca na Comunidade, a resposta afirmativa levou à concretização do Espaço de leitura inaugurado no dia 30 de abril de 2014.

O acervo contou com doações de professores, pais, comunitários, livros do Pnaic³⁸ e outros que a escola já possuía, somando 998 livros de literatura infantojuvenil. As atividades

³⁷ Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

³⁸ Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa.

ocorreram de março a novembro de 2014 pelos acadêmicos com alunos do 8º ano sendo escolhas de livros, empréstimos, leituras, produção textual, saraus e exposição de resumos sobre livros lidos. A adesão da comunidade escolar a esta iniciativa foi tão positiva que os pais e a escola se uniram para mandar um grupo de 15 alunos para o *IV Seminário de Ler Literatura: aprender e viver*, onde os acadêmicos fizeram exposição oral do projeto e os alunos apresentaram suas produções textuais.

No entanto, assim como no trabalho anteriormente citado, apenas um dos pesquisadores era lotado na escola. A diferença no caso do espaço de levar a ler do Ipanema é que essa acadêmica é da comunidade e continuou sua jornada profissional no local. No ano seguinte à culminância do projeto, o acervo foi ampliado, um funcionário da escola ficou responsável do espaço num turno e no outro, porém, o lugar serviu de sala de aula para uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Nesse ponto já se observa recaída da esplêndida experiência de 2014, pois funcionando como sala de aula diminuiu o tempo para os alunos terem acesso aos livros. Dessa forma, a ação de levar a ler ficou fragilizada, pois se primou por ocupar o espaço de leitura como sala de aula.

Um terceiro exemplo de criação de espaço de levar a ler em “lugares distantes” consiste no Trabalho de Conclusão de Curso *Criando um espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11*, em Monte Alegre, Oeste do Pará, de Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles³⁹. Este, em função da falta de espaço na escola, sua realização se restringiu ao Armário de leitura.

O acervo contou com o auxílio de pais, comunitários e funcionários da escola que juntamente com os livros do Pnaicsomou 986 exemplares. As atividades se concentraram numa turma de 6º ano, porém o acesso aos livros foi livre a quem tivesse vontade de ler. O projeto foi aplicado na turma, às quintas-feiras na aula de Língua Portuguesa e se estenderam de março a outubro de 2014 com leitura de livros de literatura e escrita sobre o que mais os alunos gostaram ou não gostaram quanto à leitura do livro, depoimento de adulto leitor sobre suas experiências de leitura e leitura pública de alunos na área da escola.

Numa segunda fase do projeto ainda naquele ano houve leituras em voz alta de livros de literatura pelas professoras e pelos alunos, o empréstimo aumentou, alunos de outras turmas se envolveram também. As atividades de práticas de leitura se espalharam pelo barracão próximo à escola, refeitório e sala de informática.

³⁹ Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – PARFOR –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

Dentre as três propostas apresentadas, a do Km 11 era a que menos se encaixava nos moldes de criação de espaço de levar a ler, pois fugiu a princípio da atividade devido não contar com um espaço, mas um armário com livros. Porém, foi a que mais prosperou como formação de leitor, pois até hoje permanece o projeto e conta com a adesão de outros professores e da comunidade com planos de adquirir um terreno para a construção de uma biblioteca na comunidade.

Além destes é preciso destacar a tese de doutorado do Professor Dr. Zair Henrique Santos⁴⁰ que utilizou os três trabalhos supracitados como objeto de estudo. Intitulada *Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*, a pesquisa do professor é estudo acerca da promoção de leitura em espaços escolares do Ensino Fundamental nas três comunidades rurais do Oeste do Pará tratadas nos TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) acima expostos.

A investigação buscou entender as possibilidades e os limites de levar a ler em lugares distantes. O estudo também contemplou a própria prática do professor-pesquisador como orientador de trabalho de TCC no campo da leitura. Utilizou pesquisa-ação tendo como recursos as narrativas dos TCCs dos acadêmicos, entrevista semi-estruturada, visita aos lugares de ler organizados durante os trabalhos e anotações de pesquisa de campo. Por meio de pesquisa bibliográfica o professor discutiu questões sobre levar a ler, direito à leitura e à literatura e narrou os processos de vida e de formação dos professores que desenvolveram espaços de ler. “Por que transformações passaram os agentes e os lugares e, além disso, quais as possibilidades e limites de levar a ler nestes locais?” (SANTOS, 2016, p.126).

Dos projetos de intervenção realizados pelos acadêmicos, apenas um se mantém em plena atividade, quanto aos outros dois, um não sobreviveu e o outro ainda continua, porém de maneira precária. Dentre as considerações a que se chegou, aponta-se a formação aligeirada dos professores e falta de formação continuada como dificuldade para se desenvolver ações consistentes de formação de leitor, falta de acesso a livros tanto por parte do professor como do aluno devido à carência de bibliotecas, baixo poder aquisitivo de grande parcela da população da região Oeste do Pará que impossibilita o acesso a bens culturais, desvalorização da carreira docente, baixa remuneração, obriga professores a assumir mais carga horária não dispondo de tempo para se dedicar à leitura e sua qualificação.

A experiência nas três comunidades rurais segundo Santos (2016) provaram que o texto literário pode causar um grande impacto na vida cotidiana, oportuniza condições de participar

⁴⁰ Professor titular da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA.

da ordem da existência humana e pode desmistificar a versão da leitura literária como entretenimento, brincadeira, hora de descanso e permitiu ver a literatura como uma experiência humana de representação da realidade. Baseando-se nessas experiências, portanto, é que esse trabalho se propõe a investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola por acreditar que é possível se desenvolver um trabalho com leitura literária que possa levar os alunos a desenvolver a criticidade, chegar à essência humana, perceber as possibilidades de transformação de si enquanto ser humano e conhecer o mundo por meio da literatura.

Diante do exposto, assume-se a educação na visão de Paulo Freire, a qual deve se realizar como prática libertadora, educação vista nesse contexto da formação de leitor como possibilidade para o aluno se ver enquanto um ser livre para buscar os sentidos do texto, percorrendo mundos desconhecidos por meio dos livros literários e desvelando verdades para construir os seus próprios significados tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo por não se basear mais na Educação Bancária⁴¹, onde o professor é o detentor da verdade e a transfere para o aluno.

Portanto, tomar a literatura como um campo de atuação própria do ser humano permite relacioná-la à condição da existência do homem, assumindo-a, assim, enquanto um direito. Nesse contexto, a formação de leitores e a leitura do texto literário precisam ser vistos pela escola como prioridades devido ao enfrentamento para a vida contidos nesses processos, sendo necessário que sirvam de campo de encontro às outras áreas de atividade humana, porque a literatura está onde o homem se encontra independente de sua posição social, crença ou lugar sempre haverá níveis de cultura onde se tenha presença humana.

8 METODOLOGIA

Segundo Minayo (2001), a metodologia consiste no caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, incluindo as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas com o instrumental a ser adotado e o potencial criativo do investigador. Assim, o estudo ora proposto é uma pesquisa e tem como foco estudar a intervenção de uma ação de levar a ler num lugar distante dos grandes centros irradiadores de cultura como teatros, museus, grandes bibliotecas, exposições, galerias etc.

Esse projeto tem como objetivo principal investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste

⁴¹ Expressão usada por Paulo Freire (1996) para definir o processo no qual o aluno é visto como um ser passivo, em que o professor deposita os conhecimentos, criando, assim, um banco de respostas em sua mente.

do estado do Pará. Dessa forma, o procedimento metodológico adotado consiste numa pesquisa de intervenção, a qual se assemelha ao que David Tripp (2005) considera de pesquisa-ação.

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (TRIPP, 2005, p. 445-446).

A pesquisa de intervenção se refere, pois, a uma interferência e, nesse contexto, caracteriza o tipo de pesquisa educacional que usa práticas de ensino inovadoras planejadas, implementadas e avaliadas com o objetivo de maximizar as aprendizagens dos alunos.

Nessa perspectiva, baseando-se nos pressupostos teóricos supracitados, este estudo tem como estratégia principal investigar o desenvolvimento da aplicação do projeto de intervenção de modo a utilizar a pesquisa a ser realizada como meio para aprimorar o ensino e a aprendizagem. Assim, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa aplicada com abordagem qualitativa.

A intervenção a ser desenvolvida servirá como objeto de estudo dessa pesquisa e ocorrerá na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa. A escolha da escola se justifica por se localizar em bairro periférico do município de Monte Alegre, estado do Pará, ofertar ensino fundamental regular de 1º a 9º e Educação de Jovens e Adultos, e não ter um espaço de leitura organizado e em pleno funcionamento.

As fontes de informações a serem utilizadas na investigação que servirão como instrumentos de produção de dados serão: observação do cotidiano escolar, registro das observações com caderno de campo, aplicação de questionários aos professores, entrevistas com a gestão e professores, vivência no espaço de leitura, observação da utilização do espaço de leitura, das atividades realizadas pela comunidade escolar nesse espaço e a dinâmica da escola a partir da implantação.

Assim, esse projeto se inicia no 2º semestre de 2017 com o levantamento teórico-bibliográfico para subsidiar a pesquisa. De posse disso, o estudo perpassará por três fases, chamadas por Minayo (2001) de ciclo da pesquisa, “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (p. 26).

Primeiro, ocorrerá a *fase exploratória da pesquisa*, período reservado às indagações preliminares acerca do objeto e estudo, os pressupostos e teorias que dêem suporte ao desen-

volvimento do projeto e as questões operacionais para subsidiar a fase subsequente. Trata-se, portanto, da elaboração do projeto.

Na segunda fase é o *trabalho de campo*, momento em que será aplicada a proposta de intervenção intitulada “Porque a literatura humaniza”. Ocorrerá a organização do espaço de leitura com levantamento do acervo que a escola detém e desenvolvimento de campanhas para a ampliação do acervo, divulgação da ação à comunidade escolar, disponibilização do espaço para a visita pela comunidade escolar, empréstimo de livros e abertura aos professores para a implementação de atividades com os alunos nesse espaço. Ocorrerá monitoramento do funcionamento do espaço de leitura e as ações de levar a ler, com o objetivo de descrever os efeitos dessas ações na dinâmica do cotidiano da escola.

A finalização do ciclo da pesquisa se dará com o *tratamento do material*. Essa fase será subdividida em: ordenação dos materiais, classificação e análise. “O tratamento do material nos conduz à teorização sobre os dados, produzindo o confronto entre a abordagem teórica anterior e o que a investigação de campo aporta de singular como contribuição” (MINAYO, 2001, p. 27).

Apesar das fases do estudo chegarem ao fim devido precisar ser analisado para a produção da dissertação de mestrado, a intenção deste trabalho consiste na continuidade do espaço de leitura de forma que a escola se sinta responsável em mantê-lo em pleno funcionamento após a finalização da dissertação de mestrado, tendo, portanto, a ciência de que a leitura literária é um direito do cidadão e uma forma de humanização.

Quanto ao método de análise dos dados numa primeira etapa, será feita a análise das informações adquiridas durante os desenvolvimentos das atividades e via conversas informais. Serão observadas as idéias recorrentes e se haverá contradições. Numa segunda etapa, vou comparar e organizar os dados produzidos em categorias conforme as idéias expressas. Serão analisados também os registros da observação do cotidiano da escola, no sentido de orientar reflexões e análises teóricas da intervenção na escola e das transformações ocorridas.

Essa fase, portanto, dará suporte à análise e discussão dos resultados, etapa que terá como metodologia a análise de conteúdos por meio de um recorte espaço-temporal utilizando como corpus principal registros e vivência que possibilitarão comparações sistemáticas das falas e proporcionarão conhecer o cotidiano da escola.

Assim, percorrerei os seguintes passos: levantamento amplo e refinado dos dados, estabelecimento de contato com os professores e gestão, criação do espaço de leitura, observação do cotidiano da escola, vivência do espaço de leitura, transcrição, exploração sistemática e interpretação dos dados.

Diante dos procedimentos metodológicos os riscos prováveis dessa proposta de pesquisa é que a escola não assuma o espaço de leitura criado como um bem coletivo e não use o espaço para a ampliação e irradiação da cultura e para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem. No que concerne aos desconfortos aos envolvidos, estou tomando todos os cuidados de natureza ética para que não haja constrangimento. O procedimento utilizado possibilita a participação ativa do sujeito no processo de coleta e análise dos dados.

Vale destacar que em relação aos benefícios, esta pesquisa possibilitará a ampliação do conhecimento sobre a formação de leitor. Além disso, proporcionará a divulgação do resultado para outros profissionais da área que estudam os processos de constituição de professores como leitores autônomos e formadores de novos leitores. Este ato de se debruçar sobre os resultados desta pesquisa poderá levar os profissionais interessados a refletirem sobre o seu trabalho e, de posse desse conhecimento, iluminar outras práticas que já vêm sendo aplicadas nas salas de aulas sobre a formação do leitor.

9 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2017		2018	
	1º Semestre	2º Semestre	1º Semestre	2º Semestre
Revisão Bibliográfica		X	X	
1ª fase – Fase exploratória da pesquisa: elaboração do projeto e pesquisa		X		
2ª fase – Trabalho de campo: aplicação de questionários, entrevistas, organização do espaço de leitura, levantamento do acervo, campanha para a ampliação do acervo, divulgação da ação à comunidade escolar, inauguração do espaço de leitura e abertura do espaço para empréstimo de livros e atividades de leitura, monitoramento do funcionamento do espaço de leitura e as ações de levar a ler;		X	X	X
3ª fase – tratamento do material				X
Escrita da dissertação			X	X
Defesa da dissertação				X

10 RECURSOS

10.1 HUMANOS

Orientador, pesquisador, professores, gestor, coordenador da escola, alunos e pais.

10.2 MATERIAIS

Identificação	Tipo	Quantidade	Valor Unitário	Valor total
Serviço de pintura da sala	Capital	2 diárias	200,00	200,00
Fita adesiva	Custeio	25 unid	2,00	50,00
Tinta	Custeio	1 galão	60,00	60,00
Tesoura	Custeio	1unid	10,00	10,00
Impressões	Custeio	80unid	1,00	80,00
Cópias	Custeio	100unid	0,5	50,00
Papel A4	Capital	1 resma	20,00	20,00
TOTAL				470,00

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andria Arcanjo da Silva; COUTO, Sandra Elena Melgaço. **Criando um Espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis: sobre leitura e crítica**. Tradução Carolina Tárrio. SP: Livros da Matriz, 2014.

BRASIL, Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 01 jun 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. ISBN 978-85-69889-00-7 (recurso eletrônico).

_____. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio**. SP: Mercados de Letras, 2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura como direito. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 5ª ed. Corrigida pelo autor. 2011 p. 169-191.

CARVALHO, Alzenora Ferreira; GARCIA, Jonadabe de Araújo. **Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

ECO, Umberto. **A literatura contra o efêmero**. Folha de São Paulo- SP (publicado em 02/18/2001). Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html>. Acesso em: 10 de jul. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. SP: Paz e Terra, 1996.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática: 2004.

_____. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Unicamp, 2005. Disponível em: http://www.peif.ufms.br/downloads/meus-alunos-nao-gostam-de-ler_lajolo.pdf. Acesso em: 01 mar 2017.

MORAES, Eliana Nascimento de; TELES, Maria Rita Alexandre de Lima. **Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará**. Campinas, SP : [s.n.], 2016. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

SAVIANI, Dermeval & DUARTE, Newton. **A formação humana na perspectiva histórico-ontológica**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

SILVA, Abinadá de Caldas da; Silva, Ângela Cardoso Ferreira. **Projeto Sala de Leitura de Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/icbeu_anais/anais/educacao/saladeleitura.pdf. Acesso em 02 jun 2017.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. São Paulo: Papyrus, 1993.

Anexo B – Projeto de Intervenção



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
PROFESSOR: ZAIR HENRIQUE SANTOS**

ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

**PROJETO DE INTERVENÇÃO
PORQUE A LITERATURA HUMANIZA**

**SANTARÉM-PA
2017**

ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

**PROJETO DE INTERVENÇÃO
PORQUE A LITERATURA HUMANIZA**

Projeto de Intervenção apresentado como parte do Projeto de Pesquisa para a dissertação de mestrado, Mestrado Profissional em Letras – Profletras, turma 2017.

Orientador: Prof. Dr. Zair Henrique Santos.

SANTARÉM
2017

1 INTRODUÇÃO

Este Projeto de Intervenção *Porque a literatura humaniza* é parte integrante do Projeto de Pesquisa para a dissertação de mestrado do Profletras intitulado *Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”*⁴². Trata-se de uma ação que tem por objetivo proporcionar condições de formar leitores literários com ações de levar a ler por meio da organização de um espaço de leitura na Escola Professora Rosália Simões Barbosa⁴³ possibilitando aos usuários o acesso a livros literários e ampliação de repertório cultural.

A proposição deste projeto se justifica pela relevância da leitura para a formação do ser humano quanto à construção de sua personalidade e conhecimento do mundo em que está inserido. Nessa perspectiva, é de fundamental importância que a escola se empenhe no desenvolvimento da leitura e tenha a convicção de que o espaço de leitura com agentes bem formados pode proporcionar condições para a formação de leitores literários.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Proporcionar condições de formar leitores literários com ações de levar a ler por meio da organização de um espaço de leitura na Escola Professora Rosália Simões Barbosa possibilitando aos usuários o acesso a livros literários e ampliação de repertório cultural.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2.2.1 Promover aos alunos o acesso a livros literários por meio do espaço de leitura;

2.2.2 Fomentar o uso do espaço de leitura pelos discentes da escola como um lugar da constituição do conhecimento;

2.2.3 Incentivar a formação de leitores por meio da literatura infantojuvenil;

2.2.4 Desenvolver ações de promoção da leitura junto aos alunos e professores.

3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto segue uma linha de pesquisa que vem sendo desenvolvida desde o ano de 2013 nos municípios de Monte Alegre e Prainha, no Oeste do Estado do Pará com a aplicação de três trabalhos na zona rural desses municípios, *O cantão da leitura*, na Escola

⁴² Expressão utilizada por Santos (2016) para se referir a lugares que são distantes não só geograficamente como também longe dos bens culturais de direito que são da necessidade de todos que vivem em um Estado democrático como teatros, museus, livrarias etc.

⁴³ Escola localizada no bairro do Curaxi, no município de Monte Alegre, oeste do estado do Pará, distante geograficamente de Belém por aproximadamente 623 km, é habitada por um número aproximado de 60 mil pessoas.

Dr. Dátis Lima de Oliva, na Vila da CANP⁴⁴, *Armário de Leitura*, ambos em Monte Alegre. E o *Espaço Isanildes Silva das Neves*, na comunidade de Ipanema, em Prainha.

Orientados pelo professor Dr. Zair Henrique Santos, os trabalhos serviram de objeto de estudo para a sua tese de doutorado em 2016 com o tema *Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará*.

Sabendo da relevância que a leitura tem para o ser humano pelo seu caráter humanizador, sendo uma forma do homem pensar o mundo, e observando a carência das políticas de formação de leitores em nossas escolas, escolhi a Escola Professora Rosália Simões Barbosa, situada numa área periférica da cidade de Monte Alegre, oeste do estado do Pará. A escola tem aproximadamente 635 alunos matriculados no ensino regular de 1º a 9º anos e Educação de Jovens e Adultos, e não tem uma sala de leitura organizada para o desenvolvimento de práticas leitoras.

Portanto, o objetivo desse projeto é proporcionar condições de formar leitores literários com ações de levar a ler por meio da organização de um espaço de leitura na Escola Professora Rosália Simões Barbosa possibilitando aos usuários o acesso a livros literários e ampliação de repertório cultural. Espera-se com essa proposta que práticas leitoras sejam incorporadas pela escola visando a formação de leitores literários.

4METODOLOGIA

Esse projeto será desenvolvido na Escola Professora Rosália Simões Barbosa. A escolha da escola se justifica por se localizar em bairro periférico do município de Monte Alegre, oeste do estado do Pará, interior da Amazônia, distante dos grandes centros irradiadores de cultura, ofertar ensino fundamental regular de 1º a 9º e Educação de Jovens e Adultos, e não ter um espaço de leitura organizado e em pleno funcionamento.

Após a sua elaboração em agosto de 2017, o projeto será apresentado à escola. Assim, esse Projeto de Intervenção será aplicado no 2º semestre de 2017 e no ano letivo de 2018. Nos meses de setembro e outubro de 2017 faremos uma campanha de arrecadação de livros infantojuvenis no intuito de ampliar o acervo da escola. Utilizaremos para isso, propagação dessa ação via mídias digitais por meio de correio eletrônico, aplicativos de mensagens e redes sociais, além de panfletos de divulgação da campanha a serem distribuídos entre alunos, professores, pais e funcionários. De posse dos livros arrecadados, será feita a organização da sala de leitura e a catalogação dos livros.

⁴⁴ Colônia Agrícola Nacional do Pará.

Em outubro teremos formações com palestras sobre leitura na escola e a divulgação do projeto à comunidade escolar. Em novembro teremos a inauguração do espaço disponibilizando-o à comunidade escolar para visita, empréstimo de livros e abertura aos professores para a implementação de atividades com os alunos nesse espaço.

Nos meses subsequentes faremos o monitoramento do funcionamento do espaço de leitura e as ações de levar a ler na escola, com formação com os professores, Baú Literário, Hora da leitura, Oficinas de leitura: Conhecendo o autor, Bolsão de Indicação Literária, Mural Propaganda da leitura, Vídeo de autores, Carta de Recomendação Literária, Visita a Bibliotecas de outras escolas, Sarau Literário, Perfil da biblioteca em rede social visando aproximar os alunos e professores de autores, ilustradores, museus e eventos relacionado à literatura, intercâmbio de projetos de leitura com outras escolas do município e demais atividades que os professores sugerirem ou implementarem durante a realização desta ação interventiva.

Com relação às formações, no mês de fevereiro será feita uma palestra sobre leitura com os professores, onde se pretende convidar professores das escolas que já têm trabalhos em sala de leitura para compartilhar conhecimentos na escola como a Escola do Km 11 e CANP; e em junho terá oficina de produção de vídeos.

O Baú Literário será uma atividade semanal para as turmas de 1º ao 5º ano em que o professor levará para a sua sala o Baú literário com livros e realizará leitura pública para os alunos, na sequência será feita leitura silenciosa pelos alunos após escolherem livro no baú.

A Hora da leitura será uma atividade de leitura pública da professora lotada na biblioteca onde as turmas de 1º ao 5º ano irão para este espaço para a realização das atividades (o fato de se direcionar apenas às séries iniciais é devido o espaço reduzido da biblioteca que não comporta as turmas de fundamental II porque são maiores).

Oficinas de leitura: Conhecendo o autor é uma atividade a ser desenvolvida de 6º a 9º ano com atividades que evidenciem um autor de livros infantojuvenis com apresentação de vida e obras do escritor e atividades referentes a um dos livros do autor estudado na oficina. A produção dos alunos será exposta em mural a toda a escola e serão enviadas ao autor estudado.

O Bolsão de Indicação Literária consistirá num espaço de divulgação de obras literárias na biblioteca. Dois livros serão colocados em evidência para motivar o empréstimo sempre atentando para a escolha de livros de autores reconhecidos no cenário literário.

O Mural Propaganda da Leitura será um local fora da biblioteca que terá como propósito comunicativo divulgar livros por meio da publicação de textos e ilustrações elaborados

pelos próprios alunos sobre livros lidos. Com isso, busca-se que outros alunos se interessem pela leitura indicada por seus pares.

O Vídeo de Autores trata-se de vídeos produzidos pelos autores de livros infantojuvenis divulgando suas obras de forma direcionada aos alunos da Escola Rosália Simões. Essa atividade é uma tentativa de aproximar os alunos dos autores visto que nos encontramos em lugares distantes dos centros irradiadores de cultura, nos quais estas pessoas se encontram e sendo, também, muito dispendioso financeiramente trazer autores para visitar a escola. Os vídeos serão obtidos por meio da comunicação via redes sociais.

A atividade Carta de Recomendação Literária é uma proposta de escrita acerca da leitura de livros escolhidos pelos alunos para lerem e recomendarem a seus colegas. A troca das cartas pode ser entre as turmas de mesma série entre os turnos ou até mesmo entre alunos de escolas diferentes.

As Visitas a bibliotecas de outras escolas consistem em oportunidades de algumas turmas conhecerem lugares de ler existentes na cidade como as bibliotecas das escolas Imaculada Conceição, Francisco Nobre de Almeida, Fernando Henrique e CarimMelém.

O Sarau Literário será uma oportunidade para os alunos mostrarem seus talentos quanto à literatura para toda a escola. A recomendação de atividades é leitura, declamação, recitação, música, dança e demais apresentações que os alunos optarem por apresentar. Após os trabalhos de sala de aula do 3º bimestre será feito um momento de socialização das atividades literárias para que todos os alunos e funcionários prestigiem as produções dos alunos.

O perfil em rede social se refere à criação de um espaço de compartilhamento de informações literárias no *facebook*. A finalidade dessa ação é proporcionar a aproximação e quiçá o contato direto dos alunos e professores com ilustradores, escritores, museus, páginas e eventos referentes à literatura. Nesse perfil será colocada indicação de leitura diariamente com o objetivo de incitar à leitura através da recomendação de obras.

O intercâmbio de projetos de leitura com outras escolas do município faz referência à troca de experiências com outras escolas abrindo espaço para os alunos apresentarem seus projetos de leitura na Rosália Simões.

Espera-se com essa intervenção a continuidade do espaço de leitura na escola de forma que a comunidade se sinta responsável em manter o funcionamento das ações de levar a ler como um meio de transformação da realidade local, tendo a ciência de que a leitura literária é um direito do cidadão e uma forma de humanização.

5 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2017					2018									
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Ago	Set	Out	Nov
Elaboração do Projeto de Intervenção	X	X													
Apresentação do Projeto na escola			X												
Aplicação do Projeto de Intervenção			X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
Campanha de ampliação do acervo	X	X													
Organização da sala			X	X	X		X								
Catálogo dos livros		X	X	X	X	X	X								
Palestra sobre leitura na escola			X				X					X			
Inauguração do espaço de leitura								X							
Baú Literário								X	X	X	X	X	X	X	X
Hora da Leitura								X	X	X	X	X	X	X	X
Empréstimo de livros			X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X
Oficina: Conhecendo o autor									X			X	X		
Bolsão de Indicação Literária										X	X	X	X	X	X
Mural Propaganda da leitura										X	X	X	X	X	X
Vídeo de autores									X			X	X		
Carta de Recomendação Literária												X			
Visita a Bibliotecas de outras escolas															
Sarau Literário															X
Perfil da biblioteca em rede social										X	X	X	X	X	X
Intercâmbio de projetos de leitura com outras escolas do município													X		

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Andria Arcanjo da Silva; COUTO, Sandra Elena Melgaço. **Criando um Espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 KM 11**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

BRASIL, Lei Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. **Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 01 jun 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura - biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015. ISBN 978-85-69889-00-7 (recurso eletrônico).

CARVALHO, Alzenora Ferreira; GARCIA, Jonadabe de Araújo. **Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

GIROTTI, Cyntia Graziela Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. **Estratégia leitura: Para ensinar alunos a compreender o que leem**. In: SOUZA, Renata Junqueira de [et al] – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

MORAES, Eliana Nascimento de; TELES, Maria Rita Alexandre de Lima. **Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva**. Trabalho de conclusão de curso, UFOPA, Monte Alegre, PA, 2015.

SILVA, E. T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** São Paulo: Cortez, 1984.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998. Tradução: Cláudia Schilling.

Anexo C – Instrumentos de Produção de Dados

ROTEIRO PARA DESCREVER AS ATIVIDADES REALIZADAS PELA COMUNIDADE ESCOLAR NO ESPAÇO DE LEITURA

1. Todos os professores utilizam o espaço de leitura?
2. Quais os outros funcionários que frequentam o espaço?
3. O que fazem? Com que frequência realizam a visita? Que seção mais gostam?
4. Os pais utilizam o espaço de leitura? O que fazem? Com que frequência realizam a visita? Que seção mais gostam?
5. Quem participa da elaboração dos projetos de leitura?
6. Há outras categorias da comunidade escolar que usam o espaço de leitura? Quais? Como usam? A escola permite?
7. Além de alunos e professores há outras categorias envolvidas nos projetos de leitura da escola? Como?
8. A comunidade escolar como um todo participou do processo de criação do espaço de leitura? De que maneira?

ROTEIRO PARA DESCRIÇÃO DA DINÂMICA DA ESCOLA A PARTIR DA IMPLANTAÇÃO DO ESPAÇO DE LEITURA

1. Quem a escola disponibilizou para ficar no espaço de leitura? Qual a formação da pessoa?
2. Horário de funcionamento, pessoas que frequentam, dias que são mais frequentados, políticas de empréstimo.
3. Estrutura do espaço de leitura: divisão dos espaços, arquitetura, acervo, seções mais frequentadas, seções não utilizadas;
4. O tamanho do espaço. Serviços disponíveis. Quantidade de títulos. O que ela oferece?
5. Os professores utilizam o espaço de leitura? Quantos? Quais? Como? O que fazem? Com quem fazem? Parecem felizes? Animados? Estão abertos? Qual o nível de autonomia?
6. Tem rotatividade? Quem frequenta o espaço? As pessoas estão a vontade? As pessoas lêem lá ou só retiram livro? O que buscam?
7. Quem o espaço atinge?
8. Problemas do espaço de leitura.
9. Dificuldades.
10. O que precisa ser melhorado?

ROTEIRO PARA DESCREVER A VIVÊNCIA NO ESPAÇO DE LEITURA

1. Verificar se a escola tem projeto de leitura. Se não tiver, descrever se vai elaborar, como ocorrerá a elaboração. Indicar: quando será realizada, quem vai participar da elaboração, como as informações serão sistematizadas, que ações constituirão o projeto.
2. Descrever as concepções homem, mundo, sociedade, cultura, educação, escola, leitura, aprendizagem, currículo...
3. Descrever as ações propostas quanto à leitura no espaço de leitura.
4. Descrição da organização do espaço de leitura (planta baixa da sala, fotografias mostrando a forma de organização, posição do mobiliário)
5. Conforto (descrição da temperatura, ventilação, iluminação, adequação do espaço à quantidade de alunos que frequentam o espaço e para as atividades desenvolvidas com as turmas no espaço).
6. Os professores usam o espaço? Para quê? Como? Quais professores usam?
7. Mobiliário (quantidade dos móveis; adequação ao tamanho dos alunos e ao tipo de atividades propostas no espaço);
8. Conservação e limpeza (situação de manutenção da sala)
9. O conhecimento é trabalhado na escola por atividades, de forma globalizada, ou por meio de disciplinas, de modo fragmentado?
10. Materiais didáticos disponíveis na sala (cartazes, livros, revistas...);
11. Organização do tempo (como é a rotina do espaço de leitura, como os professores dividem o tempo para as atividades, quando fica disponível para visita e retirada de livros...).
12. Atividades desenvolvidas na sala de leitura (tipos de atividades, frequência com que são desenvolvidas);
13. Participação dos alunos na decisão das atividades. As atividades são definidas apenas pelos professores ou há participação e possibilidade de escolha dos alunos?
14. Normas do espaço e suas definições. Há combinados? Como as regras de convívio e comportamento são definidas? De forma hierárquica ou combinada com os alunos?
15. A relação aluno-aluno é de competição, concorrência, troca, cooperação, solidariedade?
16. A relação Professor- aluno é de troca, respeito, autoritarismo?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DO COTIDIANO ESCOLAR

1. Localização da escola;
2. Público que atende;
3. Estrutura das turmas (número de alunos, adequação da sala de aula ao número de alunos);
4. Estrutura do prédio;
5. Se tem sala destinada à biblioteca;
6. Acervo que a escola detém, onde está, é usado, como?
7. Funcionamento da escola;
8. Recursos (projetor de imagem, mapas, aparelhos de TV, vídeos, computadores, entre outros);
9. Projeto Político Pedagógico da escola;
10. Conselho de classe e reuniões pedagógicas;
11. Projetos desenvolvidos pela escola no decorrer do ano;
12. Atividades de leitura desenvolvidas na escola.

ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO DE LEITURA

1. Funcionário responsável pelo espaço de leitura. Onde estava antes. Ele ler? Que tipo de livros?
2. Atividades que desenvolve no espaço diariamente.
3. Como é um dia normal no espaço (desde o momento que abre até fechar);
4. Quem são os frequentadores? Público atendido / Faixas etárias / Escolaridade / Interesses e solicitações / Atividades mais frequentadas / Atividades menos frequentadas;
5. Foi providenciado regulamento para o espaço? Quem fez? Como?
6. Como é feita a retirada e devolução de livros?
7. A consulta do acervo é franqueada a todos os interessados? Quem pode usar o espaço?
8. Como é o atendimento do espaço de leitura em relação aos acervos?
9. Os professores desenvolvem atividades de leitura no espaço com os alunos?
10. Dificuldades e satisfações no uso do espaço de leitura.
11. Como o espaço de leitura interfere efetivamente na vida da escola (estrutura, organização, relacionamento).

Anexo D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Projeto: Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”.

Pesquisadora: Alessandra Maria de Mesquita.

Orientador: Zair Henrique Santos

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), dessa pesquisa. O **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** visa assegurar seus direitos enquanto participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção aproveitando para tirar suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos

Este projeto de pesquisa tem como tema: Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes” e está vinculado ao Profletras/UFOPA e ao Lelit/UFOPA, segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor. O objetivo deste é investigar as condições e possibilidades de instituir um lugar de levar a ler na Escola Rosália Simões Barbosa, em Monte Alegre, Oeste do estado do Pará. A metodologia adotada consiste em pesquisa de intervenção com a criação de um espaço de leitura na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa, Monte Alegre-PA, de outubro de 2017 a dezembro de 2018. Entre os benefícios deste estudo estão a ampliação do repertório cultural dos alunos, irradiação da cultura letrada, formação de leitores, facilitar o acesso à literatura e disponibilizar um espaço de leitura na escola.

Procedimentos: Participando do estudo você está sendo convidado a:

- ✓ Participar de uma entrevista para que, através do preenchimento de um questionário estruturado nos informe sobre as ações que você desenvolveu ou observou na criação do espaço de leitura na sua escola;
- ✓ Analisaremos o questionário de cada informante;
- ✓ Se caso fizermos alguma gravação oral ou visual com você, serão destruídas logo após a conclusão da pesquisa;

- ✓ Os questionários têm serventia apenas para o uso desta pesquisa e serão destruídos logo após a conclusão deste trabalho.

Desconforto e riscos

Todos os cuidados de natureza ética estão sendo tomados para que não haja constrangimento. O procedimento utilizado possibilita a participação ativa do sujeito no processo de coleta e análise dos dados.

Benefícios:

Esta pesquisa possibilitará a ampliação do nosso conhecimento sobre a formação de leitor. Além disso, proporcionará a divulgação do resultado para outros profissionais da área que estudam os processos de constituição de professores como leitores autônomos e formadores de novos leitores. Este ato de se debruçar sobre os resultados desta pesquisa poderá levar os profissionais interessados a refletirem sobre o seu trabalho e, de posse desse conhecimento, iluminar outras práticas que já vêm sendo aplicadas nas salas de aulas sobre a formação do leitor.

Acompanhamento e assistência:

Não há necessidade de acompanhamento nem de assistência.

Sigilo e privacidade:

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato comigo, com o orientador ou o Conselho de Ética em Pesquisa.

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

As informações desta serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Ressarcimento:

Não haverá necessidade de ressarcimento.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Alessandra Maria de Mesquita, Tv. Justo Santos, 565, Terra amarela, Monte Alegre-PA, (93) 99175-3850, e-mail: sandra_m_mesquita@hotmail.com.

Consentimento livre e esclarecido

Eu,, inscrito(a) sob o RG/ CPF....., abaixo assinado, concordo em participar desse estudo. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Monte Alegre, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

Anexo E – Termo de Anuência da Secretaria de Educação

PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE ALEGRE - PA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MONTE ALEGRE (SEMED)

Termo de Anuência

A Secretaria Municipal de Educação de Monte Alegre está de acordo com a execução do Projeto de Pesquisa intitulado **ESPAÇO DE LEITURA: LEVAR A LER EM “LUGARES DISTANTES”**, desenvolvido pela pesquisadora Alessandra Maria de Mesquita em conjunto com o orientador Professor Dr. Zair Henrique Santos, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Secretaria Municipal de Educação de Monte Alegre assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados e execução das atividades relacionadas ao Espaço e leitura na escola durante os meses de setembro de 2017 a dezembro de 2018.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Monte Alegre-PA, 22 de setembro de 2017.


João Evangelista S. da Fonseca
Secretário Municipal de Educação
Cultura e Esporte
Decreto 460/2017

Anexo F – Termo de Anuência da Escola

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MONTE ALEGRE (SEME)
ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA
ROSÁLIA SIMÕES BARBOSA

**Termo de Anuência**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa está de acordo com a execução do Projeto de Pesquisa intitulado **ESPAÇO DE LEITURA: LEVAR A LER EM “LUGARES DISTANTES”**, desenvolvido pela pesquisadora Alessandra Maria de Mesquita em conjunto com o orientador Professor Dr. Zair Henrique Santos, da Universidade Federal do Oeste do Pará.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Rosália Simões Barbosa assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados e execução das atividades relacionadas ao Espaço e leitura na escola durante os meses de setembro de 2017 a dezembro de 2018.

Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do presente projeto de pesquisa e requeremos o compromisso do pesquisador responsável com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela recrutados.

Monte Alegre-PA, 22 de setembro de 2017.

Sheila Rafaela de A. Rodrigues
Diretora
Dec. nº 011 / 2017
Em: 22/09/2017
(Handwritten signature)

Anexo G – Parecer Consubstanciado do CEP

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Espaço de leitura: levar a ler em "lugares distantes"

Pesquisador: ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 79444717.5.0000.5168

Instituição Proponente: Universidade Federal do Oeste do Pará

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.498.736

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa tem como tema: Espaço de leitura: levar a ler em "lugares distantes" e está vinculado ao Proletras/UFOPA e ao Lelit/UFOPA, segue a linha de pesquisa Literatura infantil, literatura e educação, formação de leitor. O objetivo deste é estudar as (im)possibilidades de formar leitores literários a partir da criação de um espaço de leitura na escola. A metodologia adotada consiste em pesquisa de intervenção com a criação de um espaço de leitura na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa, Monte Alegre-PA, de outubro de 2017 a dezembro de 2018. A pesquisa tem quatro fases: análise situacional, criação do espaço de leitura, monitoramento das ações e avaliação. A base teórica do estudo é: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) e Saviani e Duarte (2010). Os resultados preliminares apontam que o espaço de leitura criado não é incluído no projeto político pedagógico da escola ou as atividades de formação de leitores não correspondem a ações contínuas e coletivas no processo educativo.

Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Estudar as (im)possibilidades de formar leitores literários a partir da criação de um espaço de leitura na escola.

ESPECÍFICOS

Analisar a importância do lugar de levar a ler na escola como espaço de construção do

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399
Bairro: Aparecida **CEP:** 68.040-090
UF: PA **Município:** SANTAREM
Telefone: (93)3512-8013 **Fax:** (93)3512-8000 **E-mail:** cepuepa@outlook.com

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



Continuação do Parecer: 2.498.736

conhecimento "novo";

Refletir sobre a formação de leitores e a importância da leitura de literatura infantojuvenil na escola;

Refletir sobre a importância do formador de leitura literária para o espaço de ler;

Discutir sobre o acesso à literatura no ensino fundamental e as suas implicações para o ensino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Relata como possível risco o constrangimento e destaca como benefícios "esta pesquisa possibilitará a ampliação do nosso conhecimento sobre a formação de leitor. Além disso, proporcionará a divulgação do resultado para outros profissionais da área que estudam os processos de constituição de professores como leitores autônomos e formadores de novos leitores. Este ato de se debruçar sobre os resultados desta pesquisa poderá levar os profissionais interessados a refletirem sobre o seu trabalho e, de posse desse conhecimento, iluminar outras práticas que já vêm sendo aplicadas nas salas de aulas sobre a formação do leitor."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este projeto sobre o "ESPAÇO DE LEITURA: LEVAR A LER EM "LUGARES DISTANTES", importante de se realizar, visto que, a carência de bons leitores é grande em toda região

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentou todos

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências do parecer anterior foram superadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Os pesquisadores deverão apresentar à este CEP, relatórios parciais informando sobre o andamento da pesquisa, assim como o relatório final apresentando os resultados definitivos desta investigação.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1013781.pdf	22/12/2017 18:23:28		Aceito

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399

Bairro: Aparecida

CEP: 68.040-090

UF: PA

Município: SANTAREM

Telefone: (93)3512-8013

Fax: (93)3512-8000

E-mail: cepuepa@outlook.com

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



Continuação do Parecer: 2.498.736

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Alessandra_Maria _de_Mesquita.doc	22/12/2017 18:21:55	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
Orçamento	Orcamento_financeiro.pdf	18/11/2017 00:13:18	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
Outros	Termo_de_compromisso.pdf	21/10/2017 12:59:01	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_escola.pdf	21/10/2017 12:57:39	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_10.docx	21/10/2017 12:54:55	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_9.docx	21/10/2017 12:44:02	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_8.docx	21/10/2017 12:38:21	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_7.docx	21/10/2017 12:33:41	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_6.docx	21/10/2017 12:22:07	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_5.docx	21/10/2017 12:07:22	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_4.docx	21/10/2017 11:56:11	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_3.docx	21/10/2017 11:51:03	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLE_2.docx	21/10/2017 11:41:16	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399

Bairro: Aparecida

CEP: 68.040-090

UF: PA

Município: SANTAREM

Telefone: (93)3512-8013

Fax: (93)3512-8000

E-mail: cepuepa@outlook.com

UEPA - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO PARÁ - CAMPUS
XII - TAPAJÓS



Continuação do Parecer: 2.498.736

Ausência	TCLE_2.docx	21/10/2017 11:41:16	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_1.docx	21/10/2017 11:34:57	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	21/10/2017 11:27:11	ALESSANDRA MARIA DE MESQUITA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTAREM, 19 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
Rodrigo Luis Ferreira da Silva
(Coordenador)

Endereço: Av. Plácido de Castro, 1399
Bairro: Aparecida CEP: 68.040-090
UF: PA Município: SANTAREM
Telefone: (93)3512-8013 Fax: (93)3512-8000 E-mail: cepuepa@outlook.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
REITORIA

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL RUY BARATA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

1. Identificação do autor

Nome completo: Alessandra Maria de Mesquita

CPF: 672.090.252-00 RG: 4036366 Telefone: (93) 99175-3850

E-mail: sandra_m_mesquita@hotmail.com

Titulação recebida: Mestre em Letras

Seu e-mail pode ser disponibilizado na página de rosto?

Sim Não

2. Identificação da obra

Monografia TCC Dissertação Tese Artigo científico Outros: _____

Título da obra: Leitura e biblioteca escolar: uma proposta de levar a ler em "lugares distantes".

Programa/Curso de pós-graduação: Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

Data da conclusão: 04/12/2018.

Orientador: Jair Henrique Santos

E-mail: jair-santos@bol.com.br

Co-orientador: Luiz Percival Leme Brito

Examinadores: Fabiola Ribeiro Farias

3. Termo de autorização*

Autorizo a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) a incluir o documento de minha autoria, acima identificado, em acesso aberto, no Portal da instituição, na Biblioteca Ruy Barata, no Repositório Institucional da Ufopa, bem como em outros sistemas de disseminação da informação e do conhecimento, permitindo a utilização, direta ou indireta, e a sua reprodução integral ou parcial, desde que citado o autor original, nos termos do artigo 29 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Essa autorização é uma licença não exclusiva, concedida à Ufopa a título gratuito, por prazo indeterminado, válida para a obra em seu formato original.

Declaro possuir a titularidade dos direitos autorais sobre a obra e assumo total responsabilidade civil e penal quanto ao conteúdo, citações, referências e outros elementos que fazem parte da obra. Estou ciente de que todos os que de alguma forma colaboram com a elaboração das partes ou da obra como um todo tiveram seus nomes devidamente citados e/ou referenciados, e que não há nenhum impedimento, restrição ou limitação para a plena validade, vigência e eficácia da autorização concedida.

Santarém, 30/01/2019.

Alessandra Maria de Mesquita
Assinatura do autor

4. Tramitação

Secretaria / Coordenação de curso

Recebido em ___/___/____. Responsável: _____

Siape/Carimbo